



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ANTROPOLOGIA SOCIAL

Jônatas Stritar Alaman

Homens nos mercados do sexo online: marcadores sociais, experimentações, diferenciações
e (im)permanências

Florianópolis

2023

Jônatas Stritar Alaman

Homens nos mercados do sexo online: marcadores sociais, experimentações, diferenciações e (im)permanências

Dissertação submetida ao Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social da Universidade Federal de Santa Catarina para a obtenção do título de Mestre em Antropologia Social.

Orientadora: Prof.a Dr.a Alinne de Lima Bonetti

Florianópolis

2023

Ficha de identificação da obra elaborada pelo autor, através do Programa de Geração Automática da Biblioteca Universitária da UFSC.

Stritar Alaman, Jônatas

Homens nos mercados do sexo online : marcadores sociais, experimentações, diferenciações e (im)permanências / Jônatas Stritar Alaman ; orientadora, Alinne De Lima Bonetti, 2023.
138 p.

Dissertação (mestrado) - Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de Filosofia e Ciências Humanas, Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social, Florianópolis, 2023.

Inclui referências.

1. Antropologia Social. 2. mercados de sexo online. 3. trabalho sexual. 4. marcadores sociais. 5. diferenciações. I. De Lima Bonetti, Alinne. II. Universidade Federal de Santa Catarina. Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social. III. Título.

Jônatas Stritar Alaman

Homens nos mercados do sexo online: marcadores sociais, experimentações, diferenciações e (im)permanências

O presente trabalho em nível de Mestrado foi avaliado e aprovado, em 29 de Setembro de 2023, pela banca examinadora composta pelos seguintes membros:

Profa. Dra. Alinne de Lima Bonetti
Universidade Federal de Santa Catarina

Profa. Dra. Sônia Weidner Maluf
Universidade Federal de Santa Catarina

Prof. Dr. Guilherme Rodrigues Passamani
Universidade Federal de Mato Grosso do Sul

Certificamos que esta é a versão original e final do trabalho de conclusão que foi julgado adequado para obtenção do título de Mestre em Antropologia Social.

Insira neste espaço a
assinatura digital

Coordenação do Programa de Pós-Graduação

Insira neste espaço a
assinatura digital

Profa. Dra. Alinne de Lima Bonetti
Orientadora

Florianópolis, 2023.

Ao meu pai, Pedro; à minha mãe, Lucimara

Aos meus avós, Lucy e José

AGRADECIMENTOS

Dedico este trabalho aos que fizeram/fazem parte de meus processos. Mesmo que não saibam ou não tenham percebido, o apoio e a companhia foram, e são, meu sustento durante esta jornada. Aos que me fogem à memória no momento da escrita.

Aos colegas de Ciências Sociais - UFMS. Rememoro momentos de risadas, trabalhos construídos conjuntamente, escutas, angústias e cafés compartilhados no sofá do Caciso. Começo aí e os carrego até agora. Por isso, obrigado Fernanda Campos, Giovanna Sosa, Giovanna Borges, Maria do Carmo, Rebeca Azevedo, Fernando Filho, Josafá Borges, Hari Freitas, Camila Jara e Ladielly Souza. Aos veteranos e calouros que também fizeram parte destes momentos.

Aos da minha casa-natal no Pantanal mirandense: Joslaine, João Augusto, Andressa, Betty e Ellenara. Àqueles da minha primeira casa-levantada em Campo Grande e que sempre estão aguardando quando decido voltar. Me vejo em vocês, Gilmar, Guilherme, Ygor, Victor, Gustavo e Wilker.

Aos encontros da UFSC, em momentos onde mais precisei no Sul do País. Tatiana Lopes, sua presença e escuta foram meus pilares durante minhas descobertas neste turbilhão de desafios, muito obrigado. Agradeço o companheirismo proporcionado pelo NIGS em salas de estudos, discussões no GENIGS e pelas leituras e contribuições nas “rodas de ori”. Por isso, obrigado Adriana Angerami, Alana Verani, Tatiane Cerqueira, Bruna Fani, Daniel Stack, Aleixo, Vitória Alves, Carol Bergmann e Pâmela Laurentina.

À turma do Mestrado - 2021.

Às minhas referências tecidas aos poucos em Florianópolis, que deixaram o solstício de inverno menos paralisante. Michel, Marcos e Carlos, obrigado pelas conversas. Às meninas (e meninos) do 403: Carol, Luara, minha veterana Talita, Eduardo e Cícero. Me carregaram com leveza às praias e aos almoços de domingo.

Ao Erick, pelo amor, carinho, amizade, escuta, presença e devoção. Se aproximou no desabrochar e aquecer da primavera.

Obrigado, Cristiele, pelos conselhos. Aos poucos estou aprendendo a botar os ovos e a cacarejar!

Aos professores/as da UFMS que são minhas referências até hoje. Em especial Tiago Duque, Victor Miranda e Guilherme Passamani.

Aos professores/as e funcionários/as do PPGAS/UFSC. À professora Miriam Grossi pela acolhida e à professora Sônia Maluf pela leitura atenta de minhas tentativas desde a qualificação até a banca de defesa.

À Profa Alinne pela paciência, escuta e orientação. Obrigado.

Aos meus pais, avós e irmãs. Espero que os seus sacrifícios se façam transparentes em minhas conquistas, que são nossas. Ágatha, sua inocência me conserva.

Aos interlocutores que decidiram compartilhar suas experiências comigo.

Ao Dan.

Especial agradecimento à CAPES - Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior, pelo financiamento durante boa parte de meu mestrado, no qual sem ele não teria a possibilidade de ter crescido junto às experiências vivenciadas na universidade neste meio-tempo.

When you have a child, so begins the braiding

And in that braid you stay

(Aldous Harding - The Barrel)

RESUMO

Este trabalho procura discutir questões que articulam o fenômeno dos mercados do sexo em sua interconexão com o avanço de mediadores digitais contemporaneamente. A partir de observações etnográficas em dois sites de acompanhantes, bem como em redes sociais, visa tecer as conexões, e também fronteiras, estabelecidas entre distintas atividades exercidas por profissionais do sexo. A análise desenvolvida versa sobre as estratégias utilizadas por homens nos mercados do sexo e suas experiências com relação aos regimes que organizam este universo. Assim, é destacado que, atualmente, são constituídas hierarquias entre atividades dos mercados do sexo que, com a emergência de determinadas atividades possibilitadas pelo online, gerem processos de diferenciação entre distintas frentes do trabalho sexual, bem como em cada uma destas também são organizadas relações de diferença entre os sujeitos aí inseridos. Tais experiências são analisadas em diálogo com debates sobre o fenômeno da prostituição masculina, procurando apresentar outros contornos teórico-metodológicos ao campo de estudos.

Palavras-chave: Prostituição masculina; Mercados do sexo online; Marcadores sociais; Diferenciações.

ABSTRACT

This work seeks to discuss issues that articulate the phenomenon of sex markets in their interconnection with the advancement of contemporary digital mediators. Based on ethnographic observations on two escort websites, as well as on social networks, it aims to weave connections, and also boundaries, established between different activities carried out by sex workers. The current analysis deals with the strategies used by men in the sex markets and their experiences in relation to such regimes that constitute this universe. Thus, it is highlighted that, currently, hierarchies are constituted between activities in the sex markets that, with the emergence of certain activities made possible by the online, create processes of differentiation between different fronts of sex work; as well as in each of these activities, relations of difference between the subjects inserted therein are organized. Such experiences are analyzed in dialogue with debates on the phenomenon of male prostitution, seeking to present other theoretical and methodological contours to this field of studies.

Keywords: Male prostitution; Online sex markets; Social markers; Differentiations.

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO.....	13
2. PERAMBULAÇÕES DIGITAIS: PESQUISANDO PELAS FRONTEIRAS.....	20
2.1. MERCADOS DO SEXO ONLINE: O QUE HÁ DE NOVO?.....	24
2.2. ESTRATÉGIAS METODOLÓGICAS: O CAMPO EM MOVIMENTO.....	27
2.2.1 Dos interlocutores.....	35
2.2.2 Observando, flutuando, <i>clitando</i>...: o universo de pesquisa.....	39
2.3. DESAFIOS ÉTICOS E O CAMPO DA PROSTITUIÇÃO MASCULINA.....	47
2.3.1 E o off? notas sobre (des)encontros etnográficos.....	52
3. O MERCADO MASCULINO DO SEXO E O MUNDO DIGITAL: FRONTEIRAS FLUÍDAS.....	56
3.1. CORPO, TEXTO E IMAGEM: A QUEM SE DESEJA NOS MERCADOS DO SEXO?.....	57
3.2. MEIOS DE INSERÇÃO, INICIAÇÃO E INDIVIDUALIZAÇÃO.....	62
3.2.1. “Nossa, bixa... Cobra!”: experimentações digitais e (im)permanências nos mercados do sexo.....	66
3.2.2. Políticas de visibilidade: exposição de si e novas ferramentas.....	74
3.3. PROCESSOS DE DIFERENCIAÇÃO ENTRE DOIS SITES DE ACOMPANHANTES MASCULINOS.....	82
3.3.1 Noções de luxo, classe e experiências de diferenciação a partir da prostituição em sites de acompanhantes masculinos.....	89
4. O “CARDÁPIO” HOMOSSEXUAL: REFERENCIAIS DE MASCULINIDADES E A VAZÃO DO DESEJO.....	101
4.1. NO NEGÓCIO DOS DESEJOS: MASCULINIDADES E MARCADORES SOCIAIS DA DIFERENÇA.....	105
4.1.2. Estratégias (outras) de diferenciação no cardápio sexual.....	112
4.1.3. “Já tomou, agora é minha vez de tomar”: dos prazeres, desejos e negociações... 116	116
5. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	127
REFERÊNCIAS.....	131

1. INTRODUÇÃO

“Economias sexuais”, “mercados do sexo” ou “indústria do sexo” são variações possíveis encontradas na bibliografia que procuram dar conta das relações que se estabelecem a partir de acordos transacionais que envolvem interações afetivo-sexuais, ou sua representação, e bens materiais e simbólicos. Considera-se que as diferenças entre estes conceitos se referem às limitações que cada um pode tomar quando se está querendo abranger um fenômeno complexo e variado como é o trabalho sexual.

Estou de acordo com as formulações de Adriana Piscitelli (2016) quando afirma que a noção de mercados do sexo remete a duas questões: o fenômeno da prostituição não se acomodando aos termos de "indústria" e a referência à atividade de prostituição sendo comumente reducionista das diferentes interações que se estabelecem em intercâmbios sexuais e comerciais que não são percebidas por essa alcunha. O "mercado", então, de mercados do sexo, amplia a noção de produção/consumo características deste termo e

remete ao vasto terreno dos intercâmbios materiais e simbólicos mediante os quais se organiza o social. Essa ideia alargada de mercado contribui para considerar que os mercados do sexo envolvem não apenas intercâmbios caracterizados como “comércio”, mas também outras trocas que não são assim concebidas e podem, até ser pensadas como dádivas (*Ibid.*, p. 4).

Entretanto, aqui ainda me parece que estamos nos referindo às relações entre sujeitos que, de alguma forma, ainda mantêm em cerne o contato físico, mas não somente, entre duas pessoas. Em contrapartida, Laura Agustín (2005) destaca a miríade de sujeitos, agências e contextos que fazem parte de uma estrutura organizacional maior que envolvem uma escala global de incentivo, comercialização e veiculação dos fenômenos atrelados aos mercados do sexo.

A ‘metodologia’ de falar somente com aqueles que trabalham nas ruas omitem a todos os demais que trabalham em bordeis ou casas de prostituição, clubes de alterne, bares, cervejarias, discotecas, cabarés e salões de coqueteis; em linhas telefônicas eróticas ou o sexo virtual pela Internet; em sexshops com cabines privadas; em casas de massagem, de relaxamento, de desenvolvimento do ‘bem-estar físico’, e das saunas; em serviços de acompanhantes (*callgirls*. acompanhantes masculinos) e agências matrimoniais; como atores de filmes, vídeos e revistas pornográficas; em restaurantes erótico, serviços de dominação ou

submissão, em complexos turísticos e apartamentos particulares.¹ (*Ibid.*, p. 118, tradução própria)

Apesar dessas autoras trabalharem primordialmente com mulheres nestes mercados do sexo (Piscitelli, 2008, 2013; Kamala Kempadoo, 2000)² e o espaço que essas ocupações tomam na vida das que ali estão envolvidas, é interessante destacar que as experiências analisadas, e a produção teórica sobre estes mercados, também podem ser utilizadas quando pensamos na realidade de homens envolvidos neles.

Nesta pesquisa procuro entender as experiências de homens que estão inseridos em diferentes atividades dos mercados do sexo, pensando sua articulação com ferramentas digitais e as transformações que, ao meu ver, deram novos contornos ao trabalho sexual e à forma com que este é concebido e experienciado pelos sujeitos que dele fazem parte. Minhas análises terão como base observações e entrevistas elaboradas a partir de dois ambientes online distintos: observações e seleção de interlocutores a partir de dois sites de acompanhantes masculinos e observação e seleção de criadores de conteúdo online a partir de seus perfis na rede social Instagram.

Para o pano de fundo desta pesquisa, destaco que são necessárias diferenciações que afastam as análises empreendidas sobre o fenômeno da prostituição feminina para o da masculina. Por exemplo, noções que envolvem as relações de prostituição exercidas por mulheres fortemente implicam que as experiências dessas pessoas estão marcadas por processos de exploração e desigualdades que limitam drasticamente suas brechas para ação e suas agências (Sherry Ortner, 2007).

No caso das mulheres, existe todo um histórico de luta para descriminalização e desestigmatização da prostituição, envolvendo demandas que levem em consideração suas agências, vontades e direitos (José Miguel Olivar, 2013). No caso da prostituição masculina ainda me parece ser ínfimo o número de sujeitos que vocalizam suas inserções nesses mercados a partir de um imperativo que respeite a escolha dessa atividade nos termos que são propostos por mulheres neste mercado.

¹ No original: “La ‘metodología’ de hablar sólo con los que trabajan en la calle omite a todos los demás que trabajan en burdeles o casas de citas, clubes de alterne, bares, cervecerías, discotecas, cabarets y salones de cóctel; en líneas telefónicas eróticas o en sexo virtual por Internet; en sex shops con cabinas privadas; en casas de masaje, de relax, de desarrollo del ‘bienestar físico’ y de sauna; en servicios de acompañantes (call girls, chicos de alquiler) y en agencias matrimoniales; como actores en cine, video y revistas pornográficos; en restaurantes eróticos, servicios de dominación o sumisión, en complejos turísticos y en pisos particulares” (Agustín, *op. cit.*, p. 118).

² Como maneira de dar visibilidade à produção intelectual de mulheres e de situá-las no campo epistemológico e de produção científica, comumente tensionados no masculino, as referências levarão em conta o primeiro nome das/dos intelectuais mencionadas/os, quando citadas/os pela primeira vez.

A questão da profissionalização, por exemplo, respeitaria aqui a outros termos que não os necessariamente articulados a movimentos políticos de mulheres que demandam uma maior visibilidade à atividade e às questões emergentes das pessoas envolvidas nestes mercados (Carolina Bonomi, 2019). Entretanto, ainda foi requerido em momentos com interlocutores a precisão do serviço de acompanhante, uma das atividades focadas nesta pesquisa, como um trabalho. E aqui, acredito que a individualidade conte bastante por respeitar a como cada sujeito interpreta essa atividade e como cada um se mobiliza para dedicar-se integralmente, ou não, a ele.

Como as nomações sobre essa atividade, e sobre quem a exerce, foram mobilizadas de diferentes maneiras em diferentes momentos entre os interlocutores, assim como também foi observado em dois sites analisados nesta investigação, fica difícil delimitar sobre quais termos são precisos para descrever esse fenômeno em específico. Talvez nem seja necessário tomar cuidado quanto aos seus usos, pois “michê”, “boy”, “garoto de programa”, “acompanhante”, “prostituto”, entre outros, são acionados esparsamente e utilizados como signos instáveis de classificação entre os homens contatados para esta pesquisa. Os termos importam, em momentos, para descrever justamente as diferenciações que são produzidas dentro dessa atividade, bem como desta com outras nos mercados do sexo, mas deve-se tomar cuidado para referenciar essas nomenclaturas com certa fixidez. E diferenciações tornam-se uma das palavras-chave para entendermos estas experiências.

Deve-se entender que as atividades dentro os mercados do sexo podem se localizar em um espectro maior considerando estes sujeitos como atores que levam a cabo projetos pessoais dentro um miríade de possibilidades e atividades, sendo a prostituição, ou serviço de acompanhante, e a produção de conteúdo erótico online, outra atividade focada nesta pesquisa, trabalhos que detêm suas particularidades, apresentam suas fronteiras, e demandam um acomodamento variável a depender do sujeito, dentro as exigências que estas atividades podem vir a apresentar. Isto é, sendo estes trabalhos localizados como fonte de renda principal ou secundária na vida destas pessoas ou o quanto cada um despense para realizar, com maior ou menor sucesso, tais atividades.

O que gostaria de destacar aqui é como as atividades dos mercados do sexo apresentam, entre si, fronteiras que devem ser consideradas e delimitadas com relativa precisão, a partir do que me informaram certos interlocutores. Tom³, um dos interlocutores

³ Nome fictício. No próximo capítulo apresento os interlocutores desta pesquisa mais detalhadamente. Por enquanto, adianto que Tom foi um interlocutor com quem entrei em contato a partir de seu perfil na rede social Instagram quando este se apresentava como produtor de conteúdo pornográfico e que, após conversas por

desta pesquisa, questionou-me sobre o intuito da minha pesquisa, meses após termos conversado por WhatsApp, dizendo “*apenas não entendi a pesquisa comigo*”. Nesta conversa me estabeleceu, novamente, distinções que são muito caras para si e sua profissão enquanto ator pornô/criador de conteúdo. A discussão em torno da terminologia correta ou de qual categoria deveria trabalhar, ou dos cuidados necessários aos contornos do meu objeto de pesquisa, explicitam, mais uma vez, as tensões dispostas nos mercados do sexo e as fronteiras criadas entre elas, e que acredito serem cruciais para o tema dessa dissertação.

Tom: Nem todo profissional do sexo é acompanhante

Pesquisador: Eu entendo! Acho que as definições variam de sujeito para sujeito

Tom: Você focou em prostituição. Garotos de programa.

Pesquisador: Mas eu parti principalmente de pessoas que são acompanhantes e também produzem conteúdo/são atores pornô.

Tom: Se eu fosse sua banca diria isso. Você está falando de Profissional do sexo ou somente acompanhantes?

Pesquisador: São com pessoas inseridas nos mercados do sexo e suas diferentes relações com as atividades que estão aí inseridas. Posso te mandar o texto depois se quiser dar uma lida e dialogar.

Tom: Ué, um produtor ou dono de site está no mercado do sexo. E não tem relação com prostituição. São apenas minhas indagações. Pode me mandar sim. Mas realmente acho uma pena ter juntado os temas pornô e acompanhantes

Pesquisador: Mas por que um acompanhante não pode ser um profissional do sexo?

Tom: Não discuto isso. Se sim ou não. O criador de conteúdo necessariamente não precisa ser acompanhante. Um acompanhante já é um profissional do sexo. Um ator não precisa ser um acompanhante, nem um produtor e diretor. E mesmo assim são profissionais do sexo. Pois lidam com isso.

Pesquisador: Mas para mim realocá-los nesta categoria não presume que todos sejam uma coisa só, mas sim que são profissionais e trabalham com o sexo em alguma medida. Agora se realizam encontros com clientes e se consideram acompanhantes, vai de cada um... ou se só produzem conteúdo/são atores...

Tom: Triste ao meu ver. Luto pra tirar esse estigma.

Pesquisador: Me parece que você considera um demérito ser acompanhante

Tom: E você como muitos reafirmam isso. Sem preconceito. São coisas diferentes. Conheço há anos rapazes que só foram atores na área.

Pesquisador: Eu entendo e tenho certeza de que na minha pesquisa isso vai ficar claro

Tom: Há um estereótipo sobre ator pornô que muitos criadores de conteúdo teimam em manter: transamos com Deus e o mundo e por isso muitos são garotos de programa, viemos de famílias desestruturadas, somos consumidores de drogas e com pouco estudo e cultura. Se você ouvisse o que me perguntam, entenderia isso. (Troca de mensagens pelo aplicativo de mensagens WhatsApp, 11 de julho de 2023)

A luta de Tom ao desvencilhar as distintas atividades pode se relacionar com diversos motivos. Apesar de dizer que não tem “*preconceitos*”⁴, vemos que existe um espaço reservado às moralidades adjacentes às atividades nos mercados do sexo, e a

Whatsapp, me deixou a par dos seus anos de experiência que obteve enquanto ator/produtor pornográfico. Tom é branco e aparenta estar com 40 anos de idade.

⁴ Sobre as convenções de escrita de que lançarei mão ao longo do texto: uso itálico entre aspas quando retiro exemplos de campo, como falas de interlocutores, e itálico sem aspas quando incorpo palavras proferidas pelos entrevistados a ponto de complementar frases em vista de construir meus argumentos.

prostituição/serviço de acompanhante ocupa um lugar marginalizado. Entretanto, suas colocações nos fazem, sim, questionar as maneiras com que usamos certas categorias. A noção “profissional do sexo” como guarda-chuva, por exemplo, pode imiscuir, de fato, as diferenças entre as atividades com as quais algumas pessoas, como Tom, *lutam* para manter. Entretanto, são nessas fronteiras que devemos localizar a atenção, principalmente se a porosidade entre elas são constitutivas das experiências dos indivíduos inseridos nos mercados do sexo.

Pesquisador: Mas em meu campo, com alguns dos quais eu conversei e das experiências de cada um, essas atividades se misturam. Eu não digo que é obrigatório, que uma coisa leva a outra. Me parece que o esforço aqui é afastar a prostituição a todo custo...

Tom: Uhhh aí você chegou no tema. Então está falando de prostituição

Pesquisador: Também, mas não só

Tom: Na verdade, como eu disse, você está querendo unir as coisas como se fossem uma só. Ideia: não afastar, mas mostrar que são temas diferentes

Pesquisador: Tudo bem! (Troca de mensagens, 11 de julho de 2023).

Estas indagações feitas por Tom me fizeram perceber duas questões importantes: os cuidados necessários com uso de certas terminologias como categorias descritivas neutras; e o problema em partir de minhas próprias percepções e posições políticas sobre o fenômeno dos mercados do sexo em obscurecer os diferentes sentidos atrelados a estas atividades.

Entretanto, além destas questões, percebo agora que localizar os sentidos atribuídos ao trabalho sexual e os interlocutores dos quais eu conheci, sejam eles somente acompanhantes ou somente produtores de conteúdo, ou que estes realizam ambas as atividades, é um exercício que deve, ao fim, ajudar a entendermos as complexidades políticas e subjetivas do fenômeno dos mercados do sexo contemporaneamente. Essa relação neste campo de estudos também foi percebida na pesquisa de Lorena Caminhas (2020) sobre a prática de *camming*

Compreendi que o esforço investigativo não deveria estar focado em delimitar o webcamming como sexo, strip-tease, pornografia, mas perceber que as diferentes formas de nomeação da prática a posicionam em relação aos demais ramos de comércio de sexo e erotismo, aproximando-a de alguns e distanciando-a de outros. Destarte, as formas de denominação consistem em estratégias desenvolvidas diariamente pelas pessoas envolvidas no WEC, com finalidades específicas (sobretudo para afastar certos estigmas). A minha posição em relação ao estudo se transformou quando me atentei para a miríade de nuances que existem na escolha dos vocábulos acionados e nos modos de argumentar e justificar determinada demarcação do camming (*Ibid.*, p. 17).

Aqui já reafirmo o que disse ao Tom e estou de acordo com Caminhas. Procuo entender as nuances atreladas por cada indivíduo com o qual conversei com relação as suas experiências nos mercados do sexo. Cada atividade apresenta sua história, sua política e suas especificidades com relação às estratégias pessoais investidas por cada sujeito que aí decide fazer parte.

Muitas dessas diferenciações são pano de fundo desta dissertação. O que dizem os acompanhantes sobre seus trabalhos e as nuances atreladas às diferentes atividades, se estes também produzem conteúdos pornográficos ou não, recebem destaque aqui. As próprias diferenciações que Tom atribui ao trabalho de acompanhante também são interessantes para contrapomos às narrativas de alguns interlocutores desta pesquisa, como veremos adiante.

Tom: Ah tem detalhe. Acompanhantes não escolhem clientes. Atores criadores de conteúdo escolhem com quem gravar. Se são produtoras claro, é outra história

Pesquisador: Entendi. Engraçado comentar isso. Porque um interlocutor meu vivia enfatizando que ele se diferenciava de outros acompanhantes porque ele "poderia escolher"

Tom: Aí não entendo. Você tem um produto com preço numa loja, ok? Compra quem pode pagar

Pesquisador: Faz sentido, mas não me parece que, no fim das contas, o problema é o fato de ocorrer um contato com um cliente?

Tom: Mercadoria tem preço. Tenho amigos que jogam valor acima quando não se interessam em atender. Se o cara cobre, fazem. Profissional do sexo é muito amplo.

Sugiro: foca em acompanhantes. Se você falasse isso pra mim iria perguntar: e outras categorias? Stripper, massagistas, atores, terapeutas, etc. São profissionais. Lidam com sexo. Em estilos diferentes (Troca de mensagens pelo aplicativo de mensagens WhatsApp, 11 de julho de 2023).

Destaco que as escolhas metodológicas que me fizeram percorrer por certos ambientes digitais, conversar com determinados sujeitos e levantar questões específicas do trabalho sexual não devem ser lidas como uma tentativa de borrar as especificidades destas experiências. Levar em consideração a internet e as atividades que ela enseja, bem como as potencialidades que certos ambientes online, como o Instagram, produzem para o trabalho sexual atualmente, deve apontar, ao fim, para as produções de sentidos que estão em jogo e em constante atrito. Também deve indicar que o trabalho sexual envolve diferentes atividades e, mais importante, diferentes noções atribuídas subjetivamente por cada indivíduo a elas. E aqui acredito se situar o potencial etnográfico em destacar as experiências resumidas nas estratégias acionadas a partir de diferentes atores, em diferentes contextos, e em diferentes frentes do trabalho sexual.

A fim de uma leitura clara e contínua, me refiro às diferentes atividades exercidas pelos interlocutores desta pesquisa a partir da noção de “trabalho sexual”, pois estão, em

maior ou menor grau, envolvidos na comercialização do sexo, ou sua representação, em troca de valores que podem vir a ser monetários ou não. As problemáticas do contato físico com clientes, o exercício de uma ou mais atividades ou a autopercepção de cada indivíduo sobre si e onde cada um se localiza dentro da miríade de frentes disponíveis atualmente, serão trabalhadas ao longo do texto.

Esta dissertação está organizada em três capítulos, além desta introdução e conclusão. No próximo capítulo, intitulado “Entre perambulações digitais”, descrevo minhas escolhas metodológicas, os caminhos percorridos para a construção do objeto, das questões e do universo de pesquisa, bem como discorro sobre entraves éticos e as dificuldades encontradas em campo. No capítulo dois analiso experiências de interlocutores de modo a compreender seus processos de inserção nos mercados do sexo e o lugar da internet neste processo. Observações e análises sobre os usos de redes sociais e sites de acompanhantes estarão em foco. Diferenciações entre as atividades de produção de conteúdo online, serviço de acompanhante e entre experiências destes sujeitos com a internet também serão trabalhadas.

Já no terceiro capítulo enfoco as experiências de três interlocutores com o serviço de acompanhante e discuto problemas, sobre o campo da prostituição masculina, que guiaram parte de minha pesquisa e que versam sobre a articulação de marcadores sociais da diferença na constituição das interações afetivo-sexuais destes sujeitos com seus clientes.

2. ENTRE PERAMBULAÇÕES DIGITAIS: PESQUISANDO PELAS FRONTEIRAS

Esta dissertação se localiza em um percurso teórico-metodológico que se estende desde a minha graduação. Ao observar trabalhadores do sexo em um site de acompanhantes em Portugal (Jônatas Alaman, Guilherme Passamani, 2021; Jônatas Alaman, Guilherme Passamani e Victor Rosa, 2022), tive acesso a um universo contido; isto é, para além de estar localizado em um contexto transnacional com homens se anunciando em Portugal, estava restrito às páginas do site, com suas fotos e descrições. À época não me debrucei profundamente sobre o uso destas ferramentas, mas, atualmente, tendo me voltado ao contexto nacional e observado alguns sites de acompanhantes masculinos, percebo a proeminência destes, bem como de outros contextos virtuais, para o exercício do trabalho sexual contemporaneamente.

Na literatura especializada, os contextos virtuais são destacados pelas suas dinâmicas próprias de interação entre usuários e nas suas expressões da sexualidade (Carolina Parreiras, 2008; Débora Leitão e Laura Gomes, 2018). Ou, como no caso dos espaços para sociabilidades homossexuais (Richard Miskolci, 2009), são descritos como altamente marcados por processos de hierarquização entre sujeitos e seus marcadores da diferença, como a “raça”⁵, como por exemplo, os aplicativos de encontro gays (Keith Kurashige, 2014).

No caso da oferta do sexo pago, as dinâmicas que antes eram habituais em contextos como rua, como na clássica etnografia de Néstor Perlongher (1987) na cidade São Paulo e em saunas, como nas etnografias de Victor Barreto (2017), Élcio Santos e Pedro Paulo Pereira (2016), concorrem com o crescente uso de ferramentas digitais para o exercício do trabalho sexual (Victor Barreto, 2019; José Jesus, 2021). No caso das etnografias citadas, as economias libidinais homossexuais são fortemente marcadas por processos de diferenciação (Avtar Brah, 2006) que, no caso da pesquisa seminal de Perlongher, organizam todo um território físico - e também simbólico - que produz categorizações as quais informam subjetividades, mas também são pólos norteadores do desejo homossexual. As masculinidades (Raewyn Connell, 2005), a classe e a cor/”raça” são eixos primordiais para o exercício da prostituição masculina, bem como também na economia erótica homossexual (ou entre homens), como é destacado no trabalho de Thiago Oliveira (2016) sobre práticas de *pegação* entre homens.

⁵ Uso raça entre aspas duplas neste texto dissertativo para denotar seu caráter enquanto categoria de análise, mas também êmica para os interlocutores desta pesquisa (Osmundo Pinho, 2008).

No caso de minha pesquisa, esse desejo pode ser etnografado quando percebemos, por exemplo, nas performatividades (Judith Butler, 2018) dos anúncios, com suas fotos e descrições, produções de gênero e sexualidade (Connell, James Messerschmidt, 2013) imperantes no exercício da prostituição masculina, como a inclinação ao culto da masculinidade viril, sustentada por uma atividade sexual ativa e, por vezes, violenta (Perlongher, 1987). Entretanto, em contrapartida, podemos também arriscar como esses novos meios de mediação do sexo pago ensejam outras possibilidades no exercício desse trabalho em uma reorganização de hierarquias libidinais entre homens, entre desejáveis ou indesejáveis marcadores sociais da diferença (Luis Hirano, 2019; Sacho Lambevski, 1999), como raça e classe, com a expansão dos mercados do sexo virtualmente.

Parte das questões consideradas para essa pesquisa se encontra na esteira de indagações produzidas em minhas observações de sites de acompanhantes e entrevistas com brasileiros inseridos nos mercados do sexo transnacionais (Piscitelli, 2013). Enquanto naquele primeiro momento estava preocupado em destacar as experiências de brasileiros em processos de exotização (Igor Machado, 2008) em Portugal, nesta pesquisa me pergunto, agora, do impacto dos usos de ferramentas digitais para o acionamento do trabalho sexual, e quais seriam as configurações dos mercados do sexo em níveis locais, mas também nacionais.

Os contornos das questões de pesquisa foram sendo desenvolvidos ao passo em que era introduzido a um universo de mobilizações e estratégias para o acionamento do trabalho sexual, bem como em entrevistas me eram destacadas experiências pessoais com o serviço de acompanhante que não havia aprofundado nas pesquisas anteriores e que me pareciam diferir do que tinha encontrado na literatura sobre prostituição masculina, e mercados do sexo, até então. Conforme me indagava sobre o espaço que a internet e os meios de comunicação ocupam nos processos de inserção nos mercados do sexo, me questionando quais marcadores sociais da diferença poderiam aí influenciar, continuava observando sites de acompanhantes, enquanto tentava estabelecer contatos com os sujeitos que ali se anunciavam.

Em paralelo a isto, estava intrigado com a dinâmica que me era apresentada nos sites em que visitava, e comparava com os anúncios de acompanhantes que habitualmente acostumei a ver se anunciando em Portugal. Em Portugal, era comum me deparar, nas observações dos sites, com uma mobilização que era adjetivada constantemente como “Brasileira”. Essas enunciações explicitamente versavam sobre uma diferença entre nacionalidades onde a origem, o Brasil, já articulava marcadores específicos, como a cor em uma “*morenidade*” clássica dos brasileiros, assim como também em aspectos que

intensificavam a potência sexual e as performatividades (Butler, 2018) viris desses sujeitos (Jônatas Alaman, Guilherme Passamani, 2021).

Estas performatividades nos mercados do sexo encontram um eco ainda maior quando entendemos que certas expressões de gênero e sexualidade são maleáveis o suficiente para se encaixarem em determinados mediadores que possibilitam o contato entre clientes e trabalhadores. O uso de sites e redes sociais, por exemplo, constitui uma base comunicacional potente no qual os observadores engajam com o que é apresentado, visível. Esses códigos, no que se referem às masculinidades, reproduzem o que é esperado de um acompanhante masculino, mas também abrem brechas para o ensejo de outras performatividades que fogem ao padrão esperado.

Supondo que as diferenças entre os anunciantes sejam de uma ordem que respeita a articulações entre marcadores sociais, vocalizando uma multiplicidade maior que referencia a uma dinâmica nacional de hierarquias de desejo, e também uma lógica contextual de mobilização de certos atributos corporais e simbólicos para o exercício do trabalho sexual, me perguntava quais seriam as especificidades da cidade de Florianópolis e quais elementos eram frequentemente mobilizados pelos anunciantes.

Variedade de anúncios. Uns com fotos profissionais, outros com fotos caseiras (o que me interessa mais), outros com nenhuma descrição e fotos que nem mostram o rosto, outros com os perfis completos, mais tradicionais. O que isso informa sobre o campo e os possíveis ‘tipos’ de prostituição? Em comparação com campos comuns da prostituição, como saunas e ruas, aqui parece que a variedade é norma. De corpos, mas de idades, ‘cores’ e performances⁶ de gênero/masculinidade. (Diário de campo, 1 de novembro de 2022)

Ao observar o contexto de Florianópolis, perguntava-me, além da importância de sites de acompanhantes para o exercício do trabalho sexual, para quais seriam os mecanismos de diferenciação existentes nesses. Perguntava-me quais as lógicas do uso desses mediadores a partir das possibilidades de anúncios, em que cada indivíduo pode articular à sua maneira seu perfil. Esta indagação pode ser encontrada em minha curiosidade sobre a dicotomia “caseira” e “profissional”/“tradicional”, conforme registrei em minhas notas de campo, citadas acima. Pensava se podia traçar algum tipo de comparação aos contextos tidos como tradicionais dos mercados sexuais. Afinal, se locais como ruas e saunas (Perlongher, 1987; Victor Barreto, 2017), eram, até então, objetos privilegiados para o exercício da prostituição

⁶ Em meus diários de campo uso indiscriminadamente “performances” e “performatividades” devido a falta de conhecimento, no momento, das distinções que são operadas entre ambos os conceitos. Para uma leitura sobre as distinções entre performance e performatividade nos textos de Butler, ver artigo de Leandro Colling, Murilo Arruda e Murillo Nonato (2019).

masculina, onde a internet ocuparia seu espaço? Se, atualmente, um cliente pode não procurar encontros afetivo-sexuais pagos em determinados contextos físicos, é de se imaginar que suas procuras recaiam primordialmente em contextos online. Seja pelo relativo anonimato que a busca oferece, ou pela capacidade de, no seu tempo e lentamente, escolher o acompanhante que mais lhe agrada.

Os usos estratégicos destes sites oferecem aos sujeitos, inseridos nos mercados do sexo, uma possibilidade, quase universal, de começar a se anunciar sem passar pelas dinâmicas contextuais e específicas que ambientes como a rua e a sauna podem causar. Não se deve, entretanto, presumir uma facilidade desmedida quando o assunto é o projeto de anunciar-se online. Existem hierarquias que devem ser observadas e atribuições contextuais que dizem respeito a uma escala de desejabilidade entre quem se anuncia. É visível um padrão que dá a tônica de sites para acompanhantes masculinos, como veremos ao longo desta dissertação.

Entretanto, assim que a minha presença nos sites de acompanhante fez com que minhas observações escoassem para outros contextos que não apenas o universo dos sites e de suas dinâmicas, me dei conta de que a expansão do meu campo é reflexo de uma pulverização online das formas de se entrelaçar interações afetivo-sexuais e dinheiro. Prostituição e marketing andam juntas há tempos e os anúncios não são novos (Rafael Saldanha, 2010). Enquanto os usos de sites de acompanhantes se localizam em um processo histórico de formas de se anunciar que encontram eco desde os anúncios presentes em jornais, o que essas *outras* presenças online implicam? Como essa plasticidade do trabalho sexual é adequada, às dinâmicas presentes nestes outros ambientes, por sujeitos que mobilizam seus perfis a fim de obterem lucros? Minhas escolhas metodológicas ajudam-me a entender esse movimento?

Encontrei o perfil do Afonso Goiano⁷ se anunciando em Palmas, no site BoyToy. Primeiro momento em que as redes se confundiram, sendo explícito o impacto da produção de conteúdo amador no serviço de acompanhante. Afonso Goiano pode ser considerado um dos produtores mais conhecidos do país. Eu mesmo já entrei em contato com alguns de seus vídeos. Acho que melhor que entendermos como a produção dos vídeos online é usada como argumento positivo para a contratação, deve se imaginar como as performances nos vídeos ensejam uma autenticidade que pode ser consumida, de verdade, realizada presencialmente, a partir da contratação. (Diário de Campo, 10 de novembro de 2022)

Agora eu já me rendi à presença online dos acompanhantes. (Diário de Campo, 16 de novembro de 2022)

⁷ Nome fictício; adjetivo gentílico original.

Neste momento da pesquisa fui arrastado para as redes sociais. Ao constantemente clicar nos links das redes sociais que eram disponibilizados nos anúncios, me eram abertas outras janelas, de perfis em redes sociais como Instagram e Twitter⁸, que me introduziam a contextos em que já estava familiarizado, onde já estava presente cotidianamente, mas que agora estavam tingidos pelas questões do campo.

Encarando este campo em etapas distintas de investigação, mas relacionadas, localizo este texto dissertativo como uma tentativa de dar conta dos diferentes usos e estratégias acionados neste universo de pesquisa. Entre anúncios em sites de acompanhantes à expansão das atividades dos serviços oferecidos pelos sujeitos envolvidos nesses fenômenos, procuro traçar em linhas gerais suas práticas no que concerne a produção de diferenças nos mercados do sexo.

No emaranhado de acessos a esses perfis, em sites e redes sociais, me lancei na tentativa de entender as experiências compartilhadas pelos interlocutores que decidiram participar desta pesquisa. Em minhas apostas teóricas e metodológicas fui imerso em uma rede online que impacta as experiências destes sujeitos nos mercados do sexo. A iniciação, seja para o serviço de acompanhante ou a produção de conteúdo pornográfico/erótico online, é marcada por esses processos em que o sucesso, sua permanência ou não nos mercados, é afetada por diversos fatores que procuro desenrolar neste texto.

Vejo o elo, que conecta minhas perguntas, os diferentes sujeitos e os diferentes ambientes dos quais estes foram contatados, se resumindo na concepção do fenômeno dos mercados do sexo, e das diversas atividades aí inseridas, como um lócus simbólico para subjetividades, produtor de sentidos, bem como de diferenças, e estruturado a partir da expansão dos pontos, possibilitada pelas mudanças tecnológica-informacionais, das interações afetivo-sexuais e de subjetividades, contemporaneamente.

2.1. MERCADOS DO SEXO ONLINE: O QUE HÁ DE NOVO?

Os caminhos da pesquisa foram sendo traçados, então, nessas linhas de questionamento sobre o trabalho sexual e o impacto da internet, baseados em algumas apostas

⁸ Durante o processo de pesquisa, o novo comprador da rede social, Elon Musk, realizou mudanças no que se refere ao logotipo e nome da rede. Apesar de ainda ser referida como “Twitter” pelos usuários e mídia, a rede agora conta com a letra “X” em seu logotipo, bem como em seu nome. Disponível em: <https://www.infomoney.com.br/negocios/elon-musk-muda-o-nome-do-twitter-para-x-mudanca-vem-como-resposta-ao-threads-da-meta/>. Acesso em: 21 ago. 2023

sobre o lugar da geração⁹ nas configurações contemporâneas desse trabalho. Junto a isso, minha inserção a partir de dois sites de acompanhantes, Garoto com Local e BoyToy, me lançou em um tráfego online entre diferentes sites e redes sociais, disponibilizadas em *links* pelos anunciantes em seus perfis.

Aqui, a pesquisa começa a ganhar esse aspecto múltiplo. Apesar de naquele momento não estar ciente do que estava presenciando, após leituras sobre as transformações presentes nos mercados do sexo, consigo visualizar com mais clareza agora onde as minhas questões, e minha inserção online, se localizam. Com a leitura necessária sobre as mudanças ocorridas nos mercados do sexo nesse século, atravessados por transformações econômicas, mas também intersubjetivas, começo a delinear com mais clareza o meu campo, refletindo sobre as entrevistas que realizei, e as questões que, ao meu ver, são sintomáticas da referida articulação entre internet e mercados do sexo.

As mudanças na forma com que as atividades relacionadas aos mercados do sexo são mobilizadas pelos sujeitos, com a expansão dos serviços oferecidos pela internet, dizem respeito a diversos fatores que atravessam o contexto histórico, político e econômico, como também trazem à tona questões ligadas às possibilidades das interações afetivo-sexuais contemporâneas. Minhas perguntas referentes ao lugar que a geração poderia ocupar, em como se realiza o trabalho sexual, está no seio de uma crescente transformação dos lugares possíveis às atividades relacionadas às interações afetivo-sexuais pagas.

Para além de uma questão geracional, apesar de entender que a minha visão está de acordo com o que alguns autores chamam da “cultura do striptease” fortemente ligada ao lugar que o consumo cria para certas identidades sociais e à juventude (Feona Attwood, 2006), percebo que, partindo da atividade dos acompanhantes, bem como das distintas atividades possibilitadas pela internet, como o *webcamming* e a produção de conteúdo, o que está em jogo, e que dá a tônica para esta dissertação, é a expansão mercadológica que cria uma estrutura econômica que interfere na realização do trabalho sexual, qualquer que ele seja, abrindo campos de possibilidades (Gilberto Velho, 1994) para diversos indivíduos, bem como criando barreiras que podem ser problematizadas a partir das articulações dos marcadores sociais.

⁹ Tomo como referência a definição de Julio Simões quando diz que “gerações podem ser definidas por meio de um processo sociogênico de formação de atores coletivos relacionados à experiência compartilhada de determinados eventos críticos na trajetória de vida: sejam traumas mundiais objetivo de grande alcance, tais como crises econômicas, guerras, terror, epidemias; seja a construção de movimentos sociais (movimento sindical, movimento negro, feminismo); sejam ainda livros, filmes, peças, músicas e outros acontecimentos culturais, ou mudanças nas modas artísticas e intelectuais (Simões, 2014, p. 371).

Por exemplo, Teela Sanders (Sanders et al., 2018) definem o trabalho sexual baseado na internet como

Trabalhadores sexuais autônomos, ou em coletivos, ou trabalhando através de agências que usam a internet para veicular ou vender serviços sexuais, sejam diretamente com serviços em pessoa (ou seja, interagindo com clientes pessoalmente, como exemplo, acompanhantes, massagens eróticas, práticas de BDSM) ou através de serviços indiretos online (isto é, interagindo com clientes online, por exemplo, webcamming) (Sanders et al. 2018, p. 15, tradução própria).

A separação feita pelos autores e autoras entre serviços que empregam, ou não, contato direto com clientes é um sinal claro de como a internet, para além de facilitar a inserção e permanência nos mercados do sexo, também alarga as possibilidades de se veicular o intercâmbio entre sexo/afeto e dinheiro. Os sites de acompanhante, primeiro lócus de investigação dessa pesquisa, ocupam um espaço específico dentro da crescente presença de mediadores online de serviços sexuais. Sanders et al (2018) localizam e enumeram doze categorias de serviços online encontradas em sua pesquisa¹⁰. Nesta esteira, Ronald Weitzer (2023) localiza parte de minhas perguntas quando afirma que

A internet mudou o cenário drasticamente, provendo imensa informação, conexão, e serviços para as partes envolvidas. O trabalho sexual facilitado pela internet proliferou nas últimas duas décadas, enquanto a prostituição de rua diminuiu em algumas áreas e empresas de sexo por telefone cederam seus espaços à prática de webcamming¹¹ (Ibid., 2023, p. 3, tradução própria).

Essa estruturação providenciada pelo digital reorganiza todo um léxico de diferenciação que agora, com usos diversos dessas ferramentas digitais, sites, plataformas e redes sociais, intensificam uma multiplicação de atividades e das inserções nestes meios. Enquanto parte das perguntas sobre a geração me geraram outras considerações relativas à idade nas experiências com os mercados do sexo, como veremos no capítulo três, agora percebo que o processo paulatino de inserção de indivíduos nestes mercados é marcado, ainda, por essa abertura às atividades desses mercados no ambiente online e que data de um

¹⁰ Se resumem em: “[...] Agências de acompanhantes, plataformas de webcam, plataformas de entretenimento adulto multi-serviços, plataformas de encontro com propagandas comerciais, plataformas de encontro sem propagandas comerciais, fóruns de opiniões de clientes, sites de agências, websites individuais de trabalhadores/as sexuais, websites de classificados, plataformas de entregas de conteúdo, redes sociais e fóruns de trabalhadores/as sexuais” (Sanders et al, *op. cit.*, p. 24).

¹¹No original: “The Internet has changed the landscape tremendously –providing a wealth of information, connections, and services for interested parties. Internet-facilitated sex work has proliferated over the past two decades, while street prostitution has declined in some areas and commercial phone sex companies have ceded much of their business to webcamming” (Weitzer, *op. cit.*, p. 3).

período não muito distante, como aponta Weitzer na citação acima¹². Portanto, essa mudança não é recente, e a pandemia de COVID-19 pode ter causado apenas um fluxo maior de inserção nestes mercados¹³.

A reorganização dos mercados atravessa diversos pontos interessantes para a discussão aqui empreendida. A comparação entre trabalhadores/as sexuais que operam em espaços físicos como ruas e saunas e trabalhadores que dispõem das ferramentas digitais, sejam disponibilizadas por terceiros, como websites ou agências, ou sejam mobilizadas individualmente pelos próprios indivíduos, faz emergir a mudança nas formas com que essas atividades são percebidas pelas pessoas envolvidas nesses fenômenos. A multiplicação dos contextos online para a realização do trabalho sexual, bem como a inserção de novas práticas e serviços comercializados digitalmente impele questionamentos quanto às diferenças que seriam dispostas por essas ferramentas.

As experiências não são as mesmas. Afinal, como os marcadores sociais da diferença interferem na realização do trabalho sexual? Como delimitar as diferenças entre as atividades nos mercados do sexo, como por exemplo o serviço de acompanhante e a produção de conteúdo erótico online? Qual seria, propriamente, o espaço que o trabalho sexual ocupa atualmente na vida desses sujeitos?

Focando nos usos que os interlocutores dessa pesquisa fazem de sites de acompanhante e das atividades relacionadas aos usos de redes sociais, desenvolvo uma análise, baseado em imersões etnográficas digitais, que versa sobre suas experiências com os mediadores digitais do trabalho sexual, bem como suas experiências com o serviço de acompanhante e a produção de conteúdo erótico online. Neste trabalho, além de descrever etnograficamente alguns usos da rede social *Instagram* pelos interlocutores, tento traçar um panorama geral, apoiado pela bibliografia sobre os impactos da internet nos mercados do sexo, das transformações que articulam marcadores sociais à inserção nos mercados do sexo, a reorganização das diferenças entre sujeitos envolvidos nestes e as estratégias utilizadas por cada indivíduo quanto à expansão das possibilidades de exercício do trabalho sexual.

¹²Apesar da pesquisa referenciada focar no contexto estadunidense, ainda acredito que estas transformações também ecoam para outros contextos, como o brasileiro.

¹³Durante e após o período de confinamento causado pela pandemia, foi levado em consideração que as restrições impostas ao exercício de trabalhos presenciais e ao aumento da precarização da qualidade de vida de milhares de pessoas intensificou a inserção, principalmente de mulheres, nos mercados do sexo. Disponível em:

<https://brasil.elpais.com/sociedad/2020-12-06/only-fans-aproxima-milhares-de-jovens-da-prostituicao-na-america-latina.html> Acesso em: 05 jun. 2023

2.2. ESTRATÉGIAS METODOLÓGICAS: O CAMPO EM MOVIMENTO

Inicialmente, parte das questões começou a ser guiada pela necessidade de entender como o sexo, ou sua representação, com sua contrapartida monetária, eram dinamizados levando em consideração os processos de diferenciação nos mercados do sexo em Florianópolis. Entretanto, no desenvolvimento da pesquisa emergiram outros questionamentos que me afastaram de Florianópolis ao passo que minhas observações me levaram para outros lugares, bem como a interlocutores de outras regiões.

Tendo voltando aos sites brasileiros, a metodologia consistiu em um mecanismo básico de busca: procurei por “acompanhantes masculinos” seguido do contexto, Florianópolis, o que me fez selecionar o site Garoto com Local, pois era o primeiro a aparecer na busca online. Como era a cidade em que eu me encontrava, pensei que fizesse mais sentido observar a partir desse contexto que estava, à época, me inserindo. Após observações neste site decidi procurar outros. Seguindo a mesma lógica anterior, me deparei com outro site: BoyToy.

No início do mestrado, o contexto para a pesquisa ainda planejava ser o mesmo. As observações tinham como causa a vontade de continuar discussões não desenvolvidas na graduação, mas com um aprofundamento teórico que pudesse aproximar mais o trabalho sexual em Portugal com uma sexualização (Mara Vigoya, 2008) de brasileiros. Era evidente que certos tensores libidinais (Perlongher, 1987) eram mobilizados por brasileiros no site em questão. As dúvidas então eram referentes a quais marcadores sociais e categorias, como raça/nacionalidade, assim como quais noções de gênero e sexualidade, estavam sendo produzidos neste contexto em específico.

Em julho entro no site viphomens.net¹⁴. Faço uma observação, que agora refletindo, vejo que a inserção online já começa ali. Percebo a dinâmica do site, os homens que anunciam e faço minha aposta para mandar mensagens para alguns deles. Dou espaço para quem anuncia sua região: um “carioca” e um “baiano”. Esse comportamento já tinha percebido quando estava fazendo esse campo do tcc. A regionalização do desejo está presente em Portugal e isso pode ser um ponto de partida interessante. Aqui essa seleção é interessante. Essa escolha, em cada clique, aponta muitas das questões da minha pesquisa. Por mais que ali eu perceba que não exista muita variedade de “tipos”, como existe no Brasil, ainda existe uma manobra possível de seleção. Me guio muito, para além dos nomes (carioca ou baiano) e do que disponibilizam nas suas descrições, pelas fotos ou que as performances das imagens poderiam influir no meu campo. Esses tipos ideais estavam expostos. Com nome, descrição e imagem, mas com suas particularidades que o contexto exigia. (Diário de campo, 10 de Julho de 2022)

¹⁴Site *lócus* para a realização de minhas primeiras incursões etnográficas, ainda na graduação. (Alaman e Passamani, 2021)

Logo após esta volta ao campo no mestrado, decidi me afastar de Portugal como contexto para a pesquisa pois as respostas possíveis às perguntas que estava desenvolvendo até então se mostraram longe de serem acessadas devido à distância geográfica e interpessoal, com os potenciais interlocutores, que a metodologia começara a impor. Naquele momento, voltei-me ao contexto nacional. Como uma estratégia que ainda carregava um pouco da metodologia da observação online anterior, foquei em sites mais visitados para acompanhantes masculinos.

O que me fica claro agora é esse continuum da pesquisa. Esses pontos comuns dos mercados do sexo. Desde aqui até lá, essa economia sexual, que no caso de Portugal articula de forma específica a “raça brasileira” (com alguns apontando suas particularidades regionais) e aqui, no Brasil, onde podemos encontrar essas particularidades também, mas aparentemente em um sistema nacional de hierarquias entre acompanhantes. (Diário de campo, 10 de Julho de 2022)

Coincide com essa mudança de contexto e, em partes, das perguntas da pesquisa, a minha chegada à cidade de Florianópolis e consequente estadia que se estenderia pelos próximos meses do ano de 2022. As questões, para além das observações em sites online, eram claramente influenciadas também pela minha inserção na cidade. Aqui a pesquisa começou a delinear contornos que muito refletiam minhas indagações sobre os mercados do sexo, assim como também diziam respeito a uma dinâmica contextual que parecia encontrar respaldo principalmente sobre categorizações que articulavam cor, gênero e corpo primordialmente, dentre o meio gay da cidade. As relações entre o que visualizava nas páginas dos sites, *online*, e a cidade e suas relações *off-line*, carregava apostas teórico metodológicas características de estudos em contextos virtuais.

A partir de um aplicativo de relacionamento gay, o *Grindr*, acabei estreitando laços de amizade ao me habituar às dinâmicas da cidade. Essa estratégia inicial de acompanhar o passo da cidade já foi testada por mim anteriormente, ao realizar minha primeira mudança a Campo Grande, capital de Mato Grosso do Sul, com maior número populacional que minha cidade natal, e tinha me servido para dar conta da organização do contexto onde o neófito estava imergindo.

Assim, instalei o aplicativo em meu telefone celular, dias após minha chegada em Florianópolis, pois sabia que ali poderia encontrar algum contato, presumivelmente homossexual, para ser meu ponto de referência às lógicas da cidade. Pouco sabia sobre Florianópolis e sobre o meio, pois habituado a uma outra organização simbólica e espacial

em minha cidade anterior, estava um tanto perdido quanto ao que regia a cidade. E como um homem gay, branco e cisgênero recém-chegado a uma capital, ainda mais populosa e carregada de certos atrativos turísticos ostensivamente compartilhados e propagandeados pelos residentes, senti que precisava me situar quanto às regras deste novo habitat ao qual estava paulatinamente me inserindo.

Nestes processos de adaptação, fiz amizade com um jovem gay pelo aplicativo, e a partir de suas experiências compartilhadas comigo em nossas conversas, aos poucos, consegui visualizar com mais clareza as hierarquias que se estabeleciam. Nestas trocas, foi possível confirmar que existia uma multiplicação patente de *tipos* de sujeitos que respeitava a uma ordem de categorizações que articula marcadores da diferença que, em comparação com minhas experiências em outras cidades, como Campo Grande, encontrava uma ressonância maior e mais evidente aos meus olhos.

Ao estabelecer essa amizade com Luiz¹⁵, vinte e quatro anos, branco e natural de Florianópolis, percebi que estava me inserindo em um contexto atravessado por uma economia de desejos e afetos em uma cidade que segmenta os sujeitos que ali estão inseridos a partir de alguns processos de diferenciação. Luiz, por exemplo, sempre esteve muito ciente do lugar que ocupava nas interações afetivo-sexuais na cidade. O que me destacava com frequência foi o fato de seu corpo ocupar um lugar específico nas dinâmicas de encontros afetivo-sexuais na cidade. Por não ser magro, e por ter pelos em partes do seu corpo, branco, com um metro e oitenta de altura, cultivando uma barba e bigode e usando óculos com armação circular, Luiz me esclareceu que as lógicas da cidade pendiam ostensivamente ao culto de um corpo magro, malhado, que era claramente intensificado pelo apelo que as praias ocupam no mercado turístico local.

As boates e, principalmente, bares em beiras de praia, são locais onde facilmente se percebe esse apinhamento e exibição de corpos sarados. Estes *points*, veiculados no boca-a-boca na cidade e percebidos por mim em minhas idas e vindas às praias, assim como pela minha presença em aplicativos de relacionamento, exacerbaram as diferenças presentes neste contexto¹⁶.

Sempre brinquei com Luiz, graduando em biblioteconomia, ser uma enciclopédia dos homossexuais de Florianópolis. Sua mente quase obsessiva em catalogar esses sujeitos, com sempre claras referências aos seus perfis em redes sociais e aplicativos de relacionamento, me

¹⁵Nome fictício.

¹⁶Entretanto, levo em consideração que estas hierarquias do desejo encontram um eco que, inclusive, transborda fronteiras regionais (Isadora França, 2010).

divertiam. Às vezes seus comentários tentavam arriscar alguns motivos da “*comunidade*” ser segregada, com hierarquias entre homossexuais e entre as corporalidades, marcador que acredito ter relação próxima a questões pessoais de Luiz, assim como também às minhas, pois lembrando que também estava sendo atravessado pelas dinâmicas da cidade.

O caso de minha amizade com Luiz é exemplar de como minhas observações em sites de acompanhantes brasileiros influenciava as questões que estava ensaiando ao retomar a pesquisa com prostituição masculina, mas desta vez localizado em uma cidade onde era recém-chegado. As conversas com este nativo da cidade interfeririam no meu próprio campo de pesquisa e nas minhas inquietações mais gerais sobre o ‘*meio gay*’ e sobre o trabalho sexual masculino. No momento da escrita é que me dei conta que o meu processo de acomodação em Florianópolis influenciava as questões que estava impondo à pesquisa. Mais desse ponto será discutido no capítulo três.

Entretanto, a relação, entre as seleções de diferentes cidades nos sites, denota uma característica imperativa desse negócio: a exportação entre regiões do país, localizadas em adjetivos regionalizados, como “*gaúcho*”, “*mineiro*”, “*carioca*”, “*baiano*”, sendo visível em minhas visitas a ambos os sites. O campo, assim, pendulou entre considerações sobre a cidade onde eu estava localizado no momento da pesquisa, Florianópolis, pois tinha a intenção de posteriormente realizar entrevistas presenciais com esses sujeitos, mas também em outras cidades disponíveis nestes sites. A pesquisa então atinge essa variabilidade pois os anúncios disponíveis nos sites dizem respeito a um aspecto crucial do trabalho de sujeitos que são acompanhantes: eles estão em contínuos deslocamentos. Em pesquisas anteriores (Alaman e Passamani, 2021) já era notório que, para alguém conseguir clientes, era necessário se locomover constantemente entre cidades e até países. Aqui no Brasil essa lógica é a mesma.

Portanto, acredito que a dificuldade de conseguir estabelecer contatos com pessoas da cidade também me abriu brechas para entender que, a depender de quem se está contatando, posso estar lidando com sujeitos cuja estadia na cidade dure poucos dias. A volatilidade de garotos, então, pinta esse quadro dos sites onde brotam sujeitos a todo instante, assim como também os mesmos podem se desvanecer num piscar de olhos. A locomoção constante, além de ser fruto do próprio investimento que o acompanhante esteja disposto a pagar para manter um número considerável de clientes, também caracteriza este mercado atualmente. Em minha segunda entrevista com Paulo, por exemplo, ao conversarmos sobre sua viagem recém feita à Curitiba, percebi que as viagens fazem parte de um itinerário muito bem pensado que arrisca

uma lógica que pode envolver diversas cidades como também determinados períodos do ano. Assim como Hugo também apresenta suas motivações para seus deslocamentos.

Pesquisador: Entendi, aí esses garotos são do Brasil todo, ou são de regiões específicas?

Paulo: Eu acredito que sim. Tem bastante gente que viaja de cidade em cidade, sabe. Fica uma semana, daí viaja para outra. Aí acabou o movimento e já vai pra outra.

Pesquisador: Entendi. E por quê você não pensou em ir pra outra cidade nessa sua viagem?

Paulo: Ah, porque eu trabalho aqui. Aí quando acaba o movimento, que morre mesmo o perfil, eu vou lá e... porque agora teve o feriado dos finados, aí eu já vou e emendo um feriado e volto. Assim, só pra não parar o movimento mesmo.

Pesquisador: Ah, entendi. É porque nos sites, eu tava até olhando hoje, não só aqui em Santa Catarina, mas no Brasil todo, as capitais elas concentram mais anúncios, e nas cidades pequenas são poucas pessoas, né

Paulo: Uhum, tipo agora em Florianópolis tá quase 90 pessoas. Quando era lá em junho-julho eram 30, 28. Agora tá com 90 guris.

Pesquisador: Ah, entendi. E você acha que eles vêm pra cá por quê?

Paulo: Ah, porque tá todo mundo viajando para Florianópolis e eles vêm pra cá trabalhar. (Entrevista realizada por *GoogleMeet*, 04 de novembro de 2022)¹⁷

Hugo: Aí eu passei a viajar muito, fui muito pra São Paulo. Em São Paulo a gente consegue trabalhar mais que aqui no Rio, né. Em São Paulo é uma via de mão dupla. Você vê o dinheiro entrando. Aqui no Rio não, aqui no Rio a gente só gasta muito. A gente diz o famoso varejo, né. Aqui no Rio o pessoal gosta muito de varejo, de pagar muito barato. Então, não é muito viável pra gente se deslocar do local que a gente tá no momento pra ir atender uma pessoa por cem reais. Eu não vou, não vou. Eu não cobro nem caro, nem barato. Cobro o que acho que eu vou ter lucro, né. (Entrevista realizada por *GoogleMeet*, 04 de novembro de 2022)

Como exemplo, retiro de um anúncio de um acompanhante, veiculado na cidade de Florianópolis, comentários feitos por clientes que explicitam o anseio e espera dos clientes, assim como mostra a relativa volatilidade dos acompanhantes e o papel dos sites nestes trânsitos permeados pela fixação e posteriores deslocamentos de contextos.

Comentário 1¹⁸

¹⁷As entrevistas, ou áudios de WhatsApp, transcritas sofreram alterações quanto aos vícios de linguagem e frases redundantes que interviriam em uma leitura clara e direta. Não ignoro o fato dessas alterações estarem localizadas entre posições diferentes da estrutura de poder, estabelecidas em pesquisas etnográficas, entre pesquisador e interlocutor. Ademais, acredito que as alterações não interferem no conteúdo das entrevistas, nem alteram partes significativas das experiências compartilhadas por eles. Os diálogos estabelecidos por mensagens de texto foram mantidos nas formas com que foram veiculadas originalmente, apenas com poucas alterações com relação aos vícios de linguagem.

¹⁸Os comentários retirados do site Garoto com Local implicam uma dinâmica interessante neste campo. A avaliação de clientes é esperada pelos acompanhantes pois podem alavancar a procura de outros potenciais clientes, assim como também podem prejudicar a reputação dos trabalhadores. Mais dessa dinâmica será discutida no capítulo dois. Como prezo pelo anonimato dos interlocutores e dos perfis visitados que sustentam essa pesquisa, decidi alterar a construção textual desses comentários. Apesar de não disponibilizar os nomes dos perfis, percebi que buscas rápidas desses comentários, em suas estruturas originais, em mecanismos de buscas como o Google, localizariam com facilidade os perfis que dispõem desses comentários. As alterações feitas por mim excluem erros de digitação, bem como alteram as estruturas das orações. Prezei, entretanto, em

Esperando ele vir fazer uma visita ao sul.
Apaixonado pelo seu olhar e boca, guri. Ah, e pela piroca também.

Comentário 2

Garoto quente e bom no que faz.

Quando voltar à Florianópolis, quero te ver de novo. Obrigado pela noite, guri. Você é sensacional (Comentários retirados em 7 de novembro de 2022)

Guiado por essas movimentações dos acompanhantes, também visitava outras cidades disponíveis pois estava curioso para entender a dinâmica destes sites em um panorama além do contexto onde estava inserido no momento da pesquisa. Inquietava-me a lógica destes deslocamentos. Em comparação aos interlocutores que estavam inseridos nos mercados do sexo de Portugal, e conseqüentemente Europa, aqui no Brasil já me parece que existe esta mesma estrutura que articula, primordialmente, as regiões do país.

Um ponto interessante deste campo é como existe essa retroalimentação nacional de acompanhantes que adjetivam seus nomes de acordo com suas regiões. Esse panorama que se quer geral dos sites aponta como existe esta criatividade que expande os fluxos de desejo dos mercados do sexo nacional. Podemos comparar essas estratégias com as das interlocutoras de Larissa Pelúcio (2011) na Espanha, que se anunciavam com o que a autora denomina de “adjetivos racializados/eticizados” que denotam uma brasilidade racializada e lasciva (p. 256).

No caso dessas observações, após entrevista com Hugo, se tornou ainda mais claro uma dinâmica que pode ser resumida em um câmbio de tipos que expressam a volatilidade dos sujeitos que se anunciam. Nestes momentos, a pesquisa, paradoxalmente, se desloca de um território geográfico para implicar numa pulverização dos locais dos interlocutores. Aqui as territorialidades de Perlongher se expandem para uma movimentação que encontra eco numa estruturação nacional de regiões que fazem parte de um jogo libidinal que sustenta, em partes, a prostituição masculina atualmente. E no caso das duas capitais aqui destacadas, é visível que, além de um contraste que pode ser feito nas visitas ao site, também mantém suas bases em outras relações que encontram eco nas relações contextuais das economias libidinais dos contextos estudados, como mostra o diário abaixo destacado; mais desse ponto será desenvolvido no capítulo três:

Nossa... selecionar o Rio de Janeiro no Boytoy é se deparar com quase o mesmo tipo de “garoto”. Os “muleques cariocas” dominam a cena. Isso é ótimo para entendermos como o contexto influencia os sites. Esses tipos específicos são

manter categorias mobilizadas nas frases que acredito serem interessantes para as discussões empreendidas neste campo de estudos.

dominantes aqui. Em Santa Catarina me parece que a tônica é outra. Parece que não temos uma especificidade regional para destacarmos no site. Talvez seja pela volatilidade também. Vários ‘tipos’ de diferentes regiões do país passando pelas cidades. (Diário de Campo, 1 de novembro de 2022)

Por exemplo, em entrevista, Leo (Branco, 22 anos, Florianópolis) me conta que, ao estar preso em uma burocracia para excluir o seu perfil no site *BoyToy*, mudou sua localização para Teresina, capital do estado de Piauí, pois acreditou que esta estratégia o afastaria de contatos de clientes que se deparassem com seu anúncio após buscas no Google.

É que, então, eu voltei pro *Boytoy* há três semanas. Eu tinha entrado em contato pra eles excluírem o meu anúncio permanentemente. Quando eu tinha desativado a minha conta, ainda aparecia no Google. E aí quando clica no link aparece uma imagem dizendo que a conta foi desativada. E aí eu mudei o meu local para Teresina. Eu não queria que as pessoas que estão aqui procurando me vissem no catálogo. Então só quem estava em Teresina tava me vendo, entendeu? Eu não me importo se alguém for me chamar pelas minhas fotos. Não pela minha foto, mas tipo pela minha categoria, sabe. (Entrevista feita por *GoogleMeet*, 7 de novembro de 2022)

Ao perguntar a Leo se alguém em Teresina o havia chamado, afirma:

Pesquisador: Quando você botou o seu anúncio em Teresina, alguém te chamou?

Leo: Arram, bastante. Mais do que aqui inclusive.

Pesquisador: Qual é o perfil assim dos clientes, eu não sei... mas tem alguma diferença para os clientes daqui será?

Leo: Tem.

Pesquisador: Qual que é?

Leo: Tem, porque eu sou branco. Porque pelo menos os clientes que me chamaram lá pelo menos eram dourados. De dourados pra negros. Dourados não, pardos, né [...] de pardo pra negro. Mas enfim tá bem carente de população branca lá. (Entrevista feita por *Google Meet*, 7 de novembro de 2022)

Leo não precisou se movimentar fisicamente até Teresina para experienciar esta dinâmica que os sites podem vir a ensejar se levarmos em consideração a volatilidade que acima destaquei. Essa simples mudança de localização geográfica feita em seu cadastro o deslocou, simbolicamente, a outro contexto em que os seus marcadores são valorizados.

Em uma mesma linha de reflexão percebi, em minhas pesquisas de graduação (Alaman, Passamani, 2021; Alaman, Passamani e Rosa, 2022), que a variabilidade de contextos e sujeitos respeitam a essa mecânica libidinal que, se formos pensar em contextos macro/micro, ou no caso de minha pesquisa anterior, transnacional, movimentam um intrincado fluxo que envolve desejo e fantasias, e respeitam, cada fluxo a sua maneira, a noções de gênero, sexualidade e cor/raça. No caso dos sujeitos que migraram para Portugal, assim como os observados por Larissa Pelúcio (2011), é comum localizarmos essas menções

a seu país de origem. Já em contexto nacional, fica evidente também uma regionalização erótica que dita os deslocamentos, acionamentos de cada sujeito e que somam à maquinaria do desejo neste mercado.

Em uma lógica desejanse em que as regiões se articulam com os deslocamentos contínuos desses sujeitos, me parece que, se voltarmos ao contexto nacional, há uma expansão dos marcadores sociais da diferença que somam a categorias consideradas substanciais para a veiculação do desejo entre acompanhantes e clientes. Se a necessidade de se destacar, entre outros acompanhantes, é constante, a partir deste dinamismo de locomoção/acionamento de sites, então, observamos estratégias que tensionam, a partir de uma hierarquia nacional, as regiões do país. Do Sul ao Norte, as tipificações ganham bastante sentido ao, paralelos a mobilizações das fantasias e desejos de clientes, se imbuem de um fluxo que faz parte da própria realização da prostituição masculina atualmente.

Essas seleções pulverizadas são consequentes, além da dificuldade em estabelecer contatos com acompanhantes em Florianópolis já no segundo ano de mestrado, me levando a expandir os contextos de buscas para outros possíveis interlocutores, a um estabelecimento paralelo de questões da pesquisa que complexificaram as perguntas que estava levantando até então. Como observado nas experiências de campo de Sheila dos Santos com interlocutores selecionados após sua pesquisa no aplicativo de relacionamento Tinder (2020), o que este método online de seleção de interlocutores pulverizados possibilita é o contato com diferentes sujeitos, de diferentes contextos e *backgrounds* socioeconômicos, bem como expande questões metodológicas e aporta para o impacto da internet em pesquisas atuais.

Nesta pesquisa, vejo que a relação entre contexto, trabalho sexual e internet se imiscuem em considerações sobre a importância da produção de diferenças local, como discutirei no capítulo três, mas também em um contexto amplo, veiculado pela expansão do online contemporaneamente e, principalmente, pelos conteúdos que são viabilizados a partir das Tecnologias de Informação e Comunicação (TICs).

2.2.1 Dos interlocutores

Neste campo, baseado em cliques e aproximações feitas a partir de diferentes inserções em diferentes contextos digitais, consegui me aproximar de oito interlocutores. Essas aproximações se deram de maneiras diferentes, bem como apresentam, cada uma, decisões metodológicas específicas e aprofundamentos díspares. Seis interlocutores foram contatados a partir de minhas observações nos dois sites de acompanhantes já citados. Os três

primeiros selecionados pelos sites,—Paulo, Leo e Hugo—, foram entrevistados a partir de um questionário semiestruturado; com o grupo restante, as entrevistas se deram de forma livre. Os outros dois últimos interlocutores foram selecionados a partir de meu contato com seus respectivos perfis na rede social Instagram.

Como utilizarei as conversas com estes sujeitos a partir de agora para descrever, mais detidamente, minhas inserções online e as metodologias empregadas, descrevo os perfis dos interlocutores selecionados para situá-los no campo dessa pesquisa. De forma a proteger suas identidades, seguindo os princípios éticos da pesquisa antropológica estabelecidos no Código de Ética da Associação Brasileira de Antropologia¹⁹, seus nomes foram modificados.

O ato de nomeá-los com pseudônimos escolhidos livremente pelo autor se dá de forma paralela à visibilidade dos contextos nos quais estes foram selecionados. Escolho não esconder o nome dos sites de acompanhantes, nem as redes sociais nas quais alguns estão presentes, levando em consideração alguns pontos desse campo.

Existe uma enorme variabilidade que a presença nestes mercados apresenta. Como exemplo, alguns perfis contatados para essa pesquisa não se encontram mais disponíveis nos sites onde originalmente foram encontrados, como é o caso de Paulo. Também acredito que este trabalho não pretende ser um documento em que a exposição do trabalho sexual, e dos trabalhadores, são postas para escrutínio público. Além disso, vários interlocutores mobilizaram uma perspectiva positiva com relação ao trabalho, afastando este de um estigma em “*ser descoberto*”, como mobilizou João.

Concordo que não há nada a se esconder. Sites de acompanhantes, bem como redes sociais, estão disponíveis online e existe uma variedade desses mediadores disponíveis online. A busca e as interpretações que se pode fazer com relação ao trabalho sexual, e aos trabalhadores, fica a critério do leitor/observador. Identifico, inclusive, esta pesquisa como uma tentativa de localizar o trabalho sexual na esfera social, política e econômica, visibilizando as questões pessoais e coletivas dos interlocutores, fugindo de algum sensacionalismo, ou exotização, das experiências dos indivíduos envolvidos nestes mercados.

Localizo estas questões no que Claudia Fonseca define como a “corda bamba” dos pesquisadores, “procurando garantir a riqueza de detalhes que mantém fidelidade ao texto etnográfico, ao mesmo tempo em que exerce uma vigilância constante aos limites éticos de sua ousadia” (2005, p. 215). O anonimato aqui prezado, entre qualquer resquício que faça

¹⁹ Disponível em: <http://www.portal.abant.org.br/codigo-de-etica/> Acesso em: 06 jun. 2023

emergir a identidade dos envolvidos nesse fenômeno, é exemplar das tensões entre minhas inserções em campo e dos temas que procuro discutir nesta dissertação.

Como supracitado, acredito que este texto é fruto de tentativas minhas de, além de sanar questões de pesquisa atinentes ao objeto de análise, em descrever etnograficamente as experiências dos sujeitos envolvidos neste mercado. Entretanto, como não estabeleci nenhum contato profundo e duradouro, que explicitasse uma confiança mútua entre mim e estes indivíduos, devido à distância própria do método apreendido, decido não utilizar seus nomes mobilizados em nossos contatos.

Paulo foi o primeiro interlocutor a se disponibilizar para ser entrevistado nesta pesquisa. Após conseguir seu contato no site Garoto com Local, o contatei pelo aplicativo de mensagem WhatsApp e não encontrei resistência para marcarmos o dia de nossa entrevista. Paulo é natural de Dourados, Mato Grosso do Sul. Havia se mudado para Florianópolis há poucos meses do momento da entrevista e dividia um apartamento com seu namorado, também acompanhante. Se autodeclara branco, com 20 anos de idade, seus cabelos e barba são pretos, é homossexual e umbandista. Realizei duas entrevistas com ele, com o espaço de um mês entre cada. Nossos diálogos foram produtivos. Não percebi titubeação inicial ao acordar a nossa entrevista por WhatsApp, muito menos ao entrar em contato com ele pela primeira vez pela plataforma GoogleMeet. O serviço de acompanhante é sua principal fonte de renda.

Leo foi o segundo contatado. Consegui seu número pelo site BoyToy pois mobilizava em seu perfil a categoria “Twink”. Também não percebi resistências iniciais de Leo quanto à entrevista. Entretanto, no dia marcado para nossa conversa Leo não me respondeu. Após esse dia me informou que havia esquecido da entrevista. Após esse momento, marcamos outra data e Leo compareceu à sala da plataforma de videoconferência. Leo é natural de Balneário Camboriú, Santa Catarina, mas mora em Florianópolis há anos. Autodeclarado branco, com cabelos loiros e olhos verdes, é homossexual, “*uma gay*”, e se considera ocultista. Com 22 anos à época da entrevista, Leo compartilhava um apartamento com outro rapaz que conheceu por um aplicativo de encontros. Estudante de direito de uma universidade particular, estagiava em um escritório de advocacia, sendo essa sua principal fonte de renda no momento. Leo foi o único interlocutor que conheci pessoalmente. Mais a frente discutirei esse encontro.

Hugo foi o terceiro, e último, interlocutor a realizar uma entrevista por videoconferência. Consegui seu contato através do site BoyToy enquanto perambulava pelas páginas do site e selecionava interlocutores da cidade do Rio de Janeiro. Hugo se autodeclara

“*pardo, normal*”. Tem cabelos pretos curtos, é natural da capital Rio de Janeiro, homossexual, “*gay, homocis*”, e candomblecista. À época da entrevista tinha vinte e quatro anos e morava em um espaço articulado à casa de seus pais, “*um quintal de família*”, após terminar um casamento de cinco anos com outro homem. Estuda administração e trabalha em uma filial de supermercados, sendo esse trabalho, também, sua principal fonte de renda.

Tales faz parte dos primeiros interlocutores contatados pelos sites de acompanhantes. Seu número de telefone foi acionado após visualizar seu perfil no site Garoto com Local, em Florianópolis. Com Tales obtive poucas informações sobre sua situação socioeconômica pois não estava disposto a dar entrevistas pela plataforma Google Meet. Entretanto, trocamos mensagens e áudios pelo aplicativo de mensagens WhatsApp, dialogando sobre o processo de inserção nos mercados do sexo e pontos específicos de sua experiência nestes. Em seu anúncio diz ter 27 anos. Tales é branco, heteroidentificação²⁰, tem cabelos loiros ondulados e possui olhos verdes.

Da mesma maneira que aconteceu com Tales, João foi um interlocutor que estabeleceu um diálogo breve por WhatsApp. Consegui seu contato no site Garoto com Local, em Florianópolis. João é negro, heteroidentificação, e aparenta estar com menos de 25 anos. Em seu anúncio não disponibiliza sua idade. Apesar de pouco aprofundamento em nossa conversa, assim como Tales, João me confidenciou informações que considero importantes para serem complementadas ao longo dessa dissertação.

Considero Iago como o primeiro interlocutor a ser reconhecido a partir dessa ponte entre os sites de acompanhantes e as redes sociais. Primeiramente, introduzi-me e apresentei minha pesquisa por WhatsApp após visualizar seu anúncio no site Garoto com Local, em São Paulo. Iago disponibilizava em seu anúncio links para diferentes plataformas de conteúdo erótico. Com Iago estabeleci um diálogo breve, mas muito produtivo para a expansão do meu campo e das questões da pesquisa. Apresentou-me seu perfil na rede social Instagram em que afirmou que assim eu poderia “*sanar todas minhas dúvidas com relação ao seu trabalho*”. Em seu anúncio, Iago diz ter 22 anos. É pardo, heteroidentificação, com cabelos pretos, olhos escuros e sobrancelhas grossas, natural de Belo Horizonte.

Tom foi um interlocutor selecionado quando estava observando a rede de elaboração de criadores de conteúdo erótico online na rede social Instagram. Branco, heteroidentificação, por volta de 40 anos, mora em Curitiba e já tem uma carreira estabelecida no cenário pornográfico brasileiro, tendo inclusive um livro publicado sobre o tema. Sua trajetória nesse

²⁰Com interlocutores onde as conversas se estabeleceram sem um roteiro semiestruturado, a categorização racial/de cor é feita pelo pesquisador e alcunhada como “heteroidentificação”.

ramo é rica e expressa sua ativa colaboração nas produções pornográficas homoeróticas brasileiras. Sua posição política também se deixou mostrar em diversos momentos, como visto no começo desta dissertação, e os limites que me constantemente me mostrava sobre as atividades dos mercados do sexo são ótimas para entendermos as experiências que se formam a partir deste fenômeno.

Domênico foi um interlocutor com que entrei em contato já imerso em uma rede de colaboração característica de produtores de conteúdo erótico online. Ele possui perfis no Instagram e no Twitter. Não é acompanhante. Entrei em contato através de meu perfil pessoal no Instagram. Domênico foi solícito, trocando mensagens de textos e em forma de áudio durante certo período de tempo. Aparenta ter menos de 25 anos, pardo, heteroidentificação, de cabelos pretos e pele bronzeada. É paraibano, mas no momento em que trocamos mensagens estava em São Paulo, capital, a trabalho. Sua trajetória é exemplar das inserções recentes nos mercados do sexo a partir dos processos de alargamento da indústria do sexo, sendo representadas primordialmente pela ascensão de plataformas como Onlyfans.

2.2.2 Observando, flutuando, clicando...: o universo de pesquisa

Minhas inquietações sobre o impacto da internet nas experiências com o trabalho sexual começaram a encontrar eco maior quando me vi cercado de perfis de produtores de conteúdo pornográfico/erótico em redes sociais. Essas atividades sempre apareceram de forma periférica em minha vida pessoal. Não necessariamente porque eu consumia essas produções ao fazer uso de redes sociais, mas sim porque esses comportamentos sempre me rondaram, seja com amigos me enviando *links* de perfis, em plataformas como Onlyfans, de jovens da nossa cidade, como também em uma observância mais geral sobre essas atividades que, ambientados em um contexto público de contestação como é a internet, e mais focadamente as redes sociais, são dissecados e interpretados como uma abertura da possibilidade de inserção nos mercados sexo²¹.

Taí a prova de como existem influenciadores que só influenciam imbecis pra fazerem merda! Vão estudar, trabalhar, pensar no futuro e não se prostituir, pq

²¹A plataforma em questão ganhou grande notoriedade nos últimos anos em discussões na mídia e cultura pop. De artistas famosos criando perfis na plataforma, sendo citado em letras de músicas, até a disseminação no senso comum dos usos e possibilidades de inserção neste segmento dos mercados do sexo. Disponível em: <https://www.letras.mus.br/kadu-martins/novinha-do-onlyfans-tchan-ram-tchan-tchan/>. Acesso em: 29 jun. 2023; Disponível em: <https://www.cnnbrasil.com.br/entretenimento/o-que-e-onlyfans-plataforma-de-conteudo-utilizada-por-key-alve-s-anitta-e-mais/>. Acesso em: 29 jun. 2023.

vender o corpo (tb no OnlyFans) é prostituição mascarada. Cada um faz o que quer, mas há opções melhores.²² (Comentário retirado de uma publicação no Twitter, 10 de janeiro de 2023)

Quando a internet ganhou na minha pesquisa esta dimensão mais sistemática das redes sociais é que percebi que muitas das questões que antes havia cogitado, mas que estavam restritas a uma configuração dos sites e de seus padrões, se expandiram ao visualizar esta curiosa dinamicidade em que o sexo e o dinheiro se tornam maleáveis ao assentarem suas lógicas nestes contextos, se aproveitando das potencialidades que cada um enseja.

Um comportamento frequente nos sites de acompanhantes que visitei e que começaram a saltar-me aos olhos é como, para além das prescrições clássicas de categorias que comumente estão atreladas ao trabalho sexual, trabalhadas no próximo capítulo, é a presença de *links* de redes sociais ou de plataformas de conteúdo explícito, como o OnlyFans, que alguns acompanhantes atrelavam aos seus perfis.

Enquanto os anúncios nos sites são percebidos, pelos interlocutores que de lá foram selecionados, como uma etapa importante da aceitação da prostituição como um trabalho em que pode se dedicar inteiramente, para Paulo e João por exemplo, eles são também localizados em uma fronteira enfatizada a partir de limites que vem a se estabelecer entre o serviço de acompanhante e a vida pessoal destes indivíduos. Isto é, assim que as redes sociais começaram a ter uma proeminência nestes anúncios, começava, através de minhas conversas com estes sujeitos, a perguntar sobre essas outras maneiras de se utilizar das ferramentas digitais para alcançar clientes. O que me foi enfatizado é como as redes sociais se localizam em uma esfera mais pública da rede digital, fazendo com que a abertura desses ambientes ao escrutínio de milhares de pessoas, que possuem perfis nessas redes, expandisse as possibilidades de acesso às suas imagens.

Essas fronteiras entre sites, plataformas e perfis em redes sociais, são permeadas por uma política de visibilidades onde as inserções, permanências e recusas dentre estes locais são ditadas por considerações próprias sobre os espaços em que se quer, e pode, alcançar, bem como pela adaptação necessária às regras e recursos que cada um destes canais pode vir a oferecer.

Pesquisador: E aquilo ali de pessoas que usam até do *Instagram*, você não pensou nisso também?

²²Neste caso, decidi por não alterar a frase selecionada para exemplificação. Como foi proferida por um usuário em uma rede social pública em um contexto de discussão aberta, como é o Twitter, acredito não existir imperativos para a alteração desse discurso.

João: Não. Apesar do meu ciclo de amizades a maioria das pessoas trabalharem nessa mesma área, minha vida pessoal é separada da profissional. No meu caso, eu não acho bacana.

Pesquisador: Os sites te dão essa segurança de não ser descoberto? Dão essa sensação de profissionalidade, então?

João: Nem é a questão de não ser descoberto, não estou cometendo crime algum para ter que me esconder. Acredito que todos são profissionais da mesma forma, a pessoa que trabalha em site, na rua, no Instagram. Mas cada um sabe o que é mais confortável e o que dá mais retorno. (Troca de mensagens escritas realizada por WhatsApp, 1 de novembro de 2022)

Com relação à metodologia, esses usos, em que é visível uma mobilização direcionada à exposição do trabalho sexual, se imbricavam com minhas próprias concepções destes lugares. A configuração da veiculação comercial presente fortemente nas redes sociais, atrelada à exposição de corpos e produções voltadas para a incitação do desejo, se apresentaram como ponto tensionador das maneiras com que se pode lançar mão das configurações das redes sociais. Acredito que muito das características dos mercados do sexo encontram eco nestes ambientes pois, habitando estes espaços dinamizados pelos compartilhamentos de fotos e vídeos, alguns sujeitos escolhem seguir este fluxo de veiculações para tecerem um espaço propício ao estímulo de desejos e produções de performatividades sexuais e de gênero (Butler, 2018), procurando ao fim, traçar um caminho viável em que sexo, e sua representação, e dinheiro possam estar imbricados de alguma maneira.

Pairando sobre estes perfis por um tempo, decidi mergulhar em uma análise que levasse em conta os perfis mobilizados primordialmente na rede social Instagram. Esta presença online destes sujeitos, que não seguem necessariamente o mesmo caminho que percorri dos sites às redes sociais, me inquietava e levantava dúvidas sobre como, atualmente, o trabalho sexual masculino poderia estar se mesclando a estas novas engrenagens digitais, conflitante com um ambiente que, como foi apontado por João, é um espaço “*pessoal*”, precisamente pelos usos que alguns fazem dessas redes.

A internet é um fator importante. Há muito tempo começou a ser, mas acredito que agora apresenta novos contornos. No campo de Maria Diaz Benitez, por exemplo, os atores pornôis também eram acompanhantes. Alguns usavam dos filmes para angariar mais clientes. Essa mesma lógica parece acontecer com alguns dos ‘criadores de conteúdo’. Enquanto uns eu consegui o contato através dos sites de acompanhantes, outros eu fui conhecendo ao vasculhar alguns perfis no instagram desses mesmos rapazes que eu tive acesso pelo site. O acompanhamento está se dando dessa forma então. Observo seus comportamentos nessas redes sociais. As categorias que estão usando, quais ferramentas estão dispondo e como interagem com o ‘público’. Alguns desses que eu tive acesso pelo instagram aparentemente não realizam o trabalho de acompanhante, apenas de criadores de conteúdo. Essa pode ser uma pergunta interessante para o campo também; os processos de entrar no

‘ramo’ de produção de conteúdos até a possibilidade de começar a se anunciar, caso queiram ou não. (Diário de Campo, 26 de dezembro de 2022)

Suponho que exista, na realidade, uma multiplicidade de pontos de inserção online que são capazes de gerir mobilizações pessoais que chegam a desenrolar uma miríade de possibilidades onde os espaços digitais, como as redes sociais, se apresentam como campos de atuação possíveis. Paulo, por exemplo, me diz que em suas explorações ao querer se iniciar nos mercados do sexo, as redes sociais já se mostraram como uma possibilidade, entretanto, como João, preferiu utilizar-se somente dos anúncios em sites de acompanhantes, sendo estes primordiais para a captação de clientes.

Pesquisador: Qual a importância dos sites no seu trabalho?

Paulo: Nossa, seria a ponte entre o cliente até a mim. Sem o site eu teria que entrar no Twitter e postar pacote, que são os *packs*. Aí eu já não gostaria muito.

Pesquisador: Por que não?

Paulo: Porque daí ficaria minha foto lá e eu não gostaria de me expor daquele jeito. (Entrevista realizada por *GoogleMeet*, 07 de novembro de 2022)

Parece-me que estes ambientes se tornaram um campo fértil para uma diluição, não somente entre os contextos onde os trabalhadores podem se anunciar, mas também entre as próprias dinâmicas internas das redes sociais, como será discutido no capítulo dois.

Em matéria no jornal *El País Brasil*²³, publicada em abril de 2021, é possível termos um relance das configurações atuais dos mercados do sexo exemplificados pelas experiências das trabalhadoras sexuais entrevistadas. O compartilhamento de informações e das experiências do trabalho sexual destas mulheres, em redes como *YouTube* e *Instagram*, levou a Articulação de Prostitutas Brasileiras a oferecer cursos para disseminar as estratégias dos usos dessas ferramentas digitais.

Anteriormente ao delineamento da pesquisa, de forma periférica, como afirmando anterioremente, eu já tinha tomado conhecimento da, aparente, crescente popularização de plataformas como *OnlyFans* e de um sistema subterrâneo de produtores de conteúdo que compartilhavam vídeos e fotos desnudos, se masturbando ou em relações sexuais com outros homens, em seus perfis da rede social *Twitter*. Ainda se mostra comum, como afirmado anteriormente, amigos meus, residentes da cidade de Campo Grande - MS, compartilharem *links* de jovens que se inseriram nestas lógicas de exibição online, tendo inclusive um jovem com quem me relatei por alguns meses também criado um perfil nesta plataforma.

²³Disponível em: <https://brasil.elpais.com/brasil/2021-03-20/prostitutas-feministas-e-influencers.html>. Acesso em: 16 mar. 2023.

A partir desse estágio, o campo partiu de uma observação dos anúncios em sites de classificados, até então circunscrito às minhas perguntas sobre o papel destes contextos para a realização do trabalho sexual, para uma expansão desse universo, que conta para além de uma relação direta entre o anúncio de seu trabalho e o exercício da prostituição, a outras atividades dos mercados dos sexos, agora veiculados em esferas que carregam em si dinâmicas tensas a partir da exibição do sexo em mídias digitais.

Novamente, essa diluição entre as fronteiras digitais presentes no meu campo de pesquisa são sintomáticas, afinal, de todo um esquema de estruturação dos mercados do sexo contemporaneamente que carregam em si um amálgama entre práticas que, ao fim, estão intrinsicamente atadas entre si: exposição, performatividades de gênero e sexualidade (Butler, 2018) e circulação de dinheiro.

Partindo da análise destes contextos, primordialmente da rede social *Instagram*, percebi que as maneiras em que poderia me aproximar desses interlocutores, já delimitado pelas minhas próprias experiências com essas redes, poderiam exigir novas estratégias metodológicas para estas observações. Na busca por entender como as estratégias desses sujeitos poderiam ser maleáveis o suficiente para incorporar em seus negócios o uso que comumente se faz dessas redes, percebi como minha própria observação destes perfis - seguindo-os, observando seus *stories* e, por vezes, curtindo suas publicações - foi capaz de me introduzir ao universo de busca e consumo por conteúdos que versam sobre uma homoerótica disposta virtualmente.

Neste momento da pesquisa, dei-me conta de como as posições entre observador e observados se borravam. Agora, em comparação às observações distantes dos sites, eu poderia ser visto também. Agora eu teria, virtualizados claro, carne e osso. Meu rosto, corpo, minhas relações nativas dessa rede, estariam ali disponíveis. Parte da metodologia consistiu nessa possibilidade em me fazer reconhecido, com o meu perfil do Instagram. A partir desse contexto, empreendi mudanças em minha conta pessoal para que os contatos posteriores fossem marcados por uma transparência entre mim e os sujeitos. Minha conta pessoal do Instagram, até então, era privada. Se qualquer pessoa tivesse interesse em visualizar minha atividade nesta conta teria que fazer uma solicitação para eu poder aceitar sua entrada em minha rede ou recusá-la.

Como os meus usos dessa rede social eram marcados por uma delimitação clara do meu círculo de amigos, me deparei com um sentimento de resguardo ao notar que algumas publicações que exibia em meu perfil pessoal, ao meu ver, não me deixariam confortáveis em estarem abertas ao público. Para isso, usei a ferramenta disponibilizada pelo Instagram onde é

possível arquivar as fotos. Entretanto, ainda senti a necessidade de estar presente, mostrando meu rosto e também me apresentando como pesquisador em minha apresentação pessoal, a *bio*, em que até então não havia nenhuma informação pessoal. Assim, resumi minha carreira acadêmica: “mestrando em Antropologia Social pela UFSC”, assim como, “Campo de Estudos de gênero e sexualidade”. Seguindo, adicionei um link para o meu currículo na plataforma Escavador.

Ao entrar nesse fluxo de cliques e visitas, o pesquisador já é engolfado pela própria lógica da rede e das estratégias que esses sujeitos lançam mão ao construir seus perfis. Essa multiplicidade de perfis visitados e selecionados para um acompanhamento diário diz muito de como existe uma retroalimentação de apoio mútuo que encontra seu ápice na realização de “*featurings*”, entre esses sujeitos. Os “*feats*”, como são referidos no universo de pesquisa, são colaborações entre criadores de conteúdo que muitas vezes resultam em produções erótico-pornográficas conjuntas. Imersos em uma lógica de mercado e algorítmica entre perfis, criam um sistema em que o acúmulo de expectativas de seguidores fundamenta uma corrente entre perfis que facilmente pode ser reconhecida em publicações desses sujeitos na rede social. Mais dessa dinâmica será explicada no capítulo dois.

Larissa Pelúcio (2017), sobre sua etnografia voltada para os usos e agenciamentos de homens heterossexuais em aplicativos de relacionamento, afirma que nunca se sentiu “tão nativa” (p. 10). A disponibilidade online que o pesquisador dispõe quando pretende analisar contextos digitais é marcada pela presença constante do campo, em seu bolso. Enquanto o contato pelo WhatsApp exibia uma delimitação clara, apenas meu nome e foto, acompanhada da minha introdução ao potencial interlocutor, na rede social Instagram senti que o contexto exigia mais de minha metodologia. Bem como também se apresentava como um possível aliado para conseguir mais interlocutores. Não senti que era um estranho o contatando através do número em que se usa para fechar o negócio com o cliente. No *Instagram* eu era nativo. Reconhecendo perfis de produtores que se seguem mutuamente, visualizando seus *stories*, curtindo suas publicações e participando de suas enquetes, estava explorando a possibilidade de ser visto e reconhecido.

Enquanto sigo vários perfis que não costumava seguir antes, comecei a me acostumar com a presença desses sujeitos em meu feed. Às vezes paro para olhar alguns comentários pra ter a certeza de encontrar alguns tipos clássicos dos “fãs”, dos apreciadores. É muito fácil passar direto por essas publicações. Sinto que toda vez o campo se faz presente ali. A sistematização se faz necessária neste sentido. Uma organização mais direta da coisa, mas ainda sigo esses outros perfis que não acompanho tão de perto assim, para ter uma sensação como se meu campo estivesse presente, disponível e online, a qualquer momento. Confesso que alguns eu até

curto as fotos, às vezes como tentativa de lembrá-los que estou “observando”, ou para me fazer visto, ou porque gostei do conteúdo. Seja porque achei seus corpos bonitos, seja porque aquela publicação me deixou inquieto, me fez reacender questões de campo, me encheu de perguntas. Aqui, o like fica próximo ao botão de salvar o conteúdo, para voltar a ele quando sentir necessidade. Essas ferramentas são de bom uso. Penso que se para me tornar nativo em determinada comunidade devo adentrar nas suas lógicas de interação, então qual outro caminho se não me manter ali, sendo um “seguidor” e consumindo suas publicações? Se estamos falando de “influencers” então que sejamos influenciados. (Diário de campo, 06 de janeiro de 2023).

O que é apreendido para posterior discussão neste texto é consequência de quais métodos foram utilizados, de quais perguntas foram levantadas e de como se deu a inserção do/a pesquisador/a em campo. A minha inserção, acredito, me coloca em uma posição frutífera para sustentar as questões que estruturam esse texto. Se me perguntava quais seriam os impactos da internet na inserção nos mercados do sexo, então as imersões nos emaranhados digitais, de sites, redes sociais e plataformas, me introduziram a esse universo de conectividade. Isto é, suponho que a pesquisa ganhou muito com as tentativas, muitas vezes falhas, em estabelecer contatos com possíveis interlocutores. As estratégias de aproximação, a minha presença em redes sociais e aplicativos de mensagem, vinculadas ao consumo mesmo dos conteúdos veiculados e a interação com determinados perfis online, enriquecem o campo a partir das perguntas dessa dissertação.

Se quero entender o impacto da internet e as estratégias utilizadas pelos indivíduos ao agenciar os múltiplos mediadores do trabalho sexual atualmente, então acredito que minhas experimentações etnográficas podem se apresentar como a experiência mesma de se lançar nos itinerários entre contextos digitais desses sujeitos. Claramente não posso ignorar o fato de meus usos dessas ferramentas serem informadas pela minha familiaridade (VELHO, 1978; 2003), bem como pelas minhas próprias interpretações desses meios e das dinâmicas que imperam nos contatos estabelecidos ali.

A descrição densa (Clifford Geertz, 1978) proposta por uma antropologia preocupada em entender os símbolos, práticas e significações produzidas pelos seres humanos, no meu campo, se imbui num processo mesmo de inserções em contextos contemporâneos de análise (Christine Hine, 2020; Beatriz Lins, Carolina Parreiras e Eliane Freitas, 2020) em que minha interpretação desses códigos compartilhados, os meus usos dessas redes e a minha presença nestes ambientes também podem ser analisadas para sustentar as discussões que desenrolo aqui.

Enquanto a literatura sobre a expansão dos mercados do sexo expõe essa mesma multiplicação de mediadores possibilitados pela internet, vide as doze categorias elencadas

por Sanders et al (2018), minha pesquisa se desenvolveu dessa maneira experimental, me lançando em buscas online, observações panorâmicas e seleções de contextos onde pude mergulhar para tentar resolver meus questionamentos sobre o que é possível se articularmos internet e o trabalho sexual contemporaneamente.

Para ser bem sincero? Qual a minha diferença para um cliente? Se eu fosse em uma sauna as aproximações seriam bem parecidas; como estou nos sites me sinto deslizando pra lá e pra cá, clicando em links pra lá e pra cá, entrando em tantos perfis quanto forem possíveis, salvando contatos e contatos e mandando mensagens pelo Whatsapp. Talvez Iago até tenha me aceito justamente porque está acostumado com curiosos. Respondeu perguntas de manhã pela ‘caixinha de perguntas’ em seu perfil no Instagram e pode vir a mandar áudios no whatsapp a noite caso eu pergunte. (Diário de campo, 16 de novembro de 2022)

Compartilho das reflexões feitas por Débora Leitão e Laura Gomes (2017) ao postularem aproximações possíveis quando o que está em debate são novos ambientes passíveis de serem etnografados. Em ambientes contemporâneos de análise, como os são as redes sociais e plataformas, as condições da pesquisa devem ser esmiuçadas a ponto de entendermos quais os caminhos traçados pelo pesquisador, bem como quais foram suas estratégias adotadas para a compreensão do fenômeno estudado. O digital enseja diversas análises. E aqui, acredito, as configurações de minha pesquisa dizem muito respeito a: o espaço que as redes sociais e sites ocupam para o exercício do trabalho sexual; a lógica interacional dos sujeitos envolvidos nestes meios e os encadeamentos entre eles possibilitados pelas dinâmicas destes ambientes (como os exemplos do “*feats*” resumem muito bem); bem como as estratégias acionadas por eles para o agenciamento do trabalho sexual a partir desses ambientes.

Localizo minhas buscas por estes ambientes e por possíveis interlocutores nas analogias, paralelas aos estudos urbanos, desenvolvidas por Leitão e Gomes (2017). Entender a topologia destes ambientes online é identificar as “infraestruturas das plataformas” que “se fazem menos visíveis” e

enquanto pesquisadores precisamos identificá-las, como condição necessária à compreensão dos modos de habitar os ambientes que pesquisamos. Para tanto, é preciso ir além do simples registro do conteúdo daquilo que vemos nesses ambientes on-line, ou do que é narrado por nossos interlocutores de pesquisa, observando igualmente o uso que nós mesmos estamos fazendo das plataformas, numa postura reflexiva que incorpora as vivências – emocionais, subjetivas e mesmo corporificadas – do próprio pesquisador nas e com as plataformas, além das observações entre os interlocutores. Daí a importância do diário de campo na etnografia em ambientes digitais, do registro de impressões, sensações e experiências que não podem ser plenamente acessadas apenas através de recursos

como printscreen, ou do copiar e colar, ou seja, do congelamento do fluxo discursivo e imagético (Leitão e Gomes, 2017, p. 63).

Assim eu o tento fazer em alguns momentos de meu campo, principalmente no que se refere à observação de perfis em redes sociais. Em paralelo às análises quantitativas de quantos sites, redes sociais ou plataformas existem atualmente, eu consigo localizar meu trabalho em um fazer etnográfico artesanal, tendo os sites de acompanhantes e a rede social *Instagram* como foco principal para discussões metodológicas e descrições da ambiência desses contextos, bem como dos agenciamentos visíveis de determinados perfis selecionados para análise. Deixando-me “misturar-se à multidão, adentrar seus fluxos, percorrer seus trajetos, deixando-se levar por ela” (Leitão e Gomes, p. 46), o meu flunar por estes ambientes online pode, no que acredito, servir para identificarmos um vislumbre das configurações contemporâneas que afetam a aparência do fenômeno dos mercados do sexo.

2.3. DESAFIOS ÉTICOS E O CAMPO DA PROSTITUIÇÃO MASCULINA

Paralelo a estas considerações sobre minhas experimentações etnográficas em contextos com cuja dinâmica de interação eu já estava familiarizado, considero que o método de aproximação não se deu sem turbulências. A distância entre o pesquisador e os interlocutores se intensificou com esse espaço marcado por tentativas frustradas de contato para posteriores entrevistas. Aqui, destaco questões caras ao campo da prostituição masculina e traço considerações sobre minhas aproximações metodológicas, as tensões no campo da prostituição masculina e aposto motivos pelos quais os interlocutores em questão decidiram realizar entrevistas comigo.

O campo da prostituição masculina parece ser minado por perguntas delicadas. O interesse de um pesquisador sobre tal fenômeno pode variar, e aqui tensiono no masculino e reflito a partir da minha experiência. Os trabalhos que envolvem o trato que é dado a fenômenos como a prostituição feminina e o turismo sexual são exemplares das tensões presentes neste campo de estudos (Piscitelli, 2016). Por exemplo, Laura Agustín (2005) demonstra como ações governamentais ignoram a complexidade do fenômeno que envolve o intercâmbio entre sexo e dinheiro ou bens materiais. Essa redução do trabalho sexual à “prostituição”, primordialmente feminina e de rua, soterra as diferentes aparições deste, em que outros indivíduos envolvidos nos mercados do sexo são ignorados por órgãos oficiais e também pela literatura acadêmica.

Uma das perguntas com que iniciava as entrevistas versava sobre as considerações do interlocutor ante a possibilidade de exercer o trabalho sexual. A pergunta “por quê?” pode, quase que inerente à sua enunciação, vir marcada de uma incredulidade de quem pergunta frente à escolha do sujeito, mascarando uma insistência em encontrar uma resposta que viesse a esclarecer as reais motivações para se escolher o trabalho sexual. A crítica de Agustín (2005) é válida ao perceber que certos trabalhos focam demasiadamente nas motivações de entrada na prostituição, ignorando que este fenômeno está conectado a outras atividades, a outros agentes envolvidos nestes mercados, como clientes, bem como se localizam em um contexto sociocultural, político e econômico maior que abrange as interpretações do trabalho sexual, bem como em intervenções governamentais sobre este.

Ao entrevistar estes sujeitos, estando eu zeloso de questões que achasse serem necessárias à interpretação do campo, entrei em conflitos não somente com alguns deles, mas também com o meu próprio intuito de pesquisa, com as perguntas que no momento considerava cruciais para um quadro coeso de observação e análise. Talvez aqui a distância relativa entre pesquisador e interlocutor mostre seus pontos de tensão, pois como observou Victor Barreto (2017, p. 89) as respostas a determinadas questões, relativas ao campo dos mercados do sexo, variam de quem pergunta e quais os contextos onde esses questionamentos são feitos.

Em conversa realizada por *WhatsApp* com João, notei um distanciamento contínuo ao passo em que começava a fazer perguntas mais específicas sobre seu trabalho como acompanhante em sites.

Pesquisador: Entendi, agora ainda sobre os sites. Conte como é o processo de oferta dos serviços? Como você oferece seus serviços no site?

João: Pago o site, envio minhas fotos e um texto de apresentação simples. Me chamam no *WhatsApp* e marcamos de nos encontrar.

Pesquisador: Se pudesse destacar você de outros acompanhantes no site, como faria? Qual seria seu ‘apelo’?

João: Não me comparo com nenhum outro acompanhante, nem olho outros anúncios. Simplesmente faço meu trabalho bem feito na cama e fora dela.

Pesquisador: Entendi, e como é a relação com seus amigos que também são acompanhantes?

João: Acredito que igual a relação sua com seus amigos da faculdade. (Troca de mensagens pelo aplicativo de mensagens WhatsApp, 1 de novembro de 2022)

Após esta troca de mensagens, João não retornou minhas mensagens. Estes momentos de tensão revelam, além de imprecisões entre perguntas que não encontram eco no trabalho de campo, os limites que este campo impõe e os cuidados que se deve tomar para não infligir aos interlocutores indagações que podem ser interpretadas como moralizantes. Este bloco de

perguntas, e a resposta de João ao final, é exemplar de como a própria pesquisa pode vir a ser tensionada quanto ao interesse mesmo do pesquisador em levá-la a cabo. Como exemplo, a comparação que João faz, localizada em uma sequência de respostas curtas e diretas, pode ser interpretada como uma tentativa sua de disparar em minha direção e questionar a suposta curiosidade que guia a pesquisa etnográfica.

Existiu também um interesse recorrente de alguns sujeitos quanto ao intuito da pesquisa. Era costumeira minha disponibilidade em apresentar mais detalhes da minha trajetória. Para alguns encaminhei minhas produções acadêmicas, como foi o caso de Tales, interessado talvez por sua proximidade com a academia sendo estudante de Psicologia, enquanto para outros o interesse sinalizava uma preocupação, claramente válida, com a pesquisa e as informações que pudessem vir a ser compartilhadas.

Os limites também são produtivos para pensarmos nos contornos do campo da prostituição masculina atualmente. A minha preocupação era entender quais as dinâmicas atuais que os mercados do sexo apresentam e quais as possibilidades, assim como quais novos limites são experienciados. A pergunta “como começou?” ou “onde?” contextualizava os processos contemplados pelos interlocutores ao se inserirem nesses meandros e quais são, propriamente, os limiares do trabalho destes sujeitos.

Aqui, pensando na seleção destes sujeitos, me localizava nesta posição dúbia entre espectador - assistindo seus vídeos e analisando suas fotos -, cliente - olhando perfis diversos que me chamassem a atenção - e pesquisador - tensionando minhas leituras sobre o campo da prostituição masculina e o que estava presenciando em telas e contextos online. Atualmente, suponho que parte da imersão em campos digitais carregam em si muitas das premissas que campos mais tradicionais da antropologia também enfatizavam. Como os contextos digitais, suas ferramentas e suas dinâmicas, estão presentes em boa parte da vida humana contemporaneamente, e muito do que hoje a antropologia pretende estudar deve levar em conta, pelo menos em alguma medida, suas influências no cotidiano e nas ações humanas, não é de se estranhar que tenham ocorrido importantes alterações nos contornos do trabalho sexual.

Além de uma certa continuidade entre a emergência, desde a virada do século XX, de uma clara correspondência entre expressões visuais/virtuais e o sucesso de uma carreira na prostituição, tendo como influência uma das figuras que emergiu na cultura midiática brasileira, Bruna Surfistinha²⁴, a internet atualmente também mune estes sujeitos de

²⁴ Em entrevista realizada para meu trabalho de conclusão de curso, um de meus interlocutores disse que Bruna “sempre foi boa com Marketing e o Marketing é tudo”. (Alaman, 2020, p. 19)

instrumentos característicos das próprias dinâmicas destes novos ambientes onde os mercados do sexo se imiscuem e ganham impulso para sua realização.

Os contatos iniciais foram feitos, assim, pelo aplicativo de mensagens WhatsApp. Os exemplos abaixo revelam as (des)aproximações em campo; mesmo subestimando esse método de me apresentar ao possível interlocutor, descrever a pergunta geral da pesquisa, convidá-lo para uma possível entrevista e me disponibilizar para eventuais dúvidas, as relações de poder que emergiram são exemplares. Não somente de como o negócio carrega, por onde quer que esteja emergindo, certos contornos conhecidos, mas também como, apenas por mensagens, temos embates éticos e dificuldades metodológicas que podem ser interpretadas como típicas desses novos contextos onde pesquisadores/as tentam avançar. No exemplo abaixo enxergamos como as negociações são apresentadas no campo e na tentativa de estabelecer contato.

Pesquisador: Olá, como vai? Me chamo Jônatas :)

Lucas: Olá blz e aí. Tudo bem cara

Pesquisador: Vou bem. Lucas, eu sou mestrando em antropologia aqui na UFSC e to tentando entrar em contato com homens que se anunciam em sites de acompanhantes. Te mando mensagem pra saber se, por acaso, tu teria interesse e disponibilidade em saber mais da minha pesquisa e, se quiser, realizar uma entrevista comigo

Lucas: Hmmm hahaha. Depende, podemos negociar (Troca de mensagens, 18 de novembro, 2022)

Em outra tentativa, desta vez com Rafael, recebo uma resposta na mesma tônica. O dinheiro, como tensionador imperante neste negócio, não deixa de ser usado como contraparte à participação na pesquisa. Delicado supor que, apenas por estarem envolvidos nos mercados do sexo, teriam uma maior inclinação à tarificação de quaisquer que sejam suas atividades. É interessante notar que, talvez por estarmos tão próximos dos seus trabalhos, assim como nos mesmos meios de veiculação das negociações e do desenlace do acordo final, o pesquisador também esteve capturado por essas lógicas mercantilizadas.

Pesquisador: Oi, Rafael, como vai? Me chamo Jônatas

Rafael: boa tarde

Pesquisador: Rafael, eu sou mestrando em antropologia aqui na UFSC e to tentando entrar em contato com homens que se anunciam em sites de acompanhantes. Te mando mensagem pra saber se, por acaso, tu teria interesse e disponibilidade em saber mais da minha pesquisa e, se quiser, realizar uma entrevista comigo

Rafael: então vou ganhar o quê com isso? Porque eu cobro. Meu tempo é dinheiro e gosto de fazer as coisas bem feitas! (Troca de mensagens, 18 de novembro de 2022)

Nestas tentativas frustradas pude experienciar momentos em que questionava a utilidade desse método. À época, imaginei que mandar uma apresentação de imediato, de mim e da minha pesquisa, poderia afastar um possível interlocutor. Desta maneira preferi esperar uma resposta para poder manifestar o interesse do meu contato.

Pesquisador: Oi, Enzo, como vai? Peguei seu contato no site garoto com local

Enzo: Oiii. Bora fazer algo?

Pesquisador: Então, Enzo. Atualmente faço mestrado em antropologia pela UFSC e to pesquisando com rapazes que se anunciam em sites online. Daí queria saber se tu tem interesse em bater um papo comigo. se quiser posso explicar mais da pesquisa e dos temas que quero abordar com a entrevista

Enzo: Oi? Entrevista? Tem interesse em marcar algo mano?

Pesquisador: Sim. É uma pesquisa com rapazes que se anunciam em sites de acompanhantes.

Enzo: Vou ser mais direto. Vai me pagar algo ?

Pesquisador: Infelizmente, não tenho como realizar algum tipo de pagamento

Enzo: Não me interessa tchau. Já chega dizendo logo. Que não vai pagar nada e que é entrevista. Ai ninguém perde tempo. Ainda mais procurando no site. Pra não dar frustração pros outros. Posta no insta e no Facebook quem se interessa vai te chamar. Ao invés de ficar mandando msg e pegando número no site (Troca de mensagens, 20 de outubro de 2022)

No excerto acima é visível a relativa inadequação do método. Acredito que relativa pois, assim como houve os que não responderam, também obtive respostas de sujeitos que recusaram a entrevista e me desejaram boa sorte na minha pesquisa, assim como os que aceitaram conversar comigo. Daniel Kerry dos Santos (2019), ao refletir sobre suas experiências em campo ao pesquisar o contexto da prostituição masculina em saunas em capitais brasileiras, lança a pergunta: “Afinal, em nome de quê o *boy* me daria uma entrevista?” (p. 69). As resistências enfrentadas pelo autor o impuseram a necessidade de considerar o pagamento aos interlocutores para a realização de entrevistas. Nessas discussões, o que se leva em consideração como uma pesquisa ética encontra obstáculos impostos por possíveis colaboradores e suas resistências em compartilhar suas experiências nos mercados do sexo.

Apesar das frustrações constantes para conseguir interlocutores, acredito que este método clareou os meandros dos mercados do sexo atualmente e como, a partir destes meios, podemos ensinar os novos contornos do trabalho. A aproximação pode ser percebida como uma clara intrusão nestes meios em que são realizadas as negociações entre acompanhante e clientes e, exatamente por esse motivo, podem exemplificar suas dinâmicas a partir desses ambientes, bem como me coloca em uma posição ambígua entre pesquisador e possível consumidor.

Pesquisador: Oi, Emerson, como vai? Me chamo Jônatas. Atualmente faço mestrado em antropologia na ufsc e pesquiso com homens que se anunciam em sites de acompanhantes. Tu teria um tempo pra eu explicar sobre minha pesquisa, e se tiver interesse, realizar uma entrevista comigo?

Emerson: Oi

Pesquisador: Oi! Tudo bem?

Emerson: Tudo e contigo

Pesquisador: Vou bem. Então, Emerson. Eu venho fazendo entrevistas com outros garotos pelo google meets. Faço perguntas sobre sua trajetória pessoal e também tento conversar com você sobre sua relação com seu trabalho, o uso dos sites etc. Daí a conversa é bem livre mesmo. Não precisa ligar a câmera nem nada. Só queria bater um papo com você mesmo. O que me diz?

Emerson: Packs novos, estão muito bons. Se quiser é só chamar 🤔🔥🔥

25 vídeos: 200

15 vídeos: 150

10 vídeos: 100

25 fotos: 100

Vídeo chamada: 200 (batendo uma até você gozar) (Troca de mensagens, 4 de novembro de 2022)

Em outro momento, tento contato com Rick. Obtive uma resposta positiva para a entrevista, mas que não teve continuidade pois o possível interlocutor parou de responder. Tendo esquecido desta conversa, sendo soterrada por diversas tentativas de contato com outros perfis, recebo a mensagem abaixo, duas semanas depois, seguida de dois vídeos com e legenda destacada abaixo. No primeiro, com a duração de 3 segundos, Rick se abaixa para realizar sexo oral em outro homem. No segundo, de 4 segundos, Rick se levanta e os dois se beijam.

Promoção relâmpago

8 vídeos de conteúdo exclusivo por apenas \$10,00

Caso tenha interesse realizar pagamento via pix *** cpf e mandar comprovante. (Troca de mensagens, 3 de dezembro de 2022)

No início senti um choque ao ser rodeado desta maneira. Para além de não esperar nenhum tipo de interação, marcada pela habitual inalcançabilidade do objeto, estranhei ao me deparar de maneira explícita, por mais breve que fosse, um ato sexual em meu celular. Observei os dois vídeos e os deletei. O choque não foi causado propriamente por algum tipo de puritanismo ou inocência do pesquisador. Estava, ao fim, acostumado com a nudez das fotos e vídeos dos sites, e por vezes, consumido por uma exaustão de tanto observar esses contextos com suas construções/expressões visuais. Entretanto, neste momento percebi que o campo etnográfico feito online também causa entraves interessantes de serem destacados e, nesta pesquisa, a insinuação constante e o erotismo fortemente veiculado nas redes a partir de minhas inserções também mobilizaram desejos e fantasias do pesquisador.

2.3.1 E o off?: notas sobre (des)encontros etnográficos

Estou de acordo que um pesquisador deve estar atento ao que (im)possibilita o seu campo e quais as condições que daí são criadas para uma pesquisa etnográfica ser realizada. Informado por uma Antropologia Feminista (Alinne Bonetti, 2012; Henrietta Moore, 1990) preocupada em lançar luz nas relações de poder estabelecidas em uma etnografia, principalmente no que se refere às interações que explicitem as posições de gênero, sexualidade, classe, entre outros, nas relações entre pesquisador e pesquisados, acredito que minhas aproximações também são tensionadas pelas minhas posições enquanto jovem, branco e homossexual.

Para além da minha aproximação digital com possíveis interlocutores revelar os caminhos criados atualmente nos mercados do sexo, bem como ser exemplar da complexificação das relações de poder em campo, não podendo ser resumida superficialmente em uma relação hierárquica de privilégio entre pesquisador sobre o pesquisado²⁵, quero discutir o que me foi possibilitado.

Aqui destaco uma experiência única em que pude me encontrar com um interlocutor. Apesar de considerar encontrar interlocutores em Florianópolis para um possível aprofundamento dos vínculos de pesquisa para talvez conhecer alguma rede de amizade entre acompanhantes, essa pesquisa se deu primordialmente pelo digital. Entretanto, Leo concordou em me encontrar pessoalmente para conversarmos.

Mandei mensagem inicialmente com o intuito de tentar estabelecer mais contatos através do intermédio de Leo. Logo no início da conversa, Leo desabafou comigo sobre seus problemas pessoais e como a atual situação dele o deixa desanimado com relação aos seus projetos de vida. Como acredito que uma relação entre pesquisador e interlocutor deve se estender para além de entrevistas formais, quando possível claro, respondi ele dizendo que estava disponível para conversarmos, caso ele sentisse necessidade de um ombro “amigo”. Prontamente me convidou para, naquela noite, nos encontrarmos na Beira Mar²⁶ para, inicialmente conversarmos. A informalidade da conversa e do futuro encontro já me causou alertas com relação à necessidade de distanciamento do meu ‘objeto’ de pesquisa. Acredito que concordei em encontrá-lo para conversarmos sobre seus problemas e, claro, que eu tivesse alguns espaços para fazer perguntas complementares à entrevista. Esse seria o encontro mais ‘neutro’ possível, na minha visão. O que me livraria de julgamentos que pudessem interceder pela ‘ética’ em uma pesquisa. As dúvidas continuaram, mas concordei comigo mesmo que, positiva ou negativamente, o encontro traria mais tensão a um campo ‘online’.

²⁵ Das frustrações constantes devido a inalcançabilidade do objeto de pesquisa à minha posição enquanto detentor de certo saber acadêmico, e como disseminador dessas experiências em textos etnográficos atribuídos à minha pessoa, concebo esse campo como um exemplo das intrincadas relações de poder que podem ser estabelecidas em uma pesquisa etnográfica, como a reivindica a Antropologia Feminista (BONETTI, 2006).

²⁶ Avenida que é um dos pontos turísticos da cidade de Florianópolis.

Depois de nos cumprimentarmos na praça XV, começamos a vaguear pelas ruas do centro histórico procurando um rolê que nos chamasse a atenção. A informalidade do encontro, que era pra ser apenas para uma conversa, que se tornou algo além dos meus interesses iniciais de pesquisa (de fazer perguntas) ainda me deixava incerto com relação à noite. Quando chegamos na rua do MESC²⁷ percebi que Leo já era um habituê do local. Cumprimentou uma amiga e depois, no bar que sugeriu que ficássemos, cumprimentou o recepcionista. Me apresentou a ambos com uma cordialidade que me deixou incomodado. No primeiro encontro com sua amiga, ao me apresentar, se virou pra mim e perguntou “como é seu nome mesmo?”. Essa não seria a única indagação na noite que fosse me fazer questionar qual tipo de relação eu estaria desenvolvendo com os interlocutores.

Me avisou que também havia convidado um amigo. Após seu amigo chegar me apresentou e disse a ele: não se preocupe, ele é um dos nossos. Após, virou-se para mim e perguntou: o que você faz mesmo?, se referindo à minha formação acadêmica. A noite passou rapidamente entre cervejas e tentativas minhas, nem sempre bem sucedidas, de perguntar sobre sua experiência com o trabalho sexual.

Ainda no auge da noite, após seu amigo ir embora, eu e Leo nos dirigimos ao terminal do centro da cidade para irmos, cada um, para sua casa. No caminho me disse que me achava muito bonito e que, pelo fato de eu usar óculos, parecia ser do tipo “nerd” que “gosta de star wars” e que ele se sentia atraído por mim. Ri para contornar a situação e concordei com ele sobre minha aparência comumente ser categorizada dessa maneira. Já em frente ao terminal pergunto sobre as questões que havia trazido em nossa primeira entrevista e no momento de nos despedirmos Leo tentou me beijar duas vezes. Nas duas vezes esquivei e disse que seria melhor estabelecermos outro tipo de relação. Ele disse que entendia e nos despedimos. Dias depois percebi que Leo havia me bloqueado do WhatsApp e da rede social Instagram, onde havíamos seguido um ao outro. (Diário de campo, 4 de novembro de 2022)

Paralelo a esse encontro, adentrei ainda mais em minhas perambulações online (Leitão e Gomes, 2017) e não tentei estabelecer nenhum outro contato presencialmente. Concordo com Leitão e Gomes (2017) quando afirmam que

A noção de que encontrar seus interlocutores de pesquisa fora do on-line traria maior respaldo à pesquisa ou seria condição de sua realização nos parece no mínimo ingênua, para não dizer desrespeitosa, quando o encontro off-line não é algo que os participantes dos grupos que estudamos normalmente fazem (Leitão e Gomes, 2017, p. 53).

Atribuo essa ingenuidade em minhas tentativas frustradas de aprofundar minha relação com estes interlocutores. Não procuro dismantelar o esforço etnográfico que estabeleci durante os meses de minha pesquisa. Acredito que justamente por acabar “preso” às configurações online de pesquisa, pude beneficiar-me dos caminhos que tracei digitalmente.

²⁷ Sigla para o Museu da Escola Catarinense localizado no centro da cidade de Florianópolis.

Entretanto, este encontro me fez lembrar que as condições de minha pesquisa ainda são marcadas por tensões inerentes aos métodos apreendidos. Enquanto as entrevistas possam ser questionadas sobre a distância que se estabelece com interlocutores, sendo visível em momentos quando Leo se virou pra mim e disse “O que você faz mesmo?” mesmo tendo, em nossa entrevista, explicitado minha formação e minha pesquisa, percebo que este encontro me fez lembrar que as condições de uma pesquisa perpassam por questões outras que devem ser levadas em consideração.

Não posso desconsiderar que meu corpo (Camilo Braz, 2007; 2010) assim como minha aparência podem ter sido decisivos na realização de entrevistas com sujeitos que sequer sabiam se meus intuitos de pesquisa eram reais ou não. Este encontro me fez perceber que minhas posições enquanto pesquisador corporificado (Donna Haraway, 1995) também têm papel crucial na realização de pesquisas etnográficas. As tentativas de Leo em me beijar me colocaram nessa posição dupla de pesquisador e sujeito de interesse afetivo-sexual, parte do objeto de investigação.

Ao fim, esta pesquisa localiza-se entre incursões etnográficas com aprofundamentos distintos, mas seguindo pontos de discussão que amarram as questões que me propus a entender e as que me foram apresentadas a partir das observações e entrevistas com sujeitos que se disponibilizaram em conversar comigo. Até agora espero ter deixado claro que procuro entender o espaço que o trabalho sexual ocupa na vida dos homens inseridos neles e quais são suas experiências com relação a este fenômeno que engloba distintas questões sociais, políticas e culturais. A internet e os mercados do sexo devem ser visualizadas a partir dos usos que se fazem daquela e da maneira com que estes emergem a depender da atividade que se está mirando e de quais sujeitos estamos falando.

Contrapor experiências, analisar as interpretações pessoais que cada um faz do trabalho sexual e aprofundar temas que me moveram durante o período de pesquisa é minha intenção aqui. Obviamente existem questões que não serão respondidas nesta pesquisa. Seja porque não tenho bases empíricas para tal ou porque não me debrucei sobre elas. A partir daqui procuro desenvolver análises de questões que foram mobilizadas a partir de minhas leituras sobre prostituição masculina e articulá-las a problemas que me foram apresentados durante a pesquisa.

A descrição dos sites visitados, dos usos destes, os agenciamentos de redes sociais bem como as experiências de inserção nos mercados do sexo farão parte do capítulo que segue. Já no terceiro capítulo procura encerrar a discussão com indagações que articulam

temas como desejo, prazer, marcadores sociais e masculinidades a partir da experiência de acompanhantes masculinos.

3. O MERCADO MASCULINO DO SEXO E O MUNDO DIGITAL: FRONTEIRAS FLUÍDAS

A partir da pesquisa etnográfica realizada em ambientes virtuais sobre o mercado do sexo masculino, neste capítulo procuro argumentar em torno da seguinte pergunta que emergiu do campo: como a internet dinamizou o trabalho sexual masculino? Procuro, então, desenvolver uma análise a partir de sites de acompanhantes masculinos e as suas fronteiras virtuais com redes sociais, apontando para os distintos alcances contemporâneos do trabalho sexual. Enfatizo o impacto da internet no trabalho sexual masculino e em como as estratégias desses sujeitos se modificaram com a inserção de novas modalidades de tarificação do sexo. Por exemplo, as hierarquizações que podemos reconhecer entre sites e entre estes sujeitos investigados serão descritas para traçar um panorama de como o trabalho sexual tem sido dinamizado.

Para além dessa virtualização da prostituição masculina e das suas possíveis representações nos anúncios, essa presença online escorre para outros contextos, como as redes sociais, e aqui, a internet ganha essa amplitude que expande os campos de atuação de alguns desses sujeitos. Essa porosidade será entendida como limites não somente profissionais entre quem apenas se anuncia nos sites e quem está presente nestes outros contextos, mas também como esta “plataformização” do sexo (Caminhas, 2020a) altera as próprias concepções sobre os mercados do sexo. Nesta esteira, as observações de perfis na rede social *Instagram*, também serão estabelecidas como contextos online passíveis de serem problematizados para traçar as linhas do fluxo online em que os sujeitos servem-se das ferramentas disponíveis para a tarificação do sexo ou sua expressão online.

Procuro entender como as diferenças entre as atividades possíveis dentro dos mercados do sexo são dinamizadas a partir dessas presenças online que são, por sua vez, possibilitadas pela ampliação dos campos de atuação para sujeitos que decidem aí adentrar. O que interessa aqui é entender que as formas com as quais o trabalho sexual veio a ser mediado contemporaneamente interfere muito nas concepções que se fazem de diversas atividades, como prostituição, produção pornográfica e o *webcamming*. A introdução destas plataformas de veiculação de conteúdo pornográfico-erótico, como o *Onlyfans*, estabeleceu uma presença virtual fazendo com que os sujeitos inseridos neste mercado lançassem mão destes espaços online, como as redes sociais, para intensificar a veiculação de si e de seus trabalhos em ditas plataformas.

Enquanto a produção erótica/pornográfica visa uma autonomização das trabalhadoras/es envolvidas/os nesses negócios, os usos que se fazem das redes sociais também expandem as possibilidades de veiculação de outros trabalhos que não se limitam a essas produções eróticas virtuais. Lorena Caminhas (2020b) aponta que em seu campo, assim como também pude confirmar a partir de minhas observações, as separações entre as atividades possíveis dentro do universo do mercado do sexo criam hierarquizações entre os sujeitos aí inseridos, e o caso da prostituição, que remete ao encontro físico entre profissional e cliente, fica relegada a um plano inferior, sendo constantemente rejeitada.

Apesar de nos mercados do sexo as hierarquizações entre atividades parecerem ser constantemente produzidas, as mobilizações em diversos sentidos, no que se refere à possibilidade de atuação nessas diferentes frentes do mercado, também abarcam acionamentos que revelam a abertura possibilitada pelas redes, associada ao processo de plataformização, ao exercício da prostituição masculina.

Aqui acredito que o campo revelou os fluxos online onde a viabilidade do negócio da prostituição masculina encontra seu campo mais fértil quando os usos de redes sociais, a partir da expansão de plataformas como o *Onlyfans*, possibilitaram a manifestação desses trabalhos em contextos antes não vistos. Acredito que a contextualização dos mercados do sexo e as interpretações que se fazem das atividades nele envolvidas são de bom uso para justamente localizarmos essa expansão que é visível contemporaneamente. Em contrapartida, procuro também entender quais são as experiências de sujeitos que estão inseridos em sites de acompanhantes e que interagem afetivo-sexualmente com clientes, estabelecendo os limites do trabalho e apresentando suas percepções sobre a prostituição/serviço de acompanhante.

3.1. CORPO, TEXTO E IMAGEM: A QUEM SE DESEJA NOS MERCADOS DO SEXO?

Uma das perguntas norteadoras desta pesquisa diz respeito a uma inquietação minha em como um sujeito pode lançar mão das ferramentas disponíveis online, devido a sua ubiquidade e multiplicação com o passar dos anos, sem passar, necessariamente, por experiências em territórios considerados clássicos da prostituição, como ruas e saunas. Se existe atualmente uma diversidade de opções que possibilitam uma pessoa a se iniciar neste trabalho, como ela o faria?

Conforme as interlocuções da pesquisa foram se desenvolvendo e as observações se aprofundaram mais nos fluxos online, ficava claro que a internet e os sites de anúncios se

localizam em um contínuo acionamento dos meios de comunicação para a veiculação e realização de atividades vinculadas aos mercados do sexo, como o serviço de acompanhante. É possível, então, entendermos os sites de acompanhantes dentre um *continuum* da mobilização do trabalho sexual de forma online, que pode desembocar até às atuais, e crescentes, presenças online em redes sociais, produzindo ainda mais fronteiras e diferenciações entre as atividades.

Percebo que a presença em espaços como saunas e ruas podem se dar de maneira paralela ao acionamento dessas ferramentas, entretanto, existem considerações que devem ser feitas quanto às possibilidades contemporâneas de inserção nos mercados do sexo. Acredito que, assim, as formas de se acionar e veicular o sexo e dinheiro contemporaneamente apresentam seu caráter de maleabilidade, e as práticas que cada sujeito pode vir a desenvolver, também se alteram devido a transformações, que são o foco desse capítulo.

Se estamos falando de mediadores paralelos a espaços físicos, vemos já no trabalho de Rafael Saldanha (2010), por exemplo, outros territórios onde a prostituição masculina pode vir a tomar forma. Sua análise de anúncios de classificados no estado de Santa Catarina enxerga a dinamicidade na qual as expressões da prostituição masculina se alteram conforme os meios de comunicação, bem como compartilham entre si similaridades com relação à construção textual dos anúncios. Interessante notar que o espaço publicitário sempre esteve em questão, com os anunciantes direcionando expectativas, trabalhando com fantasias e animando desejos que envolvem articulações de marcadores sociais da diferença (Saldanha, *Ibid.*).

O foco do trabalho de Saldanha recai justamente sobre o conteúdo veiculado nas páginas de classificados de um jornal, versando sobre os aspectos associados ao exercício da prostituição masculina. As questões de gênero e sexualidade, focando nas expressões das masculinidades hegemônicas e subalternas (Connell e Messerschmidt, 2013) são constantemente manifestadas nos anúncios selecionados pelo autor. Esse foco na criação discursiva utiliza desses aparatos para a veiculação do desejo através da explicitação de aspectos diversos dos homens, que passam desde o corpo à potência sexual - resumida ao tamanho do pênis - e a marcadores como raça e região.

Muitos paralelos podem ser traçados com os anúncios observados nos sites de acompanhantes analisados nesta pesquisa. Esses acionamentos trabalham com marcadores que, articulados cada um à sua maneira, criam espaços de excitação possíveis nessa estrutura do desejo. O foco na mensagem e no texto, que Saldanha dá ao seu trabalho, pode também ser transportado para estes outros meios em que a diferença vai recair primordialmente na

utilização de imagens, fotos e de todo um aparato técnico que viabiliza a produção de si enquanto sujeito passível de desejo.

Contudo, os corpos se constituem primeiro no imaginário, na representação que o michê faz de si dentro do anúncio. Por isso a publicidade tem forte importância nesse contexto, pois é a partir dela que surgem os meios possíveis para essa representação. Ao utilizar o espaço publicitário, a representação do corpo busca atrair os consumidores aos quais é dirigida. E mais, procura ser mais atrativa do que as representações dos ‘concorrentes’ (Saldanha, 2010, p. 29).

Interessante também notar que na pesquisa de Tatiana Lopes, Guilherme Passamani e Victor Rosa (2021), essa veiculação de anúncios em jornais impressos, como o analisado por Saldanha, passam por uma peneira que respeita a um processo de higienização que abre brechas para uma proliferação criativa de usos de palavras que criam uma outra estrutura que, em seus nós, intensifica uma economia libidinal própria da prostituição masculina. Corpo, “raça”, idade e gênero são marcadores possíveis de serem articulados e instigados nos anúncios.

As comparações entre as aproximações dessas modalidades de agenciamento da prostituição masculina podem ser feitas se levarmos em consideração os trabalhos que focam sobre seu exercício em territórios como saunas e ruas. E aqui, o trabalho de Néstor Perlongher (1987) se mostra seminal quando tratamos de aproximações antropológicas sobre esse fenômeno que levem em consideração as diversas complexidades que envolvem a realidade de jovens que iniciam na prostituição masculina e suas configurações mais microscópicas.

O trabalho de Perlongher, localizado na ocupação de uma região central da cidade de São Paulo, versa sobre os diferentes processos de diferenciação que são geridos e organizados territorialmente nestes contextos. Os aspectos que são compartilhados pelo autor referem-se a toda uma reestruturação espacial e simbólica que, quando a noite atinge seu ápice, dita as regras daqueles que se aventuram pelas suas dependências.

A etnografia do autor é exemplar pois, ao tratar da trajetória dos michês que praticam o *trottoir* nas ruas paulistanas, explicita o que constitui um dos pilares deste negócio: o desejo e suas dinâmicas. Assim como também data historicamente todo o processo de constituição de subjetividades que consiste na produção das diferenças e articulação de marcadores sociais naquele contexto.

O trabalho de Perlongher (1987) embasa grande parte deste texto dissertativo pois acredito que as questões tratadas minuciosamente pelo autor são inspiradoras para

entendermos, principalmente, as lógicas das dinâmicas que perpassam o trabalho sexual masculino. No caso de Perlongher, seu trabalho de traçar o que configura a economia do desejo que caracteriza esse fenômeno, serve como ponto de referência para discutirmos as aproximações, assim como os afastamentos, que tentarei estabelecer a partir dos relatos dos interlocutores dessa pesquisa.

A virilidade, a classe e a “raça” entre outros marcadores são localizados no que o autor chama de “tensores libidinais”. Esses tensores são nós em uma economia do desejo que articulam a excitação às diferenças sociais entre os sujeitos envolvidos na transação do negócio.

No dispositivo da prostituição atualizam-se, aliás, outras virtualidades sociais. Desejo da bicha pelo macho, mas também do adulto pelo jovem, do rico pelo pobre. Oposições que, sob diferentes formulações, atravessam o corpo social no seu conjunto, se articulam neste caso (e nisso reside seu interesse) diretamente no nível do desejo sexual. As sobrecondições do *socius*, são, elas próprias, desejadas. Mecanismos sociais que aparecem “do avesso”, no seu lado desejante e turbulento (Perlongher, 1987, p. 209).

Essa organização do desejo é entendida como parte de uma estrutura maior que alicerça a diferença entre sujeitos. Dentre esse universo homossexual que toma base em categorizações abundantes que produzem diferenças amparadas em marcadores sociais e atados a um universo simbólico de distinções e valores, a prostituição masculina parece respaldar-se nessa variedade desejante que, no caso do trabalho de Perlongher, é veiculada pela exacerbação da masculinidade viril, em contraponto às outras expressões de gênero e sexualidade, como é no caso da prostituição de travestis, entendidas naquele contexto histórico como homossexuais que “se passam por mulheres” (Perlongher, 1985, p. 95).

É interessante que, por mais que o autor trabalhe em séries de distinções resumidas em três categorias imperantes nesse negócio, “idade, classe e gênero” (Perlongher, *Ibid.*, p. 95), deve-se levar em conta que existe uma multiplicação infinitesimal que gere toda uma economia fundamentada na diferença e no desejo. Se formos levar em consideração seu trabalho, focado na prostituição que estabelece como viril, há toda uma miríade de categorizações que dizem respeito a diferentes processos de subjetivação que são dinamizados pela distribuição espacial do contexto analisado.

Essa multiplicidade, por exemplo, é ditada pelos eixos de diferenciação acima destacados, e a produção de locais subjetivos e categóricos para cada sujeito respeita a como cada um é capturado pela articulação dessas categorias. Trabalhando com um sistema de “nomenclaturas classificatórias” (Perlongher, *op. cit.*, p. 147), temos uma variedade de termos que se referem, por exemplo, a um *continuum* de gênero que respeita uma estrutura de

distinção baseada em níveis de masculinidade e feminilidade. Assim como a idade interfere na classificação, sendo os sujeitos mais velhos caracterizados como os *clientes bichas*, a classe também entra na matemática para dinamizar estas posições produzidas.

Essas separações encontram respaldo em todo um processo em que o desejo é veiculado e intensificado pelo anseio do perigo que a transgressão, entre sujeitos localizados em diferentes estruturas sociais, vem a ensejar, como visto na citação destacada anteriormente. Essa transversalidade entre sujeitos que cobram pelo sexo e por aqueles que são capturados pelos seus desejos, e decidem pagar para realizá-los, carrega uma complexidade que, a depender do ponto de partida em que o pesquisador decide fundamentar suas perguntas, prescinde relações específicas de afeto, sexuais e de troca monetárias.

Os corpos e seus marcadores são mobilizados de maneiras particulares quando se trata da prostituição acionada a partir de contextos físicos. Os trabalhos de Victor Barreto (2017), Normando Viana (2010), Élcio Nogueira Santos (2012) e Cristiano Hamann (2019, Hamann et al, 2020) feitos em saunas de diferentes cidades do país, exemplificam o rol de configurações que regem as dinâmicas estabelecidas nesses espaços. O desejo que deve ser incitado para angariar clientes nestes espaços diz respeito a uma variedade de técnicas e produções estéticas de si que pontuam o espaço que cada sujeito pode vir a ocupar dentro da lógica desejante nesse negócio. Por exemplo, como mostrado no trabalho de Santos (2012), a cor se torna foco central da análise para se pensar questões como o desejo é calculado por um viés de abjeção e fantasia que gira em torno de uma aproximação ao corpo negro e da potência viril que supostamente vem a ser encarnada por estes homens nestes espaços.

O ponto dessa discussão reflete o quanto a multiplicidade das características destes sujeitos podem somar a um fluxo de desejo que é regido por um cálculo entre posições sociais, marcadores que visam, ao fim, fazer com que cada um possa encontrar neste mercado um espaço privilegiado para a captação de clientes e os posteriores ganhos monetários que daí derivam.

Com isso, procuro preparar terreno para o processo próprio de diferenciação que ocorre nas dinâmicas desse mercado e que é dinamizado pelos sites e outros contextos online. A diferença é entendida como produtora de subjetividades, encarnada em corpos, viris ou não, musculosos ou não, jovens ou não, gerindo a lógica própria desse mercado. O que resta então, é saber desmembrar esses processos de diferenciação e identificá-los a partir no material de campo em que esse fenômeno toma forma, bem como entender como esses homens percebem a si mesmos e os lugares que acreditam ocupar nessa arena produtora de desejos e subjetividades.

3.2. MEIOS DE INSERÇÃO, INICIAÇÃO E INDIVIDUALIZAÇÃO

Os meios de inserção ou de contato com o trabalho sexual podem ser diversos. E na experiência dos interlocutores desta pesquisa, a internet ocupa um espaço privilegiado para o impulso inicial que os levaram até os enredos dos mercados do sexo. Dos seis interlocutores entrevistados a partir dos sites de anúncios, Paulo, Leo, Hugo, João e Tales dizem ter começado utilizando a internet. O importante seria reconhecermos que as nuances que envolvem um direcionamento pessoal aos mercados do sexo envolvem várias circunstâncias específicas as quais pode se vincular ao trabalho, levando em consideração as trajetórias de cada sujeito.

Kevin Walby (2012) trabalha com a noção de “empreendedores sexuais”²⁸, para dar conta da relação que homens envolvidos nos mercados do sexo masculino estão sujeitos a partir das inserções individuais e esparsas dentre os meios que possibilitam as relações entre o acompanhante e cliente: “O acompanhante como empregado por conta própria vem sendo moldado em parte pela disponibilidade de computadores e de tecnologias da internet, nos quais fundiram o sexo comercial com empreendimentos a partir de meios eletrônicos” (Ibid., p. 81. tradução própria).²⁹

A internet, então, entra nestes meandros como um espaço para o autoagenciamento, ou auto empreendimento. A individualização que a internet apresenta, sendo os sites de acompanhantes um lócus crucial e ainda atual para sua realização, provê novas relações nas quais o trabalho sexual é agenciado e veiculado a partir de noções de empreendimentos pessoais. Essa cultura do empreendimento focaria em um *ethos* próprio desse mercado, e no caso da prostituição masculina, fortemente marcada pela necessidade da incitação do desejo e na posição do corpo masculino como zona privilegiada para o entendimento das dinâmicas desse negócio.

Um ponto interessante em que este autor toca é o que se refere a um “trabalho estético”³⁰ (Walby, 2012, p. 84), necessário para a inserção nestes meios. O destaque dado a certas partes do corpo masculino serve como norte para a busca realizada por clientes e a diferenciação, então, é como um aspecto primordial para o relativo sucesso de um sujeito no mercado. Esta característica da individualização, causada pelo acesso à internet e pelas

²⁸No original: “*sexual entrepreneurialism*” (Walby, p. 81)

²⁹No original: “Escorting as self-employment has been shaped in part by the availability of computer and internet technologies, which have fused commercial sex with entrepreneurial e-business” (Ibid).

³⁰No original: “aesthetic labour” (Walby, *op. cit.*, p. 84)

inserções a partir de redes *online* afastando paulatinamente sujeitos de contextos físicos onde a prostituição vem a ser exercida, revela que muito do trabalho sexual vem a ser dinamizado por um processo pessoal de considerações, experimentações e adaptações a determinados meios de veiculação.

Existem certas táticas exigidas no trabalho sexual; as adaptações que os sujeitos devem desenvolver destacam muito da lógica do empreendimento, uma vez que as mobilizações particulares desses trabalhadores devem ser produzidas a partir do que cada cliente demanda. Ou seja, nestes meios, leva-se em consideração como cada sujeito utiliza dessas ferramentas, ditando um processo de consciência sobre quais nichos de mercado podem ser acionados a partir da seleção de fotos e descrições postas nestes sites. O autor afirma também que “anúncios aludem a quais serviços sexuais os acompanhantes oferecem. A construção textual dos anúncios deve ser precisa se os acompanhantes estão mirando um nicho de mercado” (Walby, 2012, p. 84, tradução própria)³¹.

Nestas inserções a partir de sites de acompanhantes, cada sujeito pode encontrar seu nicho, e o aspecto crucial é como os marcadores sociais, lá trabalhados por Perlongher (1987), são dinamizados a partir de uma sobreposição constante e rotativa de homens que se anunciam nesses meios: “O corpo exibido e o corpo sexualizado: esses são os objetos que o cliente está ansioso para ver e tocar. Os tipos de corpos influenciam a persona e o marketing do trabalho sexual do acompanhante” (Walby, *op. cit.*, p. 93, tradução própria)³². Neste ínterim de acessos e acionamentos, o trabalho sexual pode ser espriado e observado a partir de quais elementos de diferenciação imperam neste mercado.

O instante em que ocorre o estalo para se inserir neste mercado pode variar. Acompanhada da apreciação pessoal em cobrar pelo sexo, existem sutilezas que devem ser consideradas. Nas experiências dos interlocutores desta pesquisa, lançar mão de ferramentas digitais foi o primeiro passo para um processo contínuo de preparo, experimentação e aperfeiçoamento.

As experiências com a prostituição engatadas a partir da internet devem ser analisadas no conjunto das atividades que caracterizam os mercados do sexo. A articulação entre trabalhos, a partir das experiências dos interlocutores desta pesquisa, é entendida a partir de um arsenal de atividades, vindo a caracterizar as modalidades do trabalho sexual agenciado a partir da internet e de certas plataformas online. Essas atividades, trabalhadas mais a frente,

³¹No original: “Ads allude to which sexual services the escort offers. The wording of ads must be precise if escorts are targeting a niche market” (Walby, 2012, 84).

³²No original: “The displayed body and the sexualized body: these are what the client is keen to see and to touch. Body type influences the escorts sex work persona and marketing” (Ibid, p. 84).

se resumem, além do serviço de acompanhante, na produção de vídeos pornográficos amadores, criação de conteúdos eróticos online e a prática de *webcamming*, definida como a exibição erótica ao vivo em plataformas online.

O ponto principal do argumento se localiza precisamente na multiplicidade de formas nas quais a internet vem a agenciar o exercício do trabalho sexual. E esse trabalho vai muito além da prostituição. Focar o trabalho nos sites apresenta suas características mais óbvias com relação ao serviço oferecido: o posterior contato físico com o cliente. Entretanto, as atividades em que tais sujeitos podem se debruçar desenrolam uma rede de acionamentos e movimentações que exploram suas possibilidades de agenciamento do trabalho sexual e da forma com que cada um experiencia os processos de inserções e permanências neste.

Pesquisador: Você disse que está há um tempo no serviço, né? Há uns anos já. Você acha que essa coisa de vender packs é recente? Qual você acha que foi a mudança?
 Hugo: Então, a gente pegou no embalo porque quando eu atendi pela primeira vez não tinha esse negócio de vender foto, não. Os clientes perguntavam “tem foto?” A gente mandava 30 fotos, gravava 50 vídeos, era assim e era tudo grátis. Agora nada mais é grátis. (Entrevista realizada por *GoogleMeet*, 04 de novembro de 2022)

A análise precisa ser localizada dentre essas modalidades - de sites, aplicativos, plataformas de *webcamming* entre outros-, em um processo maior e abrangente de modelagem do trabalho sexual em uma configuração em que a veiculação do trabalho sexual é capturada por diferentes meios online. Esses agenciamentos, de diferentes plataformas, se tornam o ponto nodal da discussão. Os meios de inserção, por mais que inevitavelmente denotam o caráter livre e autônomo dos sujeitos que aí decidem participar, levantam uma série de questões referentes às dinâmizações que as diferentes modalidades do trabalho sexual sofrem dentre diversos intermediadores.

Lorena Caminhas (2020a) levanta essa discussão ao comentar os processos de plataformação a partir de trabalhadoras sexuais envolvidas em práticas de *webcamming*. Essa prática é definida, a princípio, pela exibição ao vivo de comportamentos sexuais, seja com parceiros/as ou solo, veiculadas em plataformas que dão o suporte para a realização das transmissões. O que a autora denota em sua análise é o *continuum* das transformações envolvendo o exercício do trabalho sexual, tendo como ênfase a pornografia e sua autonomização a partir do avanço das tecnologias de informação (Parreiras, 2012), além das lógicas do papel das produtoras pornográficas, para a dinamização destas atividades.

O que Caminhas (2020b) chama de “formatação” do trabalho sexual diz respeito à acomodação dessas práticas, presas a uma lógica de oferta e demanda do mercado às

engrenagens de plataformas, mediadores *online* geridos por empresas e sujeitas às suas normas que, ora alargam o escopo das atividades possibilitadas aos indivíduos, ora gerem processos de desigualdade por meio das estruturas moderadoras, e reguladoras, do trabalho sexual.

A análise da autora foca em dois processos denominados de “descentralização” e “recentralização”. No primeiro, estão envolvidos os incipientes aparatos tecnológicos fornecidos aos sujeitos no início do século XXI, com o avanço da internet e o acesso à produção autônoma da pornografia e a conseqüente veiculação em canais online que tiraram a hegemonia da indústria pornográfica. Essa pulverização do acesso aos mercados do sexo, voltados aqui à pornografia, são recaptados posteriormente, recentralizados, no desenvolvimento de plataformas online de *webcamming*. O aspecto autônomo então é configurado a partir das inserções nestes meios de agenciamento do trabalho sexual, e o papel do sujeito recai, agora, em gerar constantemente conteúdos e movimentar seus perfis pessoais nestas plataformas, bem como em outras mídias sociais, à medida em que procuram aumentar a entrada de novos espectadores/clientes.

Acredito que essas presenças *online* são características de um mercado abrangente do sexo, criando articulações em que as atividades desenvolvidas são sintomáticas de um espraiamento da possibilidade, contemporaneamente, de se inserir nestes meios, desde o acesso a sites de acompanhantes, plataformas de *webcamming* até o uso de outros mediadores digitais como aplicativos de relacionamento e redes sociais.

Os sites parecem compartilhar as características observadas pelos jornais no que tange às construções textuais, acrescentando as possibilidades de imagens e vídeos, mas enquanto os jornais conseguem interferir nestas veiculações (Lopes, Passamani e Rosa, 2021), os sites retiram os constrangimentos que outrora foram acionados por estes meios de comunicação tradicionais.

Os usos dos sites, e o que eles dinamizam na veiculação do trabalho sexual, devem ser acrescidos a outras possibilidades online em que a estrutura, que vem a vincular o exercício da prostituição a outras modalidades do trabalho sexual, como o *webcamming* e a produção de pornografia amadora, são atividades que, a depender do sujeito, podem ser acionadas. Concordo com Caminhas quando afirma que, atualmente, as “plataformas são responsáveis por borrar as fronteiras entre as diversas modalidades de trabalho sexual, que passam a ser reunidas na noção guarda-chuva de “produção de conteúdo” (2020b, p. 2). Daí vem a inscrição desta pesquisa em contextos que se mostraram primordiais para o exercício da

prostituição, mas não só dela, na vida de sujeitos que decidem lançar mão das crescentes possibilidades de inserção no trabalho sexual.

Ao analisar as experiências a partir destes diferentes recursos, como sites, aplicativos de relacionamento, plataformas, redes sociais etc., deve-se levar em consideração como cada um destes pode ser empreendido a depender do momento e das considerações pessoais sobre o trabalho sexual. Essas questões estão inevitavelmente imbricadas a processos em que as apreciações, no que tangem à iniciação, respeitam às questões financeiras e subjetivas de cada sujeito.

3.2.1. “Nossa, bixa... Cobra!”: experimentações digitais e (im)permanências nos mercados do sexo

João, por exemplo, denota um pioneirismo na cidade de Porto Alegre, “*fui um dos primeiros a anunciar, na época em que o VivaLocal³³ era gratuito ainda*”. Leo, em contrapartida, diz ter começado em plataformas de *webcamming*, estas em que se iniciam transmissões online e, a partir delas, se interage com os espectadores, geralmente acatando os pedidos dos visitantes a partir de uma quantia determinada de dinheiro que é depositada nas conversas nos *chats* das salas³⁴. Ao estar situado em um colégio agrícola de Santa Catarina, Leo disse ter iniciado suas apresentações nos dormitórios onde se exibia com outros alunos: “*Olha, com um celular e uma webcam eu abro live até embaixo da água*”.

Foi um processo, porque eu também fazia *Câmera Privê*. Tipo assim, por exemplo, no *Câmera* para você ganhar, para você conseguir fazer 100 reais, às vezes você tem que ficar mais de 12 horas ao vivo ou entrando e saindo... depende muito da concorrência. É muito demorado e é tudo uma produção, sabe? Então, por exemplo, tenho amigas que eu sei como elas são na vida real e eu sei como elas entram em campo. Elas entram igual umas Barbies, todas engessadas, um cenário lindo, uns corações, uma cama incrível, os brinquedinhos. E na vida real... É toda uma performance. (Entrevista realizada por *Google Meet*, 07 de novembro de 2022).

A trajetória de Leo é exemplar de como suas perambulações pela internet possibilitaram suas inserções esparsas nestes meios onde sua sexualidade era agenciada a fim de conseguir algum ganho monetário. Seus métodos continuamente foram se alterando a depender do meio e de suas experiências pessoais com cada ferramenta. Existe essa

³³Site de classificados em que também estão disponíveis anúncios de acompanhantes homens, mulheres e trans/travestis. Disponível em: <https://www.vivalocal.com/s/quem-somos>. Acesso em: 20 Abr. 2023.

³⁴Para uma descrição das diferentes dinâmicas estabelecidas nestas plataformas, ver Caminhas (2021).

diferenciação que muito diz sobre a natureza própria das plataformas utilizadas por cada sujeito.

As experimentações pessoais de Leo dizem respeito a uma estrutura que, ora disponibiliza recursos direcionados especificamente para a veiculação do trabalho sexual, seja com a prostituição a partir de sites ou apresentações em plataformas de exibição ao vivo, ora propicia experimentações em ambientes onde a dinâmica das interações não é propriamente específica para a tarifação do sexo, como é o caso do aplicativo para relacionamento gays, o *Grindr*.

Pesquisador: Entendi, então foi da *Câmera Privê* ao *Grindr*. Sem site?

Leo: Site foi o seguinte, eu comecei a não gostar de ver outros garotos de programa no *Grindr*, porque quando eu saía de graça com as pessoas, às vezes eu queria sair com uma certa pessoa e essa pessoa vinha me cobrar. Então eu fui aprendendo com a vida. Aí, tipo assim, eu comecei a achar ridículo. “Isso não é um aplicativo de garotos de programa, isso é um aplicativo de relacionamento, então por que esse cara está me cobrando?” E aí eu não posso ser hipócrita de julgar aquilo que eu faço, tá ligado? Hoje em dia eu voltei, mas que nem eu falei, não deixo explícito que eu sou garoto de programa, eu boto lá como “negociável”. E aí negociável é negociável, até porque a plataforma está banindo agora, né? Mas eu acho que é porque não era o lugar certo, sabe?. Tá, quer fazer? Eu não me importo de fazer, mas vai ali no site, que as pessoas entram lá procurando aquilo. E eu acho que é o mais certo. Eu achava um guri gatinho, aí eu ia chamar ele e ele falava “então, sou gp”. Tá fazendo o que aqui então, meu filho, vai pra esquina! (Entrevista realizada por *Google Meet*, 07 de novembro de 2022).

Esse usos contingenciais podem ser caracterizados como uma transferência entre pontos que organizam uma lógica onde as estratégias de aproximação e negociação são tensionadas, seja a partir dos termos explícitos aos quais o trabalho sexual pode vir a ensejar, em sites de *webcamming* ou de acompanhantes, ou a partir de contextos que podem ser utilizados para estes fins, mas que custam um embaralhamento de uma organização própria das interações que tomam lugar ali, como é o caso dos aplicativos de relacionamento.

Entretanto, selecionando esses sujeitos, especificamente, a partir dos sites de acompanhante, conseguimos localizar o espaço que o trabalho sexual, delimitado pelo serviço de acompanhante, vem a ocupar na vida deles no momento das entrevistas. Assim como Leo, João afirma que o uso de sites é imperativo para seu trabalho, mas que estes ambientes não necessariamente implicam níveis de profissionalismo. Desde sites, a rua ou o *Instagram*, cada um sabe o que é mais “confortável” para si e o que pode trazer mais “retorno”.

Pesquisador: Mas então, qual a importância dos sites no seu trabalho? De que maneira a internet, no geral, influencia no exercício do seu trabalho?

João: Importância total. É ali que se faz o primeiro contato com o possível cliente e com o “produto” (no caso eu). Se não existissem sites para anunciar, quem tem

coragem trabalharia na rua, e quem não tem estaria trabalhando de CLT, ganhando um salário fixo todo mês. (Conversa realizada por troca de mensagens no aplicativo *WhatsApp*, 1 de novembro de 2022).

As experiências com saunas e rua, por exemplo, nunca aconteceram no caso de Leo. Paulo também evoca um distanciamento destes locais. Entretanto, as experiências com os contextos classicamente marcados para o exercício da prostituição podem vir a ocorrer em algumas trajetórias. João afirma, por exemplo, que teve uma experiência negativa em saunas e decidiu não voltar mais para esses ambientes. As relações com esses locais não se anulam apenas pelo fato das plataformas online propiciarem um espaço para o desenrolar das experiências destes sujeitos com os mercados do sexo, mas é presente um afastamento, tanto físico quanto simbólico destes locais.

Enquanto a *rua* pode ser percebida como um dos territórios mais clássicos para o exercício da prostituição, ela, sem dúvidas, é estigmatizada e percebida como um contexto do qual se quer distância. Ao fim, me parece que os distanciamentos parecem fazer parte do discurso de quem está inserido nesses mercados. Seja em relação à rua, saunas, ou redes sociais, existe um processo de hierarquização inerente em que as diferenciações parecem ser organizadas a partir de onde o sujeito está inserido naquele momento. Pensar nestes territórios como pontos a serem tomados e ocupados exige que percebamos que a não-presença em alguns destes denota uma consequência de escolhas pessoais, que versam sobre formas com que se realiza o trabalho e as estratégias desenvolvidas para tal.

O interessante é notar, também, que este distanciamento evoca uma aleatoriedade em que não se sabe onde irá conseguir clientes. Para além de uma lógica inerente aos sites e aos aplicativos, que mantém sua dubiedade como Leo aponta, existe também uma instância do momento que, a depender das premissas do sujeito e de quem se aproxima com alguma proposta, é possível acontecer um acordo, como os relatos abaixo exemplificam.

Assim como João afirma que “*diversas vezes surge alguém mais velho, pede o número e pode rolar um encontro*” quando perguntado se consegue clientes para além dos sites, Paulo também denota essa rapidez com a qual um contrato pode se fechar sem esses mediadores.

Paulo: Na verdade, no dia que eu consegui não fui pra trabalhar, eu fui pra curtir. Aí o cara veio e me achou bonito. Ele falou “Qual que é teu nome?” “Meu nome é pix, quer saber?” Aí ele “Como assim? Não entendi”. “Meu nome é pix, se quiser saber meu nome, manda o pix”. Aí ele “Tu é garoto?”, “Se quiser me beijar, posso ser garoto”. Daí ele “Quanto é?”. Aí a gente combinou o valor e ele quis ficar comigo a noite.

Pesquisador: Era velho?

Paulo: Não, era novinho, tipo, uns 28, acho.

Pesquisador: Mas era atraente?

Paulo: Sim, era sim. (Entrevista realizada por *GoogleMeet*, 07 de novembro de 2022).

Muitos desses contratos são carregados por uma prontidão que diz respeito a como alguns sujeitos se mobilizam em suas vidas para estarem sempre atentos às ocasiões em que interações mediadas pelo dinheiro podem vir a se formar. Essa matemática em que as relações entre dois sujeitos podem ser taxadas pela troca monetária é exemplar de como existe uma brecha em cada interação que pode vir a se preencher pela lógica da cobrança.

Para Paulo é curioso notar que essa rapidez das trocas monetárias é traduzida na sua própria concepção como um veículo de transação econômica. “*Meu nome é pix*” suponho que carrega, no caso de Paulo, uma noção distintiva que ele estabelece para si mesmo e a posição em que acredita ocupar no mundo, fortemente marcada pela sua posição de classe. Sintomático disso são suas considerações acerca dos comportamentos sexuais e afetivos mais gerais que observa entre homossexuais. Em nossas entrevistas percebi que Paulo denota uma contraposição entre o que considera uma abertura irrestrita entre homossexuais a parceiros sexuais e o seu trabalho. Se localizando nesta posição em que a obtenção de dinheiro é consequência possível a partir da tarifação das relações que pode vir a estabelecer, ele explicita sua prática em se distanciar de relações que sejam marcadas pela fortuitude.

É possível visualizar, a partir das experiências compartilhadas por Paulo, um questionamento que encontra suas bases primordialmente em um momento propício para a negociação do contrato, bem como em uma observação pessoal mais geral sobre si mesmo e sobre as relações que estabelecia com parceiros afetivo-sexuais antes de começar anunciando-se no site de acompanhante Garoto com Local.

Quando perguntado sobre o processo de considerar o trabalho sexual como uma possibilidade em sua vida, Paulo afirma que foi a partir de uma experiência engatada no aplicativo de relacionamento gay, o *Grindr*, que se desenrolou todo um curso de aproximações com os mercados do sexo, assim como estratégias descobertas a partir de suas inserções online. Quanto à natureza do seu primeiro programa, que à época não considerou como um trabalho, Paulo afirma

Tipo, um monte de gente que está lá no *Grindr*, no aplicativo, vai, marca um date, transa e foi isso. Eu tenho que gastar o meu dinheiro com uber para ir na casa da pessoa, para a pessoa me comer e eu voltar, e a pessoa não vai me pagar nem uma pizza? Não! Já fui assim, óbvio, com 18, que foi quando eu realmente conheci o mundo gay. Foi assim e fiquei: “Nossa, que desvalorização!”. Meu perfume é caro, meu shampoo é caro e as pessoas não vão pagar nem o meu uber? Aí foi quando eu

peguei e falei: “Nossa, bixa... Cobra!” Aí deu certo e entrei no site e etc. (Entrevista realizada por *Google Meet*, 07 de novembro de 2022).

O caminho percorrido por Paulo começou com uma inserção marcada por certo grau de aleatoriedade e inexperiência. O que o impulsionou a começar a cobrar partiu de um descontentamento com as relações afetivo-sexuais que tomavam forma no “*mundo gay*”. É notório o afastamento que Paulo exerce a partir de um comportamento considerado próprio ao universo homossexual: “*Porque em balada gay, nossa... É uma putaria que só, tudo de graça. Gays vão ali no matinho, se comem tudo*”.

Estas observações por Paulo podem ser interpretadas de duas maneiras, ao meu ver. Paulo pode localizar moralmente a “*putaria*”³⁵ do “*mundo gay*” como um contraponto à possível estigmatização que possa vir a sofrer por “*cobrar*” pelo sexo. Acredito que, situando sua experiência em contextos social, cultural e econômico maiores, percebo que sua inserção possa estar, em alguma medida, em uma continuação desta mesma “*desvalorização*” de relações afetivo-sexuais contemporâneas que observa com mais afinco entre espaços de sociabilidades homossexuais. Sua diferença é que, agora, ele se valoriza.

Se as relações fora do comércio sexual são fortuitas, sem necessariamente implicarem em estreitamento de laços entre as partes envolvidas, a partir daí, para Paulo, a contrapartida monetária apresenta seus apelos. Não quero implicar que o envolvimento afetivo não esteja presente nas relações de acompanhamento; como veremos adiante essas relações tratam de outros termos, mas acredito ser importante destacar a experiência de Paulo e seus processos de diferenciação enquanto jovem homossexual.

Entre suas relações anteriores e sua inserção nos mercados do sexo, existe um processo subjetivo de consideração pessoal sobre o espaço em que acredita que deveria ocupar em uma interação afetivo-sexual com outros homens. Atrelada à insatisfação, existe muito de uma valorização própria, em que pese a necessidade de distanciamento das relações fortuitas do universo homossexual, que sejam propulsoras para sua permanência nas lógicas dos mercados do sexo.

Pesquisador: Qual foi o seu primeiro contato com o serviço de acompanhante assim... a noção “ah então é isso, eu consigo fazer”...

Paulo: A primeira vez fui bem burro, fui lá na casa do caralho atender o viado. Ele veio de bis, chegou, me buscou, me levou onde era a casa dele. Aí ele quis me comer duas vezes, com um pau enorme... Primeiro que se o pau é enorme eu já cobro mais e... Nossa eu fui muito burro. Ele quis me comer duas vezes e... Tipo

³⁵Para uma análise das relações sob a insígnia da “*putaria*” e suas dinâmicas em interações sexuais entre homossexuais, ver Barreto (2014).

esse é o valor de uma finalização só, se você quer duas é mais dinheiro, aí ele pagou só uma vez. E ainda ficou umas duas horas...

Pesquisador: Entendi, mas fico pensando o que foi necessário para você se inserir no mercado, como conheceu o trabalho, se alguém te ensinou, “ah conheço essa pessoa...”

Paulo: Ninguém chegou e disse: “Você pode ser prostituto”. Foi tipo, eu estava deitado na cama e um rapaz no *Grindr* queria ficar comigo e eu disse: “Se você quiser ficar comigo é tanto”. Aí ele “Eu pago”, daí eu não acreditei e ele falou “Estou na frente da sua casa”. Daí eu falei: “Então tá bom, vou me arrumar e você me espera aí”

Pesquisador: E como ele era? O perfil dele?

Paulo: Aí, tadinho, ele era feio. Nem acreditei que ele teria dinheiro para pagar. Ele era magrinho, paizudo, tinha uns 25 anos, judiado...

Pesquisador: Aí você pensou em cobrar por esse motivo ou...

Paulo: Não. Foi porque eu estava com preguiça e as pessoas ainda queriam pagar e eu fiquei “nossa, as pessoas me querem ainda, mesmo eu não querendo nada, então é tanto!”.

Pesquisador: Entendi. Aí você com o tempo foi aperfeiçoando...

Paulo: Uhum. Daí eu fiquei no *Grindr*. Eu não considerei como um trabalho naquela época, foi essa experiência e pronto. Aí depois as pessoas vinham e eu dizia para elas “Ah, se você quiser ficar vai ter que pagar”. Aí elas não iam, não iam... Aí depois que eu excluí o aplicativo, minha amiga tinha aberto um perfil no site e eu pensei: “Será que tem para guri?”. Aí eu olhei e tinha e foi quando eu abri o site. (Entrevista realizada por *Google Meet*, 07 de novembro de 2022).

Já Tales, por exemplo, alude sua consideração ao entrar nos mercados do sexo ao observar amigas, que também são acompanhantes, ostentarem uma vida de “luxo”, o que despertou nele a ambição para se aproximar dessa realidade. Ao iniciar, a princípio em salas de bate papo UOL, passou paulatinamente aos anúncios em sites para manter um cadastro ativo que consolidasse a proeminência deste trabalho em sua vida.

A forma que eu entrei em contato com ela [prostituição] foi através de amigas. Eu sempre tive amigas que trabalhavam como garotas de programa. E toda essa questão de dinheiro, de ver elas como acompanhantes de luxo e uma vida... Uma vida... Como que eu posso dizer... Tipo uma vida que gera desejo nas outras pessoas. Me dava muita vontade de trabalhar com isso. Pra mim, eu sou uma pessoa muito sexual. Também por eu achar que tenho uma certa desinibição fácil para me relacionar com as pessoas, sabe?. Então, de uns dois ou três anos para cá, eu comecei a trabalhar inicialmente pelo aplicativo do bate papo da UOL, depois eu fiz cadastro em sites e afins para ter cadastro em algum lugar mesmo.

E para mim tem o sentido muito de dinheiro. De um trabalho que eu tenho uma desenvoltura boa para fazer, porque é uma coisa que consigo me entender bem fazendo. Me identifico. E muito voltado também para essa questão que te falei do dinheiro. Eu acredito realmente que para muitas pessoas que trabalham como acompanhantes, com prostituição, deve ser por conta dessa razão também. Além delas provavelmente terem também essa desenvoltura sexual. (Transcrição de áudio enviado por *WhatsApp*, 21 de setembro de 2022).

É comum a afirmação na literatura sobre prostituição masculina de que existe uma tensão clássica neste mercado entre uma inclinação ao trabalho sexual, resumida no possível prazer obtido pelos atos sexuais, e o imperativo do dinheiro, sendo esses os motores

primordiais para esse trabalho. A pergunta “Se eu faço de graça, por quê não cobrar?” foi diversas vezes acionada em campo, acompanhada de afirmações que versam sobre o prazer, ou sobre uma identificação que se tem com o trabalho, como afirmado acima por Tales.

Aqui eu já suponho que o dinheiro seja um imperativo comum para qualquer outra atividade remunerada e pelo menos no meu campo não me encontrei com nenhuma barreira inicial que versasse sobre as estratégias de afastamentos do prazer dos atos sexuais e de uma não assimilação com uma identidade homossexual. Além de não podermos partir de uma implicação de uma necessidade de dinheiro que gere uma visão alarmante sobre a escolha em ser um acompanhante, também é fora do tom partimos dos limiares clássicos acima citados.

O desejo pelo luxo de Tales, paralelo à sua desenvoltura, o impulsionou para se “preparar para o mercado”, como afirmado. Esse preparo levou o tempo que Tales julgou necessário para começar o trabalho sexual, sendo perceptível em sua experiência um tateamento das possibilidades, bem como uma iniciação gradual que desembocou nos anúncios em sites de acompanhantes.

O mesmo pode ser observado na experiência de João. O início da cobrança pelo sexo não necessariamente enseja algum tipo de comprometimento restrito ao trabalho sexual. O acaso importa quando percebemos que o ato de pôr um preço pode ser consequência de diversas motivações que, não necessariamente, implicam algum tipo de dedicação exclusiva ao trabalho sexual, como é também reforçado por Paulo e suas primeiras aproximações no aplicativo de relacionamento.

Para além da efemeridade característica de pessoas que estão envolvidas nos mercados do sexo, como observado por Barreto (2017) e Maria Díaz-Benitez (2009), existe um gradiente de vinculações à tarifação do sexo que estrutura uma série de fatores que vão desde a ocasionalidade que leva à cobrança até um comprometimento que se traduz em sua interpretação como um trabalho.

Pesquisador: E como foi o processo de considerar o trabalho sexual/serviço de acompanhante como uma possibilidade?

João: Na verdade começou como uma brincadeira, eu era menor de idade, recebi uma proposta e, como já estava em época de ir para festinhas e shopping, aceitei. Depois vi que levava jeito para isso e comecei a fazer seguido com ajuda de anúncios e fidelizando clientes. Mas nunca levava a sério, como um trabalho. Até que arrumei um estágio no INSS da grande Porto Alegre. Mas o que eu ganhava no estágio naquela época com 16 anos, eu fazia em dois dias com algo que eu nem considerava trabalho (Troca de mensagens de texto realizada por *WhatsApp*, 1 de novembro de 2022).

O aspecto econômico da inserção vem conjuntamente com a individualização que a internet proporciona. O acesso a sites, aplicativos, salas de bate-papo ou plataformas de *webcamming* são acionados em momentos diferentes pelos interlocutores. Onde começar, como e quais as maneiras de se conseguir clientes são processos que cada sujeito deve desenvolver com o tempo, com ou sem ajuda de amigos já inseridos nos mercados.

Essa autonomização, além de desenhar o aspecto da agência desses sujeitos, revela que visualizar a prostituição como trabalho diz respeito a significantes variáveis. O trabalho aqui é percebido a partir de características que não necessariamente respeitam a uma mobilização organizada entre os sujeitos envolvidos neste mercado. Entretanto, percebo que existe um compartilhamento mais geral dos caminhos possíveis para o aperfeiçoamento pessoal e profissional dentro dessa profissão³⁶.

Pesquisador: Qual que foi o primeiro contato com a prostituição, ou com serviço de acompanhante?

Hugo: Eu já tinha uns amigos que já atendiam. Quando eu fui pela primeira vez... eu nunca tive curiosidade, né? Eu fui no embalo, entendeu. Tava lá na hora da situação e eu tive que ir e eu vi que era um meio de receber um dinheiro fácil, entendeu. Eu vou aí, perco uma hora do meu dia, da minha tarde, da minha noite, com alguém. Duas horas ou sei lá e eu consigo uma grana muito fácil que, no caso, eu trabalharia duas semanas, entendeu. Duas a três semanas. Então eu nunca tive uma certa curiosidade em ser garoto de programa. Eu fui, gostei e fiquei.

Pesquisador: Você falou ‘no embalo’. Que momento foi esse? Qual foi a situação desse embalo? Não entendi...

Hugo: Então, aqui no Rio tinha uma festa em 2016, 2017. Todo mundo curtia essa festa, as gay toda do Rio. Ela se chamava ‘Icônica’³⁷. Então ali a gente sabia que ia encontrar os putos... eu falo puto assim modo de dizer, tá. A gente ia encontrar os putos tudo lá. Então pra ninguém perder a festa... Eu trabalhava numa empresa de telecomunicação, e a gente não tinha recebido, não tínhamos nenhuma grana. Aí meu amigo falou assim “ó tem um site chamado vivalocal, se anuncia”. A gente entrou no vivalocal nesse dia. A gente queria ir pra esse evento, daí ninguém tinha dinheiro. Como eu te falei, eu trabalhava numa outra empresa e meu amigo já se anunciava. Daí meu amigo me disse: “se joga que a gente vai conseguir o dinheiro que a gente quer pra ir pra festa” e foi daí que eu não parei mais.

Pesquisador: Daí vocês conseguiram o dinheiro pra dar o rolê?

Hugo: Conseguimos, conseguimos... (Entrevista realizada por Google Meet, 04 de novembro de 2022)

³⁶Trago aqui uma experiência de campo recente. Ao adentrar na rede de colaboração de produtores de conteúdo pornográfico na rede social Twitter, encontrei o perfil de um produtor que realiza encontros aos finais de semana com outros criadores de conteúdo para discussões sobre as experiências de homens nesse segmento do mercado online. Lá percebi que os diálogos entre estes sujeitos podem estar se dando de uma forma mais organizada. Existe um espaço para compartilhamento mais geral sobre as estratégias de iniciação, maneiras de se lidar com as políticas de plataformas, bem como agenciar o relacionamento com o público online e os estigmas que podem estar associados ao trabalho sexual atualmente.

³⁷ Nome fictício.

O que acho importante de ser destacado são as condições nas quais a experiência com o trabalho sexual pode ser dinamizado a partir de algumas questões. Perlongher afirma que “a prostituição revela-se assim como uma espécie de rito de passagem ou de iniciação sexual dos adolescentes, que atende não somente a suas carências sexuais, mas também econômicas. Desejo e interesse parecem marchar juntos” (1987, p. 106). É visível nas experiências de alguns interlocutores contatados para essa pesquisa que a orientação para o trabalho sexual diz respeito, além de necessidades econômicas imperativas do momento, a experimentações contextuais que podem vir a determinar a permanência nos mercados do sexo ou não, bem como uma inclinação no discurso ao trabalho sexual.

Ainda neste capítulo procuro desenvolver uma discussão que complementa as considerações feitas acima. A classe entra como fator distintivo neste mercado e muito da identificação que os acompanhantes desta pesquisa denotam pode ser entendida a partir de uma análise que destaca os símbolos distintivos que estes indivíduos atribuem a si e ao serviço de acompanhante. Já no capítulo três procuro dar conta de diferenciações que dizem respeito aos marcadores sociais e as vias que correm o desejo nas interações afetivo-sexuais nos mercados do sexo. Por enquanto, continuo a discussão que versa sobre as diferentes possibilidades de agenciamento do trabalho sexual e as experiências de alguns interlocutores, principalmente dos criadores de conteúdo erótico digital, com o trabalho sexual.

3.2.2. Políticas de visibilidade: exposição de si e novas ferramentas

Para além das experimentações com o serviço de acompanhante, como visto anteriormente, também localizo a experiência destes interlocutores a partir de determinadas transformações que visualizei em minhas perambulações etnográficas, como explicitado no começo dessa dissertação. Os usos dessas ferramentas e o modelamento de si e de como se oferece o trabalho varia de acordo com marcadores sociais de cada indivíduo, bem como também faz emergir algumas questões subjetivas, de trabalho e pessoais que dinamizam as experiências possíveis nos mercados do sexo.

Pesquisador: Qual é a importância dos sites no exercício do seu trabalho? Como a internet, de maneira geral, influencia no exercício do seu trabalho?

Hugo: Olha, as redes sociais eu não uso pra divulgar nada meu porque nas minhas redes sociais eu sou uma pessoa bem reservada. Porque tenho minha família. Já pensei em fazer um perfil +18 pra mim, já pensei nessa possibilidade, mas acho que no momento não é pra mim, na minha vida assim, no momento não é pra mim. Acho que no site mesmo com as fotos, com um book de fotos profissionais, acho que no momento tá bom. Acho que to numa via de mão dupla. To vendo o dinheiro

entrar e sair ao mesmo tempo, então acho que no momento a utilidade de redes sociais pra mim não serve, só os sites de anúncio.

Pesquisador: E por quê não?

Hugo: Não sei... não sei se é insegurança... Eu penso muito na família, eu penso muito em trabalho, eu penso muito nessas coisas assim, sabe. Eu coloco muitas coisas na frente dessa profissão.







Pesquisador: Você acha então que as redes sociais têm muita exposição?

Hugo: Sim, eu acho que sim. Acho que tem muita exposição

Pesquisador: Entendi, você tem amigos que também usam as redes sociais? Eles ficam só nas redes sociais ou eles usam para marcar encontros com clientes também?

Hugo: Marcam encontros também. Marcam encontros, ganham pix direto por fotos, por coisas. Eu também vendo algumas fotos, vendo alguns vídeos. (Entrevista realizada por Google Meet, 04 de novembro de 2022)

Um dos primeiros perfis que comecei a acompanhar, e com quem, posteriormente, estabeleci uma conversa no *WhatsApp*, foi o de Iago. Observei seu anúncio e decidi me aproximar dele no *WhatsApp* para estabelecermos uma conversa. Iago concordou, mas no momento não estava disponível. Antes mesmo de estabelecermos uma conversa mais formal, me apresentou seu perfil no *Instagram*, afirmando que ali eu encontraria as respostas “*sobre esse trabalho*”, onde compartilha o “*dia a dia e as curiosidades de ser um GP*”.

Já no *Instagram*, em sua *bio*, visualizamos sua classificação, possibilitada pela própria rede social: Criador de conteúdo digital. Esta *bio* é resumida em, para além de um link em que ao clicar encontraremos suas plataformas, quatro categorias mobilizadas por ele: “ GAROTO ;  Gay / Cantor  Biscoiteiro  ”³⁸

Iago mantém uma atividade frequente nesta rede social. Divide-a entre postagens do seu dia a dia e conteúdos relacionados às suas atividades nos mercados do sexo. No seu perfil de *Instagram*, é possível selecionar vídeos e fotos que foram, em algum momento, compartilhados nos *stories*³⁹. Essas seleções levam o nome de *Destaques*. No caso de Iago me chamou a atenção o destaque intitulado “Curiosidades GP”.

³⁸Em sua grafia e estilização originais. O primeiro símbolo, separado pela palavra “garoto”, refere-se, provavelmente, ao teor erótico do seu trabalho, “proibido para menores de 18 anos”; ao lado da autoidentificação “gay”, vemos um arco-íris, referência às cores da bandeira LGBT+; ao lado de “cantor” visualizamos um microfone; e, ao lado de “biscoiteiro”, vemos um *emoji* que simboliza timidez ou vergonha. Ao lado, vemos uma câmera fotográfica.

³⁹Recurso disponibilizado pela rede social, no qual qualquer usuário pode enviar vídeo ou foto de até 60 segundos, que fica disponível por 24 horas ao clicar na foto de perfil. Disponível em: <https://pt.wikipedia.org/wiki/Instagram#:~:text=Em%20agosto%20de%202016%2C%20o,clickar%20na%20foto%20de%20perfil>. Acesso em: 19 abr. 2023.

Nesta seleção me deparei com vídeos de Iago respondendo as perguntas de seguidores em uma sequência de vídeos marcada pela presença da “*caixinha de perguntas*”⁴⁰. Iago não apresenta nenhuma inibição aparente ao compartilhar sobre seu trabalho como acompanhante e me afirmou que criou esse canal para compartilhar suas experiências, pois muitas pessoas estariam entrando em contato com ele, perguntando “*como começar nesse ramo*”. As perguntas feitas são diversas e Iago as responde com disposição e desenvoltura, refletindo sobre sua trajetória pessoal na prostituição e dos termos que ele estabelece nas relações com os clientes, bem como também utiliza desse espaço para promover seu trabalho.

Seguidor: Gostaria de passar uma noite com você

Iago: E está passando vontade por quê? Cola na minha DM⁴¹, já me fala o que você deseja, de onde você é... Bora agendar isso, pô. Passar vontade para quê se eu estou disponível? (Resposta veiculada no Instagram através do recurso *Stories*).

Em diversas questões sentia que parte das perguntas que tinha estabelecido para as entrevistas também eram feitas por quem tinha curiosidade sobre o trabalho de Iago. Acredito também que a própria disponibilidade inicial de Iago seja fruto desta abertura a compartilhar suas experiências no trabalho sexual. Não ignoro o fato de que, logo de cara, ele me apresentou seu *Instagram*, supondo que ali eu encontraria as respostas para minhas dúvidas.

Acredito que a dinâmica interacional que me foi apresentada, nas observações destes perfis, explicitam muito dos usos destes contextos e como, nas redes sociais, o compartilhamento, a exposição, é imperativa desses acionamentos por excelência.

O interessante dessa autoveiculação, disponível para quem tiver interesse, visto que o perfil de Iago é público, nos arrasta para um campo altamente marcado por um tipo de expressão de si produzida online. Ao conversarmos no *WhatsApp* sobre o uso dessas redes, e de suas possibilidades para o agenciamento dos mercados do sexo, Iago afirma:

É porque tipo assim, o *Twitter* é mais um portfólio. A galera usa muito *Twitter*. Para quê? Para falar merda na internet. Destilar veneno na internet e para ver muito pornô, né? São duas coisas aí que o *Twitter* é muito usado. Mas a galera não é de interagir muito com os conteúdos. Tipo, só quando está falando merda, né, mas agora interação de retuíte e tal da galera, não é tão assídua, tá ligado? Por isso que a gente utiliza mais o *Twitter* como um portfólio dentro desse trabalho, os criadores de conteúdo. A galera do pornô em si usa o *Twitter* para poder divulgar livremente porque é uma das únicas redes sociais em que você pode postar conteúdos extremamente explícitos. (Transcrição de áudio enviado por *WhatsApp*, 16 de novembro de 2022).

⁴⁰Outro recurso possibilitado pela rede social. Nele, compartilhado usualmente nos *stories*, é possível acrescentar uma ferramenta onde os seguidores fazem perguntas ao perfil. A autoria das perguntas é exposta somente ao perfil em que elas são dirigidas.

⁴¹ Do inglês “direct message”. Recurso de bate-papo que faz parte das dinâmicas de interação desta rede social.

As estruturações dessas redes sociais soldam um processo, por vezes autônomo e caseiro, de veiculação online de uma imagem de si que, no caso de Iago e dos perfis observados nestes ambientes, articulam uma estratégia de alcance para o seu trabalho, seja como acompanhante ou produtor de conteúdo, e que se beneficia de uma lógica inerente desses ambientes. O uso do *Twitter*, por exemplo, como um “*portfólio*”, cria uma arena em que as performatividades sexuais são reproduzidas incessantemente, localizadas em um contexto aberto de consumação, contestação e adulação de seguidores. No caso do *Instagram*, Iago me diz que, pela própria política da rede social, os alcances são cerceados pela “*censura*”⁴², mas que, seu perfil lhe dá um retorno maior de clientes para sua atividade de acompanhante, se comparado aos sites.

Iago: Agora o *Instagram* é totalmente diferente, né? Já é uma rede social totalmente voltada para vendas hoje em dia. Vendas e exposição, mas não pode expor um conteúdo explícito como no *Twitter*, por exemplo. Por isso que usamos *Twitter* para divulgar como um portfólio desse tipo de trabalho e no *Instagram* você fecha mais vendas. Você anuncia bastante, só que de forma bem menos direta, entendeu? E a galera do *Instagram*, eles são mais participativos, eles gostam de estar lá comentando, gostam de estar dando like, de estar compartilhando, entendeu? Então você consegue alcançar mais pessoas que estão afim de realmente interagir com o seu conteúdo, ou até mesmo comprar o que você esteja vendendo.

Pesquisador: Vendas você diz de fotos, vídeos?

Iago: Sim, venda de fotos, vídeos e também até mesmo do próprio corpo neh hehe [riso] (Transcrição de áudio enviado por *WhatsApp*, 16 de novembro de 2022).

Minhas observações vão ao encontro das desenvolvidas por Caminhas (2020b). Ao observar as atuações de suas interlocutoras a partir dos seus trabalhos em plataformas de *webcamming*, o uso das redes sociais, principalmente o *Twitter*, são desenhados a partir da necessidade de expansão dos conteúdos produzidos. Aqui, a autonomização ganha mais espaço.

A produção de conteúdo atualmente encorpa uma mobilização de sentidos e práticas que, ao mesmo tempo em que linhas são desenhadas para pressupor suas diferenças, também servem para borrar fronteiras que multiplicam as concepções correntes sobre os mercados do sexo. Iago mobiliza categorias que atualmente podem ser pensadas como próprias de uma era de conectividade e de uma lógica mercadológica que se serve de uma máquina pronta para

⁴²Como afirmado anteriormente, no momento da escrita desta dissertação, mudanças foram feitas na rede social *Twitter* pelo recém comprador da rede, Elon Musk. A limitação, para os usuários da rede, de visualização diária de tweets gerou um burburinho pelos perfis de criadores de conteúdo que sigo. Como o trabalho destas pessoas em partes é marcado pela promoção de suas produções nesta rede, essa alteração na dinâmica interacional da rede social impacta diretamente seus alcances. Disponível em: <https://www.cnnbrasil.com.br/tecnologia/elon-musk-aumenta-limite-de-tweets-que-usuarios-podem-ver-por-di-a/>. Acesso em: 05 Jul. 2023.

sua inserção: *engajamento* a partir de *likes* e *retweets* que tem por finalidade a venda de seu “*corpo*” em um possível programa, ou o compartilhamento de suas fotos e vídeos desnudo ou realizando alguma atividade sexual sozinho ou com outras pessoas.

Se for traçar uma comparação com os anúncios que frequentemente visualizei nos sites de anunciantes, no *Instagram*, existe um comportamento característico dessas redes que, em certos momentos, borram uma fronteira entre quem está e quem não é. Isto é, o compartilhamento de fotos e vídeos em que o corpo é um dos principais atrativos, fica difícil, em momentos, distinguir entre os interlocutores observados para a pesquisa ou apenas usuários habituais desta rede. Essa opacidade diz muito sobre o próprio contexto onde estes sujeitos estão ocupando, ou reivindicando, um espaço, dentro de uma dinâmica global das redes sociais. Jogar o corpo nas redes compartilha um caráter mais geral desses ambientes, vide a menção “biscoiteiro” no perfil de Iago.⁴³

Anna Bentes (2021) considera os usos do *Instagram* a partir do que chama de regime de visibilidade contemporâneo. Esse regime diz respeito a processos de subjetivação onde “modos de ver estabelecem relações intrínsecas com modos de ser” (Bentes, *Ibid.*, p. 21, *et seq.*). O uso dessa rede social implica um modelamento específico das formas com que se utiliza dela. A presença a partir delas revela que os “modos de ver e ser visto em nossas sociedades atualizam os elos históricos entre vigilância e espetáculo, constituindo um regime híbrido de complexas modulações do visível” (*Ibid.*).

Essas novas frentes de atuação que presenciei, a partir das minhas observações online pensando em novas possibilidades para o exercício da prostituição masculina, explica como a reestruturação dos mercados do sexo atualmente respeitam a uma acomodação profissional que trata de uma economia digital voltado ao erótico e às diferentes modalidades do trabalho sexual. Bentes afirma que o “Instagram constitui um exemplo icônico do funcionamento da economia da atenção atual, cujos mecanismos estão intrinsecamente ligados à emergência de uma nova lógica de acumulação própria do modelo de negócios das plataformas digitais.” (*Ibid.*)

Essa presença em redes sociais, ao meu ver, explicitam novas maneiras pelas quais o agenciamento dos mercados do sexo online são imbricados em usos compartilhados das redes sociais; uma vez que pensar no acionamento de redes como *Instagram* também leva-se em consideração os usos que outros sujeitos fazem delas.

⁴³Termo êmico muito compartilhado dentre as redes sociais, mas também fora delas, que faz menção à pessoas que utilizam, primordialmente, de seus corpos para atraírem atenção de terceiros. “Ganhar biscoito” ou “pedir biscoito”, comportamento típico dos “biscoiteiros”, se refere à atenção, resumida em comentários ou *likes*, esperada dentre as interações possíveis das redes sociais.

Continuo com as reflexões de Bentes pois acredito que suas considerações acerca do *Instagram* são potentes para pensarmos as maneiras com que as redes sociais são mobilizadas por esse novo segmento plataformizado que engloba as lógicas dos mercados do sexo e de incitação do desejo, veiculação “performática do corpo”, altamente sexualizado, e promoção de si mesmo como produto.

[...] as interações no aplicativo prestigiam e estimam a apresentação de performances, corpos e imagens otimizadas. Ao estabelecer os vínculos através do mecanismo seguir e ser seguido – que não implicam uma suposta relação social a priori para além da pura vontade de ver e ser visto –, o *Instagram* lança seus usuários na conquista constante pela atenção do outro através dos seus shows de performances. No palco das telas da rede social, os usuários são ao mesmo tempo artistas e curadores de suas imagens otimizadas, que seguem critérios estéticos e performáticos para serem apresentadas em uma exposição (aqui, também no sentido museológico) de si. Susceptíveis a edições e modulações específicas, essas exposições de si apresentam variados empreendimentos pessoais e/ou profissionais, sejam dos momentos gloriosos ou das situações mais banais, prosaicas e triviais (Bentes, 2021, p. 28, *et seq.*).

Apesar de Bentes não mobilizar autores ou autoras que discutem gênero e sexualidade, como Butler (2018), mesmo utilizando, como vimos na citação acima, termos como “critérios estéticos e performáticos” (Bentes, *op. cit.*) acredito que suas contribuições se aproximam com as que realizo aqui quando atribuo uma leitura de gênero e sexualidade aos comportamentos que observei online. As performatividades, quando aplicadas às minhas observações online em sites de acompanhantes e redes sociais dizem respeito a certos tipos de masculinidades que recebem destaque em um sistema de hierarquizações entre expressões de gênero e sexualidade, encontrando justamente nos mercados do sexo, através de mediadores digitais ou não, um espectro para suas reiterações constitutivas do “masculino” neste fenômeno.

Se seguirmos com a ideia de que as imagens e o marketing são propulsores primordiais para o sucesso dentre os mercados do sexo, vemos então as redes sociais, e principalmente o *Instagram*, demarcando seu espaço nesta lógica, visto que ele é voltado para a “captura, troca e consumo da atenção através de imagens” (*Ibid*). Iago além de se anunciar no site de acompanhantes *Garoto com Local*, também mantém perfil ativo na plataforma *OnlyFans* e nas duas redes sociais, *Twitter* e *Instagram*. O seu comportamento em rede é marcado pelo compartilhamento constante de suas produções amadoras, paralelo a publicações em que responde perguntas de seguidores sobre sua profissão e sobre a produção de conteúdos.

Sua presença nos *stories* é frequente e o contato que estabelece com os seguidores é marcado por comentários lascivos pelos quais a proposição da venda de seus conteúdos é constantemente feita. Em um *stories* compartilhado no *Instagram*, Iago aparece apenas de cueca, com o relevo de seu pênis destacado sob o tecido, enquanto propõe na foto: “*Vocês pediram e eu lancei. Pix de 5, uma foto surpresa. Pix de 10, um vídeo surpresa*”. Em outro *stories* compartilhado no dia seguinte, Iago diz: “*Hoje eu só queria uma cadelinha no cio pra arrombar ela e a conta bancária dela* 🤔💰”.

A forma com que Iago administra sua conta denota um uso marcado pela sexualização de si, promovendo uma intensa veiculação de fotos e vídeos nas quais as poses e ângulos marcam uma lógica interacional entre Iago e seus seguidores, que explicitam o que Caminhas (2018) chama de midiatização dos mercados do sexo. Destaco que meu acompanhamento do perfil de Iago, além do que já foi considerado na seção metodológica desse texto dissertativo, também me colocou neste espaço de consumidor, mas também crítico a essa exposição constante, nas modulações de si quanto às suas performatividades sexuais e de gênero (Butler, 2018).

Sua presença online, a maneira com que faz uso dessas redes, a busca pela incitação do desejo, resumida na exposição que encontra seu campo mais fértil em seu corpo, e os marcadores que daí derivam, o localiza neste lugar curioso onde a produção de si enquanto objeto de atenção de seguidores mobiliza um conjunto de estratégias e escolhas estéticas que, ao meu ver, recaem numa caricatura em que o erotismo, em seus termos de sedução, são arma recorrente na rede.

Nesta discussão, percebo que, no caso dos homens envolvidos nessas articulações entre diferentes mediadores virtuais dos mercados do sexo, a presença online, agora localizadas em uma plataforma complexamente estruturada para a veiculação constante de imagens e conteúdos voltados ao consumo, se dinamizam e entram em uma configuração curiosa em que a dubiedade dos comportamentos veiculados entram em atrito com os próprios usos feitos nestas redes. Os mercados plataformizados, tomando o *Instagram* nas formulações feitas por Bentes, se apropriam da economia erótica que impera nos mercados do sexo, e no caso da prostituição masculina, tomando como exemplo o perfil de Iago, o desejo encontra caminhos férteis para a possibilidade de mediação dos serviços oferecidos pelos sujeitos envolvidos nestas atividades.

No mesmo sentido, o exemplo de Domênico é também crucial para entendermos o que chamo de “pulverização” dos pontos online de inserção nos mercados do sexo, ou como

Tom caracterizou: *a geração Covid*⁴⁴. Configurados a partir dessa lógica comercial e expositiva de si em redes sociais, ambos interlocutores, apesar de não serem acompanhantes, estão imersos nesta lógica de mobilização de conteúdos eróticos/pornográficos para angariar fins monetários, bem como para a expansão de suas carreiras.

Domênico: Então, eu já tinha um twitter antes, que eu postava umas coisas, tipo umas safadezas e tal. Uma questão mais de exibicionismo mesmo que eu curto, né. Aí comecei a ganhar, a crescer no twitter, a ganhar seguidores, sem intenção nenhuma. Comecei a ganhar seguidores, aí veio um pessoal querendo comprar packs e tudo mais, a me oferecer uma grana. Aí a partir disso comecei a investir nisso. Abri um *onlyfans* e abri outra plataforma brasileira. E cada vez mais tá crescendo assim, sabe. Inclusive foi só eu chegar em São Paulo... na verdade a primeira viagem que fiz pra gravar com uma pessoa do meio, uma pessoa que também têm *onlyfans*, que cria conteúdo, foi em Maceió, que foi o Eduardo⁴⁵. Então a partir dele eu recebi diversas mensagens de criadores de conteúdo. Muitas mesmo, principalmente agora em São Paulo, sabe. Nomes grandes. Por isso que eu vim. Vou passar mais uma semana aqui, e depois volto novamente para Paraíba e daí volto de novo pra cá.

Pesquisador; Entendi! Essa questão do exibicionismo... pode me falar mais sobre?

Domênico: Então, é o que eu gosto. Que as pessoas vejam todo esse meu rolê, saber que eu faço conteúdos adultos. Eu gosto. E eu gosto da produção também, tipo gosto de produzir bastante, é... tipo uma coisa que chame a atenção, que o telespectador assista tudo, do início ao fim, sabe, que ele não pule nada. A minha meta... no caso a intenção de fazer o que eu faço, juntando tudo a questão da edição, com o ambiente e tudo mais, é justamente pra isso, pra pessoa não pular nada, assistir tudo contínuo.

Pesquisador: interessante. O outro lado da moeda do exibicionismo não seria a "exposição"?

Domênico: Exatamente kkk [risos]. (Troca de mensagens e áudios transcritos, realizado através do Instagram, 6 de fevereiro de 2023)

O aspecto da autonomização discutido ao longo desta dissertação encontra eco também na experiência acima destacada. O aspecto autoral das produções, a escolha dos atores, a mobilização dos perfis nas redes sociais, a constante produção de vídeos e fotos, a incitação ao consumo de suas produções para os seguidores etc, se encontram nesta mediação tecnológica-informacional das redes sociais. E aqui já percebo que estas recentes frentes do trabalho sexual, talvez por estarem tão expostas, animam as concepções que as pessoas têm das diferentes atividades, bem como atribuem outros sentidos subjetivos, políticos e profissionais aos mercados do sexo e a quem dele faz parte.

Apesar da estigmatização ainda ser recorrente, visível em comentários online em redes sociais e, por vezes, nas próprias publicações destes criadores, a menção a estas atividades, por mais que, novamente, não sendo mobilizadas politicamente de uma maneira uníssona e organizada, retém particularidades. A defesa da produção pornográfica/erótica

⁴⁴ Referência à pandemia que teve início no ano de 2020.

⁴⁵ Nome fictício.

homossexual online reflete como a crescente popularização de algumas atividades podem realocar sentidos e produzir novos espaços subjetivos para alguns sujeitos e aqui, a introdução aos mercados do sexo, por mais que não possam ser percebidas desta maneira por todas as pessoas inseridas aí, se torna uma possibilidade.

Não é possível prever com acurácia os caminhos que estas atividades podem tomar ou os contornos que podem sofrer, mas é interessante perceber que, com o avanço de tecnologias informacionais e o avanço das plataformas digitais, as relações que as pessoas têm consigo mesmas, com suas sexualidades, resumidas no desejo do “*exibicionismo*” proposto por Domênico, encontram caminhos viáveis para sua expressão e, caso o indivíduo deseje, monetarização. Além disso, como visto no início desta dissertação com Tom, novos limites são contornados e políticas são produzidas pelos homens inseridos nestes meandros, gerando um espaço de contestação, mobilização e produção de significados a estas experiências que apresentam suas particularidades contextuais e históricas.

3.3. PROCESSOS DE DIFERENCIAÇÃO ENTRE DOIS SITES DE ACOMPANHANTES MASCULINOS

Passadas as reflexões em torno de questões dos criadores de conteúdo digital que, antes periféricas, mas depois parte de meu universo de investigação, volto-me às experiências dos interlocutores selecionados a partir dos sites de acompanhantes. Retomo Tom e sua demanda ao afirmar que estou “*falando de prostituição*” nesta pesquisa. Além de obter um número maior de entrevistados a partir dos sites de acompanhantes e de ter realizado entrevistas semiestruturadas com três destes interlocutores, acredito que as discussões que venho realizando neste texto dissertativo ainda encontram eco nas experiências daqueles que se mobilizam no serviço de acompanhante. Isto é, ao discutir processos de inserção nestes mercados também devo passar pelas estratégias mobilizadas pelos sujeitos quando inseridos nesta frente dos mercados do sexo. Descrevo a ambiência dos sites a ponto de desenrolar uma reflexão em torno das diferenciações prevalentes nestes meios e como, a partir dos meus interlocutores, podemos entender alguns significados que se mostraram salientes em minhas observações.

As análises aqui versam sobre um panorama das dinâmicas encontradas em dois sites observados para essa pesquisa. Novamente, escolhi os sites Garoto com Local⁴⁶ e BoyToy⁴⁷ a

⁴⁶ Disponível em: <https://garotocomlocal.com.br/>. Acesso em: 25 fev. 2023.

⁴⁷ Disponível em: <https://boytoy.com.br/>. Acesso em: 25 fev. 2023.

partir de minhas buscas online. A seleção se deu de forma aleatória, mas, como veremos mais a frente, ainda serve como base para entendermos os usos destes mediadores para o exercício do trabalho sexual na experiência dos interlocutores.

Os sites podem ser considerados como uma vitrine pessoal do acompanhante em que aspectos cruciais para o entendimento das dinâmicas da prostituição masculina encontram eco nas descrições, imagens e comentários presentes nos perfis dos sujeitos. Ambos os sites estão disponíveis em buscas no *Google*.

O site *Garoto com Local* foi o mais visitado pois apresentava, em Florianópolis, um número maior de anúncios ativos. As visitas constantes a esses ambientes podem levar facilmente o observador à exaustão. Dezenas de perfis estão ativos. Em ambos os sites é possível a seleção do estado e de cidades, sejam capitais ou cidades satélites, a depender da localização geográfica. A multiplicidade de perfis, principalmente no que se refere à cor/raça e as corporalidades, explícita, ao menos em um apontamento inicial, uma variedade em que é possível se perguntar quais são as dinâmicas desses contextos.

Os anúncios repetem a mesma lógica: os corpos em tela estão desnudos. Agora, o que é visível é a forma como os anúncios versam sobre as economias libidinais que marcam, visivelmente, as presença nos sites. Se pudermos refletir para além de certa obviedade da ostentação frequente de corpos malhados, enxergamos outras estratégias para instigar desejos que refletem uma organização textual/imagética desses espaços que busca interferir no sucesso do negócio. O meu interesse em expressões outras nesses anúncios é fruto dessa inquietação sobre o que seria necessário para se anunciar em um site de acompanhante. Quais as estratégias? Quais os movimentos necessários para se lançar neste mercado?

Os anúncios aqui visam uma matemática que articula classe, cor, gênero e sexualidade, em um instável jogo entre a qualidade (o quanto o sujeito pode ter investido para as fotos) e uma autenticidade que, muitas das vezes, se apoia em uma masculinidade viril. Parte das indagações sobre os usos de sites de acompanhantes vem das observações de anúncios em que a aparente multiplicidade vem a levantar questões da homogeneidade das performatividades (Butler, 2018) comumente associadas à prostituição masculina.

O que esse adjetivo, masculino, evocaria, afinal? As tensões entre o corpo, o “*produto*” como afirmou João, pensado a partir de suas concepções com outros marcadores sociais, como raça e classe, entram em questão aqui para entendermos como as configurações dos mercados do sexo masculino são dispostas em tela e acionadas pelos sujeitos que ali se jogam.

Essas, como classifico, expressões de gênero e sexualidade em imagens, que entendo como características dos mercados do sexo em ambientes online, podem ser consideradas como intensificadoras do desejo que podem vir a suscitar em quem as acessa. Claramente os sites têm o propósito de veicular os serviços oferecidos por esses sujeitos, mas também são exemplares de como esta apresentação digitalizada, online, é imperativa para as estratégias de atração do cliente.

No site *Garoto com Local* não é necessário realizar pagamento para anunciar⁴⁸. Pode ser realizado um pagamento para se manter em destaque, no topo da página. No site *Boytoy* a dinâmica é a mesma. Os que se localizam no “topo” do site em sua maioria possuem um perfil que denota um nível maior de investimento, seja nas descrições ou nas fotos que, por vezes, se alternam entre fotos tiradas no espelho ou em sessões profissionais, localizadas em estúdios de fotografia ou ao ar livre.

O apelo visual que esses sites exigem diz muito, não somente sobre os investimentos que um acompanhante pode aplicar, mas também, como, nesta era de conectividade dinamizada por uma política de visibilidades, o trabalho sexual está atrelado a essa presença online que depende fortemente de uma constituição imagética de si, de seu corpo e sua sexualidade. Em entrevistas pude perceber que existe um processo de diferenciação visível entre sites e que, a depender de com quem se está conversando, um pode assumir uma importância maior sobre o outro.

O site *Garoto com Local* é disponibilizado paralelamente a outros domínios voltados para a veiculação da prostituição, mas focados em mulheres cisgêneras, *Garota com Local*, bem como para travestis, *Travesti com Local*. A ambiência destes sites mantém suas semelhanças quanto à organização espacial dos quadros que compõem os perfis de cada anunciante.

No caso do *Garoto com Local*, tendo selecionado a cidade se é direcionado para uma página em que são disponibilizados uma variedade de anúncios ativos. Em minha pesquisa anterior (Alaman, Passamani, 2021), me deparei com uma lógica similar de organização textual e imagética desses espaços. É também visível neste site uma dinâmica de nomeação que lança mão de diversos termos que podem designar os anunciantes. No início da página temos a seguinte frase: “*Acompanhantes Masculinos*”, seguido da localidade, “*Florianópolis e São José*”. Logo abaixo outros termos são mobilizados: “*Homens, Boys, Rapazes, Garotos*

⁴⁸Para ter acesso aos preços para anunciar é preciso realizar um cadastro no site, enviando fotos de seus documentos e disponibilizando dados pessoais. Optei por não avançar neste sentido. Disponível em: <https://garotocomlocal.com.br/anunciar/> Acesso em: 15 fev. 2023.

de Programa”. O “*Com Local*” que é articulado junto ao marcador de gênero dos três domínios disponíveis referencia a possibilidade dos/das acompanhantes terem um local para atendimento próprio. É comum encontrarmos acompanhantes que afirmam “*não ter local*”. No caso da prostituição veiculada por sites, comumente os encontros vem a acontecer em motéis mas, até como necessidade de diferenciação, devem acontecer em ambientes proporcionados pelos próprios acompanhantes. Os quartos de hotéis ou apartamentos/flats alugados são distintivos da prostituição que não se consuma em espaços previamente designados para tais, como saunas. Mais desse ponto será discutido adiante.

No *Garoto com Local* é possível anunciar gratuitamente, entretanto, o pagamento para veicular seu anúncio serve para que o perfil do acompanhante fique localizado no topo da página, sendo assim um dos primeiros a ser visualizado quando se acessa o site. O site usa de tons escuros, com um fundo preto, contrapondo às informações gerais do site, em azul, com links que levam às políticas de privacidade da plataforma bem como à possibilidade de ser um futuro anunciante.

Nesta dinâmica é possível perceber que os quadros dos perfis ocupam um maior espaço quando estes se localizam no começo da página. Conforme o mouse desce até o fim do site, os quadros ficam menores e a acomodação dos perfis se acotovelam com a multiplicação dos anúncios, lado a lado, de cada acompanhante.

As fotos que preenchem o retrato de cada perfil são variáveis. As escolhas das fotos versam entre focos do corpo em que o rosto não está visível, dando ênfase nos torsos e usualmente complementados por fotos dos pênis eretos, ou por fotos feitas em espelhos ou *selfies* em que o rosto e o torso são evidenciados. Nesta dinâmica, dá para se notar que os primeiros anúncios no topo de página são feitos por homens que investem uma quantia de dinheiro para as sessões de fotos que preenchem seus perfis. Enquanto se desce a página, as fotos escolhidas começam a variar entre os ângulos acima citados. Existem variáveis, como fotos das nádegas, sugerindo - e sendo confirmados nas descrições dos perfis - que o acompanhante também pode ser passivo ou realiza as duas atividades sexuais.

A variabilidade, além de estar sujeita à própria volatilidade do site com perfis novos se anunciando com frequência, diz respeito a maneiras como o desejo pode ser veiculado a partir desses anúncios. Os corpos em sua esmagadora maioria são magros ou, como é o caso de todos os perfis que se localizam no topo de página, se resumem na exibição dos músculos do abdômen. Existe uma parcela pequena de corpos que fogem desse padrão recorrente dos sites. Por exemplo, em uma visita ao site foi possível encontrar um homem não malhado, com

uma perceptível camada de gordura corporal sobre seu abdômen e um homem trans, em cuja descrição se reconhece como: “*Macho de buceta, 22 anos, universitário!*”.

Neste sentido, as descrições são usadas como confirmações que usualmente versam sobre categorizações existentes neste mercado, as quais são múltiplas e variáveis de acordo com cada acompanhante. Existem perfis que prezam por uma descrição longa, enfatizando posições sexuais, inclinações a realizar fetiches assim como os interditos que cada um pode vir a estabelecer, bem como existem perfis que não disponibilizam nenhuma descrição. Em cada perfil, alguns disponibilizam dezenas de fotos que variam em ângulo e posições, enquanto outros disponibilizam vídeos caseiros, gravados com celulares, em atos sexuais com outros homens ou, por vezes, com mulheres.

O site *Garoto com Local* é o único, entre os dois aqui visitados, que possibilita comentários de qualquer pessoa que acesse o site, ao fim de cada perfil. Não é necessário realizar nenhum tipo de cadastro para esta ação. Estes comentários variam entre sujeitos que afirmam ser clientes e outros que, aparentemente, estão de passagem, exprimindo seus desejos e fantasias sobre os perfis disponíveis⁴⁹. A partir desses comentários é possível enxergarmos uma riqueza com relação às experiências compartilhadas entre os acompanhantes e os clientes, bem como às expectativas despejadas por outros em textos que, por vezes, intensificam uma fabulação do encontro entre ambas as partes que são exemplares das regras que regem o desejo e o sexo neste universo.

Estas construções textuais, de supostos clientes, são interessantes para notarmos as percepções do outro lado das relações aqui estudadas. O comentário abaixo, retirado de um anúncio veiculado na cidade de Florianópolis exemplifica esse ponto:

Comentário

Rafa⁵⁰ é o garoto de programa mais natural e másculo com quem já encontrei. Te conquista pelo beijo e te envolve como se você fosse sua presa preferida. Além de gostoso, linha hétero, bombado, dotado, é super profissional.

Os relatos dos clientes são compartilhados nessa dinâmica em que o sucesso do contato é usado para alavancar ainda mais as expectativas postas sobre os acompanhantes. Em diversos perfis é possível encontrar essa variedade de experiências compartilhadas que intensificam ideais sobre o acompanhante e o programa, criam diferenciações entre outros homens neste mercado e esclarecem pontos de possível desconfiança sobre as capacidades e

⁴⁹Sanders et al (2018) classifica esta atividade como um “cruising virtual”, definido pelo engajamento do olhar e por comentários em detrimento da efetiva contratação do negócio oferecido (p. 26).

⁵⁰ Nome fictício.

performances do acompanhante podem ser colocadas quando se trata da prostituição veiculada por estes meios. Como exemplo, vemos nos dois comentários abaixo, retirados de dois perfis diferentes.

Comentário

Acabei de dar pra ele. Bonito na foto e lindo em pessoa. Um amor... Educado... Príncipe... Puzudo e socador. Te fode sem dó... Pênis grosso, rosinha, gaúcho. Saí feliz de rabo arrombado e ardido... Ele soca sem pena!

Comentário

É tão bom que vicia. Homem macho, alto, perfumado e um pau tão grande que nem parece real. Vicieei. Fiquei dias com minha garganta e a bunda doendo. Recomendo porque, de longe, é o melhor acompanhante que já experimentei.

Essa função do site é interessante se formos levar em consideração que parte do processo de escolha de um acompanhante está vinculada a toda uma miríade de expectativas sobre gênero e sexualidade, que vem a ser mobilizadas e acionadas nestes contextos pelos acompanhantes e que, com a difusão de experiências, sejam elas verdadeiras ou não, se reforça todo um aparato estimulante do desejo dentre os mercados do sexo masculino.

O site *BoyToy*, em contrapartida, apresenta algumas semelhanças, mas também disparidades com relação ao site *Garoto com Local*. Com um fundo branco e a cor de destaque sendo o rosa, o site é também separado pelos quadros de anúncios dispostos em tela. A separação é levemente diferenciada, mas ainda segue a mesma lógica de diferenciação entre os primeiros anúncios, pagos, e os consequentes, pagos por uma quantia menor de valor ou não-pagos. Separados em quatro categorias, ouro, prata, bronze e grátis, os anúncios são dinamizados a partir desta lógica em que o próprio site também corrobora para a diferenciação.⁵¹ Abaixo da categoria Ouro, existe a frase: “*Super Destaque. Os garotos de programa que investem mais em divulgação tendem a atender melhor*”. Já na categoria Grátis: “*Atenção: Essa categoria contém iniciantes e afins, a geração da lista é totalmente aleatória e pode conter repetições de resultado*”.

A categoria grátis mantém um número de anúncios consideravelmente maior que as pagas. As fotos dos perfis em sua maioria se resumem a selfies em que os rostos recebem maior ênfase. É comum, entretanto, fotos das genitálias ou dos torsos descamisados. Em comparação ao *Garoto com Local* e sua massiva repetição de corpos malhados, no *BoyToy* encontramos desvios com relação a uma corporalidade escultural. A impressão que este site invoca é a de uma qualidade inferior com relação aos anúncios e organização do site *Garoto*

⁵¹Os valores em cada categoria se dividem em mensais, trimestrais e semestrais. Os preços mensais em cada categoria são, respectivamente: R\$149; R\$99; R\$44.

com Local. As fotos, geralmente feitas em casa, nas salas, quartos ou banheiros destes sujeitos, implicam num investimento menor com relação a anúncios que, em contrapartida, lançam mão de recursos para a construção de um perfil profissional. O próprio site investe nesta diferenciação, como visto acima, e a categoria grátis impele justamente a essa sensação: são iniciantes nestes mercados. Entretanto, é difícil estabelecer com certeza estas diferenças. Na categoria grátis também encontramos perfis de sujeitos que se anunciam no site *Garoto com Local* e que lançam mão de fotos feitas por profissionais. Hugo exemplifica tais usos de sites de acompanhantes. Além de afirmar que “*nenhum puto se anuncia em um site só. Todo que tiver, eles querem se jogar*”, diz que:

Pesquisador: Se você pudesse destacar você dos outros acompanhantes do site, como que você faria?

Hugo: Então, geralmente a gente faz muito book de fotos, né. A gente sempre atualiza fotos, a gente sempre pretende... porque o site também cobra pra manter o seu anúncio sempre lá em cima, pra ter.. como se diz pra ser uma puta premium, né. Mais clientes entrando em contato, mais viagens... Você pagando o site consegue ter mais clientes entrando em contato com você, então você vê mais dinheiro entrar. Como se diz, é um investimento...

Pesquisador: Mas essas fotos que você tem são bem caseiras, né?

Hugo: Essas daí eu coloquei bem caseiras até porque eu já tinha em outros sites. Eu só fiquei com esse mesmo porque eu tô no Rio. Aqui no Rio esse daí é o que dá mais... Assim é uma coisa bem mais caseira. Em São Paulo, no outro site, você consegue colocar umas fotinhas melhores porque lá os clientes pagam bem melhor, entendeu. Eles passam mais horas com você. Você joga um valor, o cliente não reclama. Lá você coloca: vou passar duas horas com você, te cobro 900 reais, mais o carro ida e volta. Aqui no Rio a gente não consegue isso, pelo site que eu to no momento. (Entrevista realizada por Google Meet, 04 de novembro de 2022)

A presença em diversos sites diz respeito a uma multiplicidade de meios em que se pode ter contato com o cliente, e a proeminência de cada um desses é restrita a uma dinâmica local que, ora pode beneficiar os acessos a determinados sites, ora impele a uma pulverização online que encontra base em diversas outras plataformas. Os sites são múltiplos e os usos que se fazem deles também podem ser diferentes. Cada site, e aqui expando para visitas feitas em outros domínios, também apresenta, cada um à sua maneira, sua organização do espaço.

Em contraponto ao afirmado por Hugo, o foco nos usos desses dois sites revela que podem existir afastamentos pautados justamente em uma lógica de procura em que a visibilidade do investimento na aparência é intensificada pelos anúncios, como afirma Paulo.

Pesquisador: Você sabe de outros sites? Eu estava pesquisando e vi que tem outros sites para acompanhantes aqui em Florianópolis.

Paulo: Tem. Na verdade, o famosinho para os garotos é o Garoto com Local, que é o nacional dos garotos. Aí para as meninas tem o private que é de alto padrão, e em

segundo lugar vem o fatal models, aí depois vem os sites meio ruins que é skokka, nem lembro o resto...

Pesquisador: O que seria ‘ruinzinho’, os sites ruins pra você?

Paulo: Ah, aí se eu fosse tipo um cliente que vou lá, vou entrar e já vejo foto de gente que é... o pessoal procura padrão, né. Tem muita gente que procura o padronismo, que são os malhados e, infelizmente, gente branca, cabelo cortadinho, homem bombadinho, que tem o pênis grande. Isso já o skokka não tem. São pessoas descuidadas, com a pele toda cagada, com o físico nada atraente para os clientes que gostam de padrão, entendeu? (Entrevista realizada por Google Meet, 07 de novembro de 2022.).

Uma das apostas da pesquisa era entender como os processos de diferenciação poderiam ocorrer se levássemos em consideração que, por vezes, os acessos aos acompanhantes é feito primordialmente através destes mediadores online. Uma comparação feita pela ferramenta online *SimilarWeb* é possível verificar que entre os dois sites, o *Garoto com Local* teve um total de acessos, nacionalmente, que somam quase dois milhões de visitas por mês, enquanto o site *BoyToy* apresenta um pouco mais de 400 mil visitas por mês⁵².

Na cidade de Florianópolis existem diversas plataformas para acompanhantes masculinos. Percebo, a partir das observações destes sites, e corroborando com as entrevistas realizadas, que o ponto da discussão é o fato de existirem processos de diferenciação que articulam marcadores sociais que, além de ditar a dinâmica de acessos e dos desenlaces com clientes, também especificam a relação que estes sujeitos tem com o trabalho sexual, como visto acima nas hierarquias estabelecidas por Paulo.

3.3.1 Noções de luxo, classe e experiências de diferenciação a partir da prostituição em sites de acompanhantes masculinos

Percebo que as experiências dos acompanhantes masculinos, aqui retratados, carregam um tipo de hierarquização que presume uma distinção baseada nos serviços oferecidos. É habitual encontrarmos anúncios que mobilizam uma noção de diferença que se resume à auto afirmação em ser de “luxo” ou de “alto padrão”. O luxo enquanto categoria carrega suas instabilidades se formos levar em consideração as diferenças em como ele pode ser resumido e mobilizado pelos interlocutores desta pesquisa.

Os sentidos que são atribuídos ao luxo são atravessados por diferentes noções que resumem a dinâmica dos sites de acompanhantes aqui analisados, bem como do exercício da prostituição no geral. As estratégias de diferenciação em relação a outros acompanhantes são

⁵²Disponível em: <https://www.similarweb.com/website/garotocomlocal.com.br/vs/boytoy.com.br/#traffic>. Acesso em: 13 abr. 2023.

perceptíveis nas próprias construções dos perfis. O exemplo abaixo, retirado de um anúncio em Florianópolis no site *Garoto com Local*, resume a tônica que facilmente é encontrada nestes ambientes.

Prazer, sou o Arthur Santos⁵³ - seu Deus Grego!
 Tenho 22 anos, sou versátil.
 Sou magro, com o corpo definido. Educado, com inteligência culta, elegante, charmoso, discreto e muito safado.
 Atendimento em alto nível para pessoas de alto nível.
 Posso ser seu príncipe ou ser selvagem na cama (ou os dois), você escolhe rs [risos].
 No sexo curto preliminares. Beijos, amassos, oral e fetiche. Sou carinhoso. Curto ficar de namoradinho, tomar um vinho e bater um bom papo. Sou putão na hora certa e do jeito que você desejar.
 Serviços adicionais: Faço videochamadas; Venda vídeos; Realizo viagens, festas e eventos; Realizo fetiches como dominação e inversão de papéis.
 Atendo homens e casais
 Formas de pagamento: Dinheiro, cartão débito/crédito e pix.
 Cansado do cotidiano? Daquele sexo monótono e robótico?
 É a minha companhia que você necessita!

No site *Garoto com Local* existe essa separação que conseguimos visualizar apenas com as fotos principais que ilustram os quadros de cada perfil. Para além da notoriedade que um anunciante ganha ao pagar para estar no topo da página, também vemos o quanto um sujeito está disposto a investir na construção desses anúncios. Aqui existe uma retroalimentação em que infere a partir do tempo e dinheiro gasto por um acompanhante para o exercício do trabalho.

No excerto acima, existem categorias que são mobilizadas a esmo pelos diferentes anúncios disponíveis. Vemos as atividades realizadas, o estilo das relações oferecidas, “*namoradinho*”, a possibilidade de realizar viagens etc. Entretanto, o que quero destacar neste tópico é como a repetição desse discurso, assim como refletindo a partir das entrevistas realizadas, mostra-se sintomático de como o trabalho sexual do acompanhante é localizado em uma esfera simbólica, mas também econômica, de diferenciação. Essa diferenciação, como quero argumentar, é reflexo de uma reorganização dos sentidos atribuídos ao trabalho sexual contemporaneamente. O trabalho sexual mediado pela internet não somente reorganiza como se faz o trabalho sexual, como se pode realizá-lo com sucesso, mas também faz emergir tensões características dessa atividade.

A pesquisa de Renato Santos (2019) é exemplar de como existe um investimento sistemático de dinheiro no próprio corpo, bem como em outras áreas que envolvem o exercício do trabalho, como aluguel de apartamentos ou flats em áreas nobres das cidades. O

⁵³ Nome fictício.

luxo, na perspectiva do autor e de seus interlocutores, diz respeito a um contínuo processo de diferenciação que aporta marcas de classe e corporalidade. O nível de escolaridade, por exemplo, é aludido como sendo um fator de distinção no campo de Santos e veiculado em anúncios observados no site *Garoto com Local* nesta pesquisa.

Já a partir dos interlocutores com quem conversei, conseguimos vislumbrar outros sentidos atribuídos ao luxo e como os sites acabam se estruturando a partir de uma lógica desejante que encontram suas bases nos anúncios e em processos de diferenciação entre os sujeitos que se encontram nestes contextos. Paulo, por exemplo, sempre deixou claro que a sua posição enquanto acompanhante se afasta de outros sujeitos no mesmo trabalho, pois sua classe atesta uma diferenciação que, segundo ele, os clientes procuram, mas com frequência se frustram com outros acompanhantes. Em nossa entrevista, quando disse que sua experiência como acompanhante o afastava de “*quem realmente precisava*” me informou que se devia ao fato de ser “*herdeira*”. O exagero ao se intitular “*herdeira*” se deva ao fato de Paulo estar localizado em uma posição bem privilegiada, principalmente no que se refere à sua classe e à sua estrutura familiar, mas, como agora vejo, também respeitam a regimes de moralidades inerentes desse trabalho.

Esses processos de diferenciação nos sites dizem respeito às diferentes normas e expectativas que, ora fincam suas lógicas em uma hierarquia desejante na qual o homem viril - que alude a uma heterossexualidade - ocupa um lugar privilegiado, ora se baseiam em uma experiência pessoal de diferenciação de classe. No caso de Paulo, ele afirma ser de luxo. A postura que Paulo afirma ter, fruto de um curso de etiquetas feito pela mãe no Paraguai e repassado para os membros da família, o colocaria, não necessariamente em uma vantagem para com outros acompanhantes, mas em uma posição que o distinguiria.

Eu coloco na minha cabeça que tem uma divisão. Existem os garotos de programa e os acompanhantes. Os garotos de programa pra mim são os que precisam do dinheiro para sobreviver, e infelizmente, eles colocam o preço que necessitam. Tipo ‘ai eu preciso pagar meu aluguel então vou ter que trabalhar pra ganhar 200 reais’. Eu não sou esse caso. Eu sou o caso de acompanhante... Acompanhante de luxo, é... *Premium*, que seria: eu vou colocar o preço e quem quiser paga. E normalmente o cachê do pessoal é, pelo menos aqui da cidade, é 150 reais a hora e o pessoal faz tudo. Eu não, aqui são 800 reais a minha companhia porque para mim não é só o sexo. Para mim é minha energia, é o meu tempo, é a minha saúde, a minha beleza. (Entrevista realizada por *Google Meet*, 21 de setembro de 2022).

A precificação que Paulo estabelece em seus programas variou em momentos distintos das entrevistas. A exatidão do preço que se cobra depende de diversos fatores, mas o valor que ele atesta sendo dos que “*precisam*” está, realmente, em consonância com a maioria

dos valores disponibilizados pelos sujeitos que se anunciam no site *BoyToy*: entre 100 e 200 reais.

A afirmação de que o trabalho de um acompanhante vai além do sexo se tornou corrente nesse campo. O sexo em si é, ao fim, elemento que se quer próximo, mas ao mesmo tempo relegado a segundo plano. As diferenças que são estabelecidas aqui entre os interlocutores são organizadas em usos variáveis de termos em que, ao fim, acompanhante é mais recorrente. Entretanto, o uso que estes sujeitos fazem das designações relacionadas à prostituição variam, e os próprios sites corroboram para esse embaralhamento. A explicação de Hugo é sintomática desse processo:

Pesquisador: Se você pudesse descrever de uma forma mais geral, qual tipo de acompanhante você acha que é? Porque, por exemplo, você disse ‘puta premium’, né, os ‘putos premium’ que ficam lá em cima do site... você acha que tem diferença entre um puto premium e um acompanhante?

Hugo: Lógico que tem, amigo. Lógico que tem [como que funciona essas...] Tem o acompanhante de luxo, que geralmente não vai só pelo sexo. Tem acompanhante de luxo que vai pela companhia, pra um jantar... Ou já tem um local, uma casa melhor, num bairro melhor, tem gente que mora... Eu moro perto do centro do Rio e aqui mesmo a gente consegue atender, mas a maioria dos meus amigos que tem essa diferença no site de ficante premium... de “ficante premium” ó [risos]... De acompanhante premium, de acompanhante tanto faz, eles sempre: ou moram pra lá na Zona Sul, ou já tem uma casa melhor, ou já tem um cliente que já tem um relacionamento fixo. Que já consegue bancar, arcar com todas essas despesas, que trabalham pra usufruir desse dinheiro de outra forma. Não é como se fosse assim uma necessidade de trabalhar, de atender. Eu acho que tudo tem uma diferença. Acho que tudo vai mais pelo poder aquisitivo de vida, pelo estilo de vida. (Entrevista realizada por Google Meet, 04 de novembro de 2022)

As perguntas inicialmente visavam um entendimento das próprias práticas e sentidos que estes sujeitos davam ao trabalho. Entretanto, no decorrer das conversas, curioso foi notar que, independente dos termos que eles poderiam vir a usar, como “garoto”, “prostituto” ou “acompanhante”, era reforçado que a diferença se dava pela natureza das relações que se estabelecem com os clientes.

Em uma conversa com João, por exemplo, vemos que é possível realizar dois tipos de serviços. A diferença é no quanto o sujeito se mobiliza para atender um cliente. A rapidez com que algumas relações se consumam as afasta de uma experiência que exige uma maior dedicação de tempo compartilhado com o cliente. E para João, que afirma gostar do que faz, essas relações são sintomáticas de um envolvimento sem “*relevância*”.

João: Então, quando eu vou fazer um trabalho como acompanhante é algo mais para aproveitar o momento, entende?! O cliente que chama o acompanhante não chama para uma hora. Ele quer curtir, jantar, conversar e para encerrar, partimos para a relação sexual. Já quem me chama como garoto de programa é tudo mais rápido, a

maioria está no intervalo do trabalho, trinta minutos para chegar, tomar um banho, transar e já ir embora. Não tem envolvimento afetivo algum, não tem muita “relevância”.

Pesquisador: Essa relevância é o que diferencia então esses dois tipos de encontros? O que seria essa “relevância”?

João: Eu gosto do que eu faço, então eu também curto os momentos. Como garoto de programa é mecânico, então sem relevância (Troca de mensagens escritas realizada por *WhatsApp*, 1 de novembro de 2022).

As fronteiras entre as atividades, separadas por João em um nivelamento baseado na “relevância” foca precisamente sobre a atividade sexual como um fim inevitável. A inclinação para o trabalho, bem como a satisfação que ele pode causar, versa não somente para o prazer envolvido nas relações, mas para o processo mesmo que se estende desde o começo do encontro com o cliente até a consumação final. Tales também afirma esse aspecto:

Tales: Sim, meu trabalho vai muito além do sexo especificamente. Eu trabalho com companhia, sabe? Acompanho em viagens, em eventos, em momentos que a pessoa queira desfrutar com uma companhia agradável, bonita, inteligente, simpática... E claro, o sexo é uma parte muito presente no meu trabalho.. Mas não é a única. (Troca de mensagens de texto realizada por *Whatsapp*, 21 de setembro de 2022).

Das relações que aqui são resenhadas na rubrica do acompanhamento, que inclusive encontra na expressão em inglês, *escort*, uma lógica similar, como foi observado em interlocutores de pesquisas anteriores (Alaman, Passamani, 2021; Alaman, Passamani e Rosa, 2022), vemos um campo de interações que acionam diferenças e aproximações entre os interlocutores e outros sujeitos inseridos nos mercados do sexo, bem como interferem nos próprios contatos que estabelecem com os clientes. Além do sexo ser o fim esperado desse negócio, existe uma articulação com classe que dinamiza os termos das interações, bem como cria uma distinção moral entre quem precisa trabalhar e quem pode escolher trabalhar.

Paulo: Porque todo mundo vê essa visão do tipo “ai nossa os garotos de programa são todos drogados”. Claro que tem muita gente que é drogada por questão de, sei lá, saíram das suas casas, foram expulsos, não tem casa, então entraram na prostituição... Por isso que eu mesmo reparto essa visão de: eu não sou garoto de programa. Eu julgo as pessoas que dependem disso. [...] Então não é qualquer cliente que eu vou atender. Vamos supor, sei lá, velhos. Não vou atender um velho que não gosto. Eu mesmo escolho meus clientes (Entrevista realizada por *Google Meet*, 21 de setembro de 2022).

Apesar de dizer que não atende velhos, Paulo afirma que, ao se colocar em uma posição em que é difícil ser alcançado, apenas aqueles que já são velhos teriam condições de contratá-lo. Quando perguntado sobre suas relações com os clientes, diz que existe essa correspondência direta entre a posição de classe, bem como de sua própria autopercepção de

imagem, que o elevaria a um alto padrão e que, por consequência, o aproxima de clientes do mesmo nível: “*Geralmente pessoas cultas que vão me aderir conhecimento, cultura, me levar pra viajar*”. E continua:

É porque tipo vai muito do preço *do que você é*. Se você é uma pessoa drogada, que tem aquele pensamento “Ai meu deus eu sou feia. O meu valor é 100 reais” você só vai atrair gente pobre, feia, mendigada. Então você tem que pensar “nossa eu sou lindo, eu sou maravilhoso, olha essa gostosa que é eu aqui”. É 500 reais, quem tem vem. E quem tem geralmente são as pessoas de idade, que estão com a vida ganha. Ah, tem uns que vem me encher o saco: “Baixa o valor”. Não, meu amor, aqui não é promoção de panela. Tem, tem. Se não, chora e vai para outro (Entrevista realizada por *Google Meet*, 07 de novembro de 2022).

Esta divisão que Paulo aclara acima é resumida em um limite de designações que tem seu eixo fundamental na classe e na consequente “*necessidade*” de se prostituir. No caso de Paulo, percebo que esse distanciamento parece estar calcado em uma necessidade de individualizar a sua experiência para além de uma estigmatização da prostituição. Sua experiência é fortemente atrelada a signos que remetem a uma trajetória pessoal e familiar acionadas estrategicamente para obter um grau de diferenciação entre outros sujeitos que estão nos mercados do sexo. Paulo afirma que os clientes comumente reclamam da “*falta de educação*” dos acompanhantes e que constantemente àqueles procuram um sujeito com um “*palavreado culto*”, uma “*etiqueta para sentar numa mesa*”. Já Hugo explica essa diferença a partir de sua experiência:

Pesquisador: Você acha que foi necessária muita coisa para se inserir no mercado, exigiu muito de você ou foi...

Hugo: Olha, essa vida de puto exige muito que você tenha o corpo padrão, que você tenha o estilo de vida elevado, entendeu. Eu não tenho, se eu for bem sincero pra você. Eu não tenho o estilo de vida “ah, eu posso morar na zona sul do rio”. Não. No momento eu não tenho. Eu já tive oportunidades, mas eu não quis, de morar com outras pessoas, mas morar com outros putos, não é, como se diz, confortável, né. Você não tem sua liberdade, você não tem nada. Eles exigem muito que você tenha um padrão de vida totalmente diferente. Você vive viajando, comendo dos melhores lugares, curtindo as melhores baladas, sempre com as melhores roupas, então a gente se esforça na medida do que pode, né?

Pesquisador: ‘Eles’, você diz os clientes, né?

Hugo: Isso, os clientes. (Entrevista realizada por *Google Meet*, 04 de novembro de 2022)

As maneiras com que um indivíduo estabelece suas relações com os mercados do sexo sofreram alterações significativas nas últimas décadas (Bernstein, 2007). As diferenciações mobilizadas pelos interlocutores da pesquisa, tratada em dicotomias entre “*garotos de programa*” e “*acompanhantes*”, bem como em relações com ou sem “*relevância*”, são frutos de um processo abrangente que arrasta uma ressignificação cultural,

econômica e simbólica entre sujeitos envolvidos nos mercados do sexo e as percepções sobre as atividades que envolvem em alguma medida a veiculação do dinheiro e relações afetivo-sexuais ou eróticas. O envolvimento com o trabalho sexual paulatinamente vem se inserindo em um campo maior em que os simbolismos e práticas atrelados a ele são atravessados pela inserção cada vez maior de sujeitos de classe média e a experimentação nestes mercados, impactadas ainda mais com o *boom* dos meios digitais e da digitalização dos serviços sexuais, como a expansão dos sites de acompanhantes.

Para Elizabeth Bernstein (*Ibid*) essa diferença se dá não somente em termos ideológicos, mas como estratégias de diferenciação de classe. Por esse motivo é curiosa a mobilização de Paulo sobre o “*luxo*” sendo o “*o preço do que você é*”, bem como o prazer e “*desenvoltura*” que Tales sinaliza sendo propulsores para sua inserção. Tratar das maneiras de aproximação com o trabalho sexual, em saunas, ruas, aplicativos, sites de acompanhante, salas de bate papo, plataformas de *webcamming*, diz respeito a mobilizações que estão em constante transformações. Questões como formas de atuação, relações com mediadores, sejam pessoas ou plataformas, relações com clientes e entre outras, são localizadas em um contexto maior onde a prostituição, e outras atividades, são dinamizadas por processos que envolvem uma sobreposição entre concepções sobre esses trabalhos, bem como sobre as práticas envolvidas nele.

A análise de Bernstein foca precisamente sobre o avanço dos meios de comunicação e a inserção de mulheres de classe média nos mercados do sexo, evocando suas interpretações sobre o trabalho sexual e os sentidos produzidos sobre essas atividades no século XXI. A autonomização possibilitada pelo acesso a esses mercados, paralela às dificuldades de pessoas qualificadas, com níveis de escolaridade avançados, em se inserirem no mercado de trabalho, produz uma fratura onde para a autora, baseada nas reflexões de Pierre Bourdieu, gera uma estratificação de classe, resumida na categoria “nova pequena burguesia”⁵⁴. Aí então se integraria indivíduos marcados por um *ethos* hedonista através de um “senso de distinção social via a adoção de ‘estratégias de reconversão’, nas quais o capital cultural é empregado para ‘profissionalizar’ espaços marginais dentro do mercado do trabalho e para atribuir nestes um sentido de importância pessoal e valor ético” (Bourdieu, 1984, p. 368 *apud* Bernstein, 2007, p. 480).

Curioso notar que, no caso dos homens envolvidos nestes mercados, a ênfase comumente recaia sobre os anseios que as atividades dos mercados do sexo implicam quando

⁵⁴ No original: “new petite bourgeoisie” (Bernstein, *Ibid.*, p. 475)

se tratam de sujeitos heterossexuais, em que a masculinidade viril é exacerbada e percebida como um aspecto indispensável nesses mercados. A escamoteação do trabalho e do prazer obtido, e muita vezes negado, talvez seja frequente justamente pelo foco demasiado na aparente marginalidade da prostituição. Se se procura nos interstícios do negócio e do desejo, as respostas dificilmente sairão dos limites da estigmatização.

Estes/as trabalhadores/as sexuais trazem uma constelação de significados subjetivos e práticas corporificadas à troca comercial do sexo que não teriam sido possíveis em conjunturas históricas antigas. Estes novos significados e práticas emanam de um desafio explícito aos dualismos simbólicos que tem caracterizado o paradigma moderno das formas de trabalho sexual: entre o privado e público, casa e trabalho, sexualidade e o mercado. Implicado profundamente nestas inversões culturais, o trabalho sexual de trabalhadores/as de classe média não pode ser facilmente reduzido às questões de privações socioeconômicas- pelo menos não no sentido convencional do termo⁵⁵. (Bernstein, *Ibid*, p. 475, tradução própria)

Há que se destacar que a diferenciação, ao que percebo na experiência dos interlocutores aqui entrevistados, é muito mais acionada na argumentação que pende, por exemplo, para a suposta inclinação ao trabalho sexual e na diferenciação de si mesmo para com *outros* acompanhantes. O comentário de Tom que abre esta dissertação é sintomático das hierarquias constantemente produzidas entre as atividades deste mercado e, como vejo, sendo produzidas inclusive entre os próprios acompanhantes. Haja vista o “*luxo*” ser recorrentemente mobilizado como signo distintivo.

O capital pessoal, englobado pelas estratégias de reconversão acima citadas, localiza parte das relações que são estabelecidas sob a rubrica da prostituição masculina em uma individualização que remete ao quanto o trabalho sexual pode vir a estar enredado nos projetos pessoais de um sujeito. Enquanto no site *Garoto Com Local* existe a proeminência de anúncios que seguem uma semelhança quanto às atividades realizadas, a variedade de atividades também revela a miríade de atos, comportamentos e práticas que podem ser comercializadas e que são veiculadas atualmente por estes meios.

Como exemplo, as viagens são reflexos claros de uma disponibilidade total ao trabalho que impacta nas relações que se estabelece com os clientes, bem como no investimento de tempo e dinheiro que alguém pode empregar para este trabalho. Além disso, existe outra miríade de atos que lançam mão de ferramentas digitais que vem a dinamizar a

⁵⁵No original: “These sex workers bring a constellation of subjective meanings and embodied practices to commercial sexual exchange that would not have been possible at earlier historical junctures. These new meanings and practices emanate from an explicit challenge to the symbolic dualisms that have characterized paradigmatically ‘modern’ forms of sexual labour: between private and public, home and work, sexuality and the market. Deeply implicated in these cultural inversions, middle-class workers’ sexual labour cannot be easily reduced to matters of socio-economic deprivation – at least not in the conventional sense of the term.” (Bernstein, *Ibid.*, p. 485)

relação do sexo com dinheiro. A este ponto, não é de estranhar caso se depare com anunciantes que afirmam realizar apenas chamadas de vídeos ou vendas de *packs*, como eu visualizei em minhas observações. Essa modalidade, em que a interação com os clientes ou compradores se virtualiza pela separação física e geográfica, demanda outras habilidades, mas concretiza uma atividade que até então poderia ser encontrada em outros espaços específicos, como plataformas de *webcamming*.

O anúncio abaixo retirado do site *BoyToy* na categoria Grátis, em Florianópolis, também é exemplar de como as relações mediadas por sites de acompanhantes podem se estabelecer sob termos diversos que fogem necessariamente de uma profissionalização, entendida pela expansão das atividades oferecidas, as quais exigem os investimentos acima supracitados.

Sou novo na cidade. Tenho 27 anos e estou começando a vida agora em Florianópolis. Pelo fato de ser viciado em sexo e muito safado, decidi começar nesse ramo. Se está afim de um sexo gostoso com um cara ativo, safado e dotado, me ligue que marcamos. Eu gosto de realizar fetiches, inclusive tenho muitos. Se quer um cara safado para uma foda casual ou até mesmo um pau fixo, sou o cara certo. Se quer apenas me mamar, eu deixo. Não tenho local. Você me ajuda e eu dou o que você procura hehehe [risos] Whats:48 9 ***** (Diário de campo, 20 de novembro de 2022).

Aqui conseguimos enxergar que a veiculação de um anúncio em sites de prostituição masculina possibilita, atualmente, uma variedade de relações que podem ser estabelecidas a partir da troca de dinheiro e sexo. Pode-se delimitar que o uso do site *BoyToy*, em comparação ao *Garoto com Local*, se restrinja às relações de sujeitos que não estejam em certa medida inseridos em uma lógica desejante na qual o corpo “*padronizado*” e o luxo são marcas distintivas.

Neste sentido, as conversas que estabeleci com Leo, que se anuncia neste site, são exemplares de como os usos dessas ferramentas são maleáveis a ponto de se limitar, com alguma precisão, os alcances que se procura ter ao se inserir neste mercado. O caso de Leo denota que sua relação com a prostituição diz muito mais a respeito sobre o retorno financeiro necessário que pode alcançar neste momento da sua vida do que uma inserção que leve em conta aspectos de uma luxuosidade que interfere no tipo de cliente que se pode conseguir.

Pesquisador: Entendi, eu lembro que você falou sobre quem ostenta com o iPhone 13, quem são essas pessoas?

Leo: Então, é todo um personagem, entendeu? Por exemplo, desde o câmara privé eu já via muito isso, mas eu vejo que os garotos de programa tem bastante isso: eles

querem parecer o mais rico possível. E aí eles acham que quanto mais finos e ricos e elegantes eles forem... E de fato acontece, entendeu? Eu não tenho necessidade de fazer isso. Eles começam a ganhar dinheiro, aí a primeira coisa que fazem é comprar Iphone 13. E aí todas as fotos que eles têm são fotos que foram tiradas ou em hotel ou em resorts... pousadas, trilhas ou Jacuzzi de motel. Umas fotos muito... Se engrandecem na foto... (Entrevista realizada por Google Meet, 07 de novembro de 2022)

De fato, me parece que o luxo visível na ostentação material nos anúncios é uma estratégia de diferenciação bem presente neste mercado. Como os clientes que Leo possuía à época do nosso contato eram suficientes para suas necessidades mais básicas, ele não precisaria, em certo sentido, desenvolver um esforço para alavancar o número de clientes. Hugo compartilha dessa experiência, estabelecendo um limite pelos laços estabelecidos com o trabalho, daí a categoria “freelancer” vista abaixo:

Pesquisador: Você diz que você se considera um profissional, né. O que você acha que é necessário para ser um profissional? Qual é sua visão de um profissional?

Hugo: Ah, cara, você tem que focar muito, entendeu. Pra você conquistar muita coisa, porque também não é fácil. É como se você fosse um vendedor. Você trabalha com o público. Você tem que por uma meta, porque não adianta você trabalhar por trabalhar. Tem que por metas na sua vida. Não que você não consiga, mas procurar um estudo, uma qualificação... porque a gente sabe que corpo, que a idade passa, tudo isso passa. A gente tem que procurar algo pro nosso futuro. Não é uma profissão que eu pretendo levar pra minha vida toda, mas também no momento é uma profissão que não pretendo abandonar porque me ajuda bastante financeiramente.

Pesquisador: Entendi, e quem não seria um profissional pra você?

Hugo: Eu digo as famosas *freelance*, né? Sabe o que é *freelancer*, né? Tenho uns amigos que fazem pelo mesmo motivo que te falei, da primeira vez que eu atendi: “Ah, tô precisando de um dinheiro pra ir pra uma balada”. Eu não considero isso um puto profissional. Tá ali por coisa de momento, de diversão, entendeu. (Entrevista realizada por Google Meet, 04 de novembro de 2022)

O “luxo” me parece, ao fim, poder também ser mobilizado muito mais pela possibilidade distintiva do que necessariamente um capital “original”, “*vai do preço do que você é*”. Por mais que possa existir essa ascensão simbólica e material de garotos que se envolvem nos mercados do sexo para melhorar suas condições econômicas, também existem envolvimento esporádicos que são guiados por outros fatores. O caso de Paulo é sintomático de uma diferenciação que opera muito mais ao nível do discurso. De uma diferenciação que é orientada mais por uma sensação de fuga da estigmatização, pendulando ora para uma afirmação da inclinação, e satisfação, para com o trabalho, a “*relevância*”, e para um nível de escolha entre quem “*precisa*” e quem “*pode escolher*”. Percebo que esse discurso também é compartilhado em outras trajetórias, como a destacada por Wendell Ferrari (2021) ao dar destaque à experiência de um interlocutor do Rio de Janeiro sobre suas relações

afetivo-sexuais paralelas ao seu trabalho como acompanhante: “[...] coloquei no Grindr e no site que era escort e sempre tive vários convites, aí querendo ou não o GP comum fode com quem paga, eu tenho minhas preferências” (Ferrari, *Ibid.*, p. 140).

Já a fuga do sexo como resultado final do encontro não deve ser perscrutada a partir de uma noção reducionista que, ao fim, anseia pela estigmatização. Os comentários abaixo feitos por Hugo, em dois momentos diferentes de nossa entrevista, denotam essa tensão:

Hugo: Por isso que eu digo que eu gosto muito de respeito com a profissão, porque independente de tudo a gente é um profissional, entendeu. Além do sexo. Mas as pessoas enxergam a gente com outros olhares, né. Acham que a gente não tem capacidade de arrumar um emprego, acham que a gente não tem capacidade de estudar, acham que a gente só vive de sexo e droga.

Pesquisador: E como geralmente são os encontros com os clientes? Por exemplo, o serviço de acompanhante: eles te levam pra onde? Você já disse que já visitou almoço, jantar, festa de aniversário...

Hugo: Sim, eles levam para teatro... eles são assim, levam para teatro, levam pra almoçar com a família, aí no final, quando faz aquela cena toda de novela ali pra todo mundo, aí é que a gente vai pro motel e aí se torna um programa de verdade, entendeu. Mas fora isso a gente tem que fazer todo aquele teatro... tem dia que a gente não tá num dia bem, sabe. A gente tem que tá ali assim [simulando um sorriso]. Então tem momentos que eu não me sinto confortável, mas pelo dinheiro a gente tem que tá lá e a gente tá. A gente faz o que gente tem que fazer. (Entrevista realizada por Google Meet, 04 de novembro de 2022)

O “acompanhamento”, enquanto noção que envolve a presença física e emocional para com o cliente gera esse campo de interações que, envolvidos no que Bernstein chama de “autenticidade demarcada” (2008), denota o caráter efêmero das relações, mas não menos “verdadeiro” somente porque é engatada a partir de uma troca comercial. O “teatro” aqui me parece muito mais voltado para a realização de uma companhia “autêntica”, que vai a jantar com familiares, do que aquele em que é necessário se excitar sexualmente (VIANA, 2010)

Ao fim, faz sentido que o sexo seja constantemente relegado ao segundo plano. A consumação final vem enfatizar o teor subjacente que ronda estas relações, em que o encontro acaba se tornando “*um programa de verdade*”. Nisto concordo com Bernstein (2008) quando afirma que

O fato de que no comércio sexual a prostituição de rua constitui, hoje, um setor marginal e em declínio significa que o lugar da transação associada ao “desafogo sexual” rápido e impessoal, cada vez mais está sendo ocupado por outra, configurada para estimular a fantasia de uma reciprocidade sensual, uma fantasia salvaguardada pela concessão do pagamento (Bernstein, *Ibid.*, p. 340).

Ao estabelecer as perguntas do roteiro de entrevistas aos acompanhantes, não esperava passar por estas questões envolvendo, o que percebo, como moralidades. Essas

diferenciações feitas constantemente, entre quem “*precisa*” e quem pode “*escolher*”, são indicativas de alguns significados que devem ser apontados para este campo de estudos. Ao direcionar perguntas aos interlocutores, do tipo “Como você definiria o trabalho que você faz?”, me foi apresentado reivindicações que apontam algumas recorrências entre os inseridos nesta frente do trabalho sexual. Por não passar por escamoteamentos clássicos do campo, como a recusa do acompanhamento/prostituição como trabalho pois feito de forma paralela à uma vida familiar heterossexual, percebo que emergem pontos outros de discussão que, ao meu ver, estão bem amparados pela literatura que trata das reivindicações de trabalhadoras sexuais mulheres (Bonomi, 2019; Olivar, 2013), mas que no caso de homens, estão carentes de atenção.

Novamente, por mais que não tenha observado uma organização política mais orientada, pelo menos em meu campo e nos diálogos que travei, vejo que as experiências descritas assumem um caráter mais positivos com relação ao trabalho sexual. E aqui os marcadores sociais são importantes para entendermos, afinal, como estes sujeitos interpretam seus trabalhos. A classe, e todo o panorama histórico-contextual que ela faz emergir, como visto nas afirmações de Bernstein (2008), é um meio rico para entendermos qual o espaço do trabalho sexual na vida de alguns indivíduos.

Agora, nesta mesma esteira procuro percorrer questões que percebo como clássicas no exercício da prostituição masculina. A relação com o trabalho sexual e o lugar dos marcadores sociais na constituição de nichos dos mercados do sexo, bem como o espaço que o desejo e prazer ocupam nas interações afetivo-sexuais dos acompanhantes receberão destaque. A constituição do argumento percorrerá por discussões que prezam pelo espaço que noções constituídas de gênero e sexualidade, assim como outros marcadores, ocupam na percepção que os interlocutores têm de si mesmos, dos clientes, e do lugar que aqueles acreditam ter dentre os mercados do sexo.

4. O “CARDÁPIO” HOMOSSEXUAL: REFERENCIAIS DE MASCULINIDADES E A VAZÃO DO DESEJO⁵⁶

A idade espraia diversas questões que são caras no campo dos mercados do sexo masculinos. Perlongher, por exemplo, destaca bem o desejo do cliente velho pelo jovem másculo, geralmente de classe baixa (Perlongher, 1985). A posição do corpo juvenil no mercado do sexo se junta às questões sobre os próprios processos de inserção neste. Atreladas a estas questões, estão as noções que estes produzem sobre suas idades, seus corpos, seus clientes e sobre os lugares que ocupam nas relações que são possíveis dentro deste mercado. Não somente com os clientes, as interações dos interlocutores com outros acompanhantes, por mais que marcadas por uma distância característica dos mercados do sexo veiculados online, são exemplares de como a organização do desejo é capaz de produzir lugares subjetivos na economia erótica da prostituição masculina.

As perguntas que se formavam em meus questionamentos iniciais tentavam articular internet, geração e processos de inserção nos mercados do sexo. Por exemplo, indagava-me quais seriam as possibilidades que a internet poderia ensejar para o exercício da prostituição?

Influenciado pela literatura sobre prostituição masculina, estava intrigado com a presença de outros sujeitos que não os que habitualmente me acostumei a ver se anunciando em Portugal, ou pelo que a própria literatura sobre prostituição masculina estava acostumada a abordar. O imperativo da identidade/orientação sexual se tornou bastante presente neste momento. Uma performance viril, nas fotos, assim como nos anúncios, era, primordialmente, a mais presente. Quase como uma vontade de estudar os contrapontos, o “outro lado da história”, começo a notar essas performances dos “novinhos”. Aqui, as questões de campo se imbricam com minhas próprias, assim como minha posição enquanto jovem homossexual. Parece-me que parte está ciente dos paralelos que poderia fazer ao contrapor a prostituição viril a esse outro tipo de performance sexual mercantilizada, bem como também estou sendo influenciado pelas indagações pessoais sobre, principalmente, juventude e trabalho sexual. Um desconforto gerado pela discrepância que tinha contato nos textos, e ao que observava, não somente nos sites, mas como um “comportamento geracional” mais amplo. Nesse momento me fiz uma pergunta: qual o processo de aprendizado entre os “novinhos”? Como a geração pode ser pensada? Qual a importância da classe, por exemplo, quando estamos falando desse novo “momento” da prostituição, ou dos mercados do sexo no geral? Qual seria a correspondência entre um mercado afetivo-sexual homossexual (com uma certeza

⁵⁶Uma discussão recentemente publicada destaca o fenômeno do desejo e sua importância para a disciplina antropológica. Os autores não pensam “necessariamente em erotismo ou gozo sexual” (Barreto e Díaz-Benítez, 2022, p. 7), mas sim em “fluxos de desejo” a partir de autores da psicanálise e filosofia, como Deleuze e Guattari. Perlongher (1987) também trabalha com “fluxos de desejo” a partir do mesmo referencial utilizado pelos autores citados (*op. cit.*). Utilizo “vazão do desejo” aqui entendendo, a partir da perspectiva dos sujeitos inseridos nos mercados do sexo, como os acompanhantes agenciam subjetividades e marcadores sociais da diferença para angariarem clientes a depender de suas necessidades/anseios, produzindo lugares onde o desejo sexual/erótico é possibilitado.

entre afirmações identitárias e de uma segmentação clássica) e os mercados do sexo? (Diário de Campo, 12 de agosto de 2022)

Como podemos observar nas indagações acima, comecei a questionar justamente as tensões do campo de estudos da prostituição masculina. Essas presenças online que, aparentemente, competem entre si, pareciam me informar que existe um mercado do sexo muito mais amplo que uma expressão viril, comumente atrelada ao exercício da prostituição masculina, intenta em ser protagonista.

Nesta esteira de reflexão, me chamou a atenção anúncios de sujeitos que se apresentavam como “novinhos”. Comentários de clientes em perfis no site Garoto com Local, que se anunciavam como “novinhos”, versavam sobre as possíveis relações encadeadas no exercício da prostituição masculina: “*Dá vontade de pegar pra criar*”; “*Apesar de ser novinho...*”.

Minha pergunta, então, pode ser resumida, nesse momento: será que existe algum tipo de correlação histórica entre uma geração atual, com suas questões, suas possibilidades e seus limites, e os meandros dos mercados do sexo? O que faria sentido: uma prostituição viril bem disseminada, com certo aspecto de uma masculinidade hegemônica, ou uma “nova” prostituição, com sujeitos informados pelo seu “tempo”, encarando o mercado sexual a partir de outros referenciais históricos, com certas concepções acerca de sua sexualidade que não era dada devida atenção em certos trabalhos etnográficos? Quase que como de uma recusa homossexual inerente ao campo, estivéssemos em um momento outro, em que a orientação sexual estava nessa fronteira entre uma abertura histórica maior, numa “afirmação da homossexualidade” entre quem se anuncia e os clientes, e uma relativa irrelevância desta afirmação para os acordos que o mercado do sexo pago, supostamente, exige: a de uma masculinidade viril, sexualmente ativa e presumivelmente heterossexual. Esta recusa pode ser encontrada, por exemplo, no trabalho de Viana quando afirma que em seu campo pôde “perceber uma grande preocupação por parte dos boys, evidenciando que em suas concepções simbólicas o fato de assumir a identidade de profissional do sexo os colocaria mais próximos de uma identidade homossexual” (2010, p. 38).

Volto-me a Perlongher (1987) para contextualizar essa dúvida. Em seu trabalho, Perlongher traça uma aparente transformação presente no momento de sua pesquisa com michês que se prostituíam em São Paulo na década de 1980. Entre a “duplicidade estrutural” destes sujeitos, carregados com o peso de andarem na corda bamba entre a normalidade familiar e a perambulação noturna desviante, Perlongher descreve uma suposta transformação

no campo da prostituição masculina, em que, inclusive, podemos ver sua correspondência com a citação de Viana acima destacada:

Certa "duplicidade estrutural" torna difícil analisar as trajetórias dos prostitutos em termos de "constituição de identidade". Como vemos, essa construção de identidade só se verifica explicitamente em alguns michês, que acabam se "assumindo" militantemente como gays (*Ibid*, p. 187).

Essa identidade gay militante, contrária a uma recusa da afirmação da identidade homossexual⁵⁷, estaria localizada em um processo temporal que se atrela às experiências dos sujeitos dentro da prostituição. O caminho, então, seria marcado por uma tomada de consciência política do indivíduo que, ao fim do processo, se localizaria entre um meio-termo que ora está longe da virilidade caricata do michê másculo, ora recusa uma feminilidade exacerbada, que neste contexto e tempo é representada pela figura da travesti. O ponto aqui é o da "abertura das possibilidades sexuais" (*Ibid*) e no embaralhamento que isso pode vir a causar nas representações coletivas sobre gênero e sexualidade. No caso da prostituição masculina, a virilidade e atividade sexual seriam requisitos primordiais para lógica desejante, ao menos no nível do discurso, sendo habitual a acusação da passividade e a desmoralização de quem é inserido na relação sexual.

Neste momento, minha pesquisa parecia focada em entender como a geração pode inferir nos mercados do sexo e nas relações aí engatadas. Por isso, a minha estratégia inicial foi a de focar em quem se anunciava como “novinho”. Será que focando nesta categoria, saliente em minhas observações, conseguiria desenredar as perguntas que estavam me rondando? Essas escolhas "tipológicas" estavam orientadas pelas dúvidas acima citadas. Existia uma preocupação em selecionar esta categoria em específico, apostando nas questões que começaram a guiar essa pesquisa, mas ainda levando em consideração que existiam outros perfis destoantes, que compartilhavam a tela com esses sujeitos.

Seguindo as formulações articuladas por Júlio Simões (2014), a geração aqui seria pensada não tendo a idade como referencial estático de processos biológicos/cronológicos no curso de vida de um sujeito. Isto é, é entendida “por meio de um processo sociogênico de formação de atores coletivos relacionados à experiência compartilhada de determinados eventos críticos na trajetória de vida” (*Ibid.*, p. 371, *et seq*). Nesse sentido, acredito que o “ser de uma geração” (*Ibid*), nesta pesquisa, pode ser explorado a partir de pontos de discussões clássicos do campo da prostituição masculina, tais quais a constituição da identidade

⁵⁷Para um breve aprofundamento sobre as histórias de organizações políticas homossexuais no século XX, apoio-me em Edward MacRae (2011).

homossexual e dos atritos com diferentes referenciais de masculinidades que ganham especial contorno neste fenômeno.

Agora, refletindo sobre essas questões e tentando dialogar com a literatura, percebo com mais clareza onde minhas inquietações se localizam, e como as experiências dos interlocutores dessa pesquisa podem ser interpretadas a partir de suas negociações nesses mercados. Parte das questões acima destacadas foram desenvolvidas no capítulo anterior, quando da discussão com a literatura deste século que constitui o trabalho sexual como uma possibilidade entre indivíduos de classe média, destacando a satisfação com o trabalho sexual em si, trazendo um sentido positivo ao exercício de tais atividades, como a prostituição. Neste capítulo procuro dar conta de outras questões, ainda que articuladas às reflexões desenroladas no capítulo dois, mas que envolvem os sentidos atribuídos ao corpo, ao gênero, sexualidade e a cor/"raça" destes indivíduos.

Muito do que me perguntava sobre as inserções são localizadas neste contexto histórico de alargamento das entradas nestes mercados e de inclinações subjetivas à realização destes trabalhos. Meu erro, suponho, esteja visível na percepção de que essas transformações, de subjetividades e nos mercados do sexo, se limitem a gerações recentes. Ora, no próprio campo de Perlongher, na década de 1980, esta transformação já estava em curso.

Neste capítulo procuro dar conta das experiências que me foram relatadas pelos interlocutores, selecionados a partir de site de acompanhantes, com o trabalho sexual. Aqui tento dialogar com questões que julgo serem clássicas do campo da prostituição masculina e que, apesar de críticas (Guimarães, 2019), continuam sendo importantes para a área de estudos de gênero, sexualidade e de marcadores sociais da diferença. As tensões que envolvem o sexo e o afeto, nestes mercados e as implicações simbólicas, políticas e subjetivas na vida dos interlocutores me ajudam a pensar estas questões.

Sobre o foco inicial em interlocutores que evidenciaram suas idades em seus anúncios, percebi que procurando extremos, acabei me cegando para o que, acredito eu, resume esse campo e os fenômenos atrelados às experiências de gênero e sexualidade: as tensões e negociações.

Desta maneira, interpreto as experiências a mim relatadas a partir de relações de modelos de masculinidades (Connel, 2005) nos mercados do sexo. Percebo esse campo como locus de relações de diferença que orienta posições subjetivas. Ora dizem respeito a como cada sujeito se percebe, a partir de seus marcadores, dentre essa arquitetura erótica, ora refletem o que as relações engendradas, a partir desses mercados, produzem de mais rico: a

potência do desejo e a vazões que viabilizam específicas interações afetivo-sexuais. Se partirmos do princípio que o trabalho sexual masculino envolve diferentes noções sobre masculinidades, interseccionadas com outros marcadores, e o engajamento de acompanhantes com essas noções desenharam os contornos desse trabalho, então é a partir desses pontos que penso ao desenvolver esse capítulo.

Passarei, assim, a explorar as nuances das relações estabelecidas pelos interlocutores da pesquisa com outros homens. Apesar de levar em consideração que a clientela feminina pode ser uma possibilidade dos encontros entre acompanhantes e clientes, não é meu intuito passear por essa questão. Sem querer reificar ou naturalizar práticas e sujeitos em uma perspectiva que engesse suas práticas e identidades, quero entender a produção de diferenças a partir de marcadores sociais, as relações que envolvem gênero e a sexualidade, as negociações que envolvem os desejos, entre homens cisgêneros, neste campo e os atritos evidenciados a partir de práticas e atribuição de sentidos entre ambas as partes do negócio.

Apesar de não ter me atentado aos problemas da naturalização de sujeitos e práticas durante minha pesquisa, parto das experiências dos interlocutores que decidiram participar de entrevistas e conversas. São sobre essas experiências que me debruço para traçar linhas de discussão que considero pertinentes a esse campo de estudos.

4.1. NO NEGÓCIO DOS DESEJOS: MASCULINIDADES E MARCADORES SOCIAIS DA DIFERENÇA

Nos diálogos com Paulo pude perceber como as dinâmicas da prostituição são matizadas por relações, com os clientes, que são complexificadas à medida que pensamos marcadores como idade, cor e classe. Paulo, sabendo que ocupa uma posição distinguível nesta lógica desejante, paralelas às suas atribuições de classe, como visto no capítulo anterior, diz:

Pesquisador: O que é ser novinho pra você? O que acha que instiga nos clientes?
 Paulo: É que tem muito... isso é errado, óbvio, mas tem muito velho que gosta de *twink*, você sabe o que é né, que tem fetiche em transar com gente menor de idade, criancinha. Então eles procuram os novinhos porque eles gostam de novinho. Aí quando eu tiro a barba, claro, jogo um efeito lá nas fotos, nossa aí vem muito velho... ai, que nojo. Aí eles dizem: "Nossa, adoro gente novinha. Fingir que é meu bebezinho". Nossa, teve um cliente que eu até fiquei com muito nojo dele que ele chegou aqui e falou "você parece muito meu filho". Cê tem tesão no seu filho? Meu Deus. Tem muita gente assim, sabe. Porque se você ver no site tem muito padrão. Malhado, barbudo, tatuado. É tipo um cardápio lá. Tudo igual, tudo igual, aí quando

vê, é um novinho. Tem gente que prefere os novinhos do que os homens malhados. Claro, têm os homens casados que gostam de levar um pau no cu que vão procurar os *homão* de pau grosso. (Entrevista realizada por *GoogleMeet*, 07 de novembro de 2022.)

Argumento que a noção de “*cardápio*” é sintomática do que rege as lógicas desejantes no exercício da prostituição, principalmente quando veiculada online. Os limites entre corpos, “raças” e expressões de gênero e sexualidade são constituintes de um amplo sistema de classificação desejante. A ênfase nessa noção se dá a partir de contrastes à recorrências do que podemos reconhecer como o modelo de masculinidade hegemônica (Connell e Messerschmidt, 2013) nesse mercado, assim como serve como base para entendermos outras vazões que o desejo homossexual pode encontrar atualmente neste mercado. Como visto a partir das afirmações de Paulo, “*tem gente que prefere os novinhos*”, enquanto “*tem os homens casados que gostam de levar um pau no cu que vão procurar os homão de pau grosso*”.

Pensar na idade como marcador principal dentre o campo da prostituição masculina nos leva a refletir sobre diversas nuances em que o juvenil é tratado como veiculador do desejo entre garotos e clientes. A ênfase em como a idade é mobilizada nos ajuda também a entendermos quais são as outras intersecções possíveis se pensarmos que a juventude é sempre articulada com outros marcadores, como cor/“raça”. Acredito que para a análise desse campo de estudos, partir de marcadores pontuais pode ser uma estratégia para pensarmos como a produção de diferenças é mobilizada, organizada e disposta a partir das inserções individuais nos mercados do sexo, aqui com especial foco no serviço de acompanhante.

As relações entre diferentes noções de masculinidades (Connell e Messerschmidt, 2013), a partir das experiências dos interlocutores dessa pesquisa, revelam as nuances possibilitadas pela inserção variada de diferentes sujeitos que, nem sempre atados à expectativa do cliente pelo viril e hiper másculo, organizam as interações possibilitadas por esse mercado. A discussão aqui, então, pretende localizar o tipo de masculinidade, disposta a partir das experiências dos interlocutores dessa pesquisa, em relação a outros tipos que envolvem um jogo clássico entre o desejo e a produção de diferenças.

O parâmetro estabelecido pelo que Leo (22, branco) caracterizou como sua “*categoria*” é exemplar para entendermos como funciona a lógica da prostituição masculina. Ao reconhecer uma pluralidade de sujeitos que se anunciam, entramos em uma discussão que Perlongher já desatou em seu campo em São Paulo, ao apresentar a noção de tensores libidinais (1985, p. 209). Relembrando, os marcadores sociais são articulados seguindo uma

matemática em que a idade, o corpo, a cor, a classe e o gênero são dispostos a partir de expectativas e fantasias que seguem fluxos específicos, direcionados a cada tipo de garoto.

Com Leo, pensando a partir da mobilização da categoria “*twink*” em seu anúncio, enxergamos como a articulação de marcadores dita espaços que relacionam, por exemplo, cor e corporalidades.

Leo: Então, ‘Twink’ eu não sei se tem uma tradução literal do Inglês para o português, só que no inglês, digamos, seria a categoria ‘adolescente’. Eu sei que é errado, mas são tipo meninos novinhos sem pelos ou tipo magrinhos, sabe? Não muito musculosos. Magros ou magros definidos, sem pelo, sem barba. Eu tenho vinte e dois anos, mas eu coloco que eu tenho vinte lá justamente porque eu sei que vinte e dois foge um pouco da categoria do Twink, mas eu sei que eu pareço ter vinte ou até menos. Então é muito de boa, sabe. É aquilo que eu falei: é a categoria.
 Pesquisador: Você acha que a sua cor tem algum impacto no seu trabalho?
 Leo: Tem, demais. Não só minha cor, mas tudo, todo meu físico. Minha cor, o meu cabelo, o meu olho, meu corpo. (Entrevista realizada por *GoogleMeet*, 07 de novembro de 2022)

O contato com Leo se deu pela sua mobilização da categoria “Twink” em seu anúncio no site BoyToy. Já tinha conhecimento do que esse termo evoca justamente por já estar imerso nessa lógica produtiva de sujeitos, corporalidades e desejos prevalecente nos “universos homossexuais” (Pinho, 2004). O que fica evidente nos diálogos com Leo é a sua constante mobilização de categorias do universo pornográfico e a utilização de termos para se localizar, bem como localizar outros sujeitos dentre esse universo, “*barbies*”⁵⁸ e “*chubbys*”⁵⁹ (Carlos Henning, 2008), em uma economia do desejo fortemente atrelada à articulação de marcadores sociais, nesse caso tendo a cor, corpo e idade, elementos centrais na excitação do cliente.

O homem viril, requisitado e perpetuado dentre o “universo homossexual”, que dispõe de sua masculinidade hegemônica e próxima sempre da “heterossexualidade”, se localiza em constante relação com outros tipos subalternos, em uma relação dialógica em que as fronteiras dos que se idealizam no hegemônico e subalterno criam uma dinâmica contextual, simbolizando performatividades (Butler, 2018) e hierarquizando diferenças entre indivíduos (Connell e Messerschmidt, 2013). Essa relação de diferenças entre masculinidades, seguindo Raewyn Connell (2005), é potencializada quando pensamos em interações produzidas em contextos de sociabilidade homossexual (França, 2013; Henning, 2008) e nas relações afetivo-sexuais entre homossexuais (Miskolci, 2013; Zago, 2013). O desejo pelo “viril”,

⁵⁸Referência a um indivíduo magro, que investe ostensivamente na construção corporal, com maior ênfase nos músculos, dependendo de exercícios físicos intensos para tal resultado.

⁵⁹Referência a um indivíduo não magro, que apresenta relativa gordura corporal, e que não cultiva pelos em seu corpo, estando bem próximo ao “Bear”, onde a presença de pelos é mais evidenciada.

“discreto” e “heterossexual” é transportado simbolicamente quando pensamos nos mercados do sexo e na veiculação do desejo a partir desse fenômeno.

O desejo pelo viril apresenta suas constâncias, sejam nos mercados do sexo ou em interações afetivo-sexuais que não necessariamente marcadas pelo imperativo econômico dos mercados do sexo. A performatividade masculina é agregada à potência sexual, aos músculos do corpo que são atados a noções de uma beleza espelhada por um corpo de um suposto “homem verdadeiro” (Michael Kimmel, 1998). A hipermasculinidade, na prostituição masculina, “roça no caricatural”, explica Perlongher (1985, p. 103). Entretanto, esse desejo pelo corpo do “homem verdadeiro” pode vir a escamotear outros fluxos que também encontram vazão nos mercados do sexo. Menos que um foco na predominância, os atritos produzidos pelas práticas e significações se tornam lócus para o desenho de um mercado diversificado, ainda que calcado, à sua maneira, em idealizações de gênero e sexualidade. Essas idealizações, propostas pelos tipos presentes no mercado e seus clientes, são carregadas por expectativas, mas também tensionadas a partir das interpretações sobre si mesmos e sobre o trabalho sexual, gerando articulações de marcadores sociais com desejos, fantasias e expectativas possibilitadas pelo mercado online.

Em minhas análises, gênero e a sexualidade aqui são entendidos como frutos de produções que simbolizam variadas noções que dizem respeito ao que constitui, nesse campo, o “masculino” da prostituição masculina. As experiências destes homens nesse campo, suas corporalidades, performatividades (Butler, 2018) e negociações em torno do gênero, sexualidade e cor são levadas em consideração e analisadas a partir das noções que estes sujeitos produzem sobre si, sobre as interações afetivo-sexuais com clientes e sobre as manipulações de simbolismos relacionados, primordialmente, a masculinidades. Longe de essencializar identidades ou experiências, procuro entender qual o lugar destes sujeito na produção mesma de sentidos de gênero e sexualidade envoltos sob o trabalho sexual. O trabalho, ao fim, é o de abordar a articulação entre gênero, sexualidade, cor/raça e outras categorias de diferenciação (Piscitelli, 2008) imiscuídas às relações de poder nos mercados do sexo.

Muito dessa discussão pode ser amparada pelas análises dos modelos de masculinidades dispostas a partir das experiências dos homens envolvidos nos mercados do sexo, em especial o serviço de acompanhante mediado online. Raewyn Connell (2005) afirma que “nenhuma relação entre homens no Ocidente contemporâneo carrega maior peso simbólico do que aquela entre héteros e gays. Esta relação é coletiva, não somente pessoal.

Ela afeta o gênero em toda a sociedade (2005, p. 143, tradução própria).⁶⁰ As noções de hegemonia e subalternidade, imbuídas na construção do conceito de masculinidade, como proposto por Connell (2013), são mais idealizações, nunca contempladas em sua plenitude simbólica e comportamental, que servem como referenciais para processos de hierarquização em relações de poder entre indivíduos, entre homens e/ou mulheres. No caso da prostituição masculina, o desejo pelo viril pode vir a totalizar uma busca que dita os trâmites mais clássicos desse trabalho, entretanto, se levarmos em consideração outros marcadores, como geração e cor/”raça”, se multiplicam os referenciais, bem como organizam uma lógica desejanete que se cruzam expectativas e realizações.

Nesta discussão, o contexto também importa. Como aponta Mara Vigoya (2008, 2018), as relações de gênero e sexualidade de homens em contextos que outrora foram colonizados são perpassadas pelas contingências econômicas, políticas e históricas, influenciando nas concepções sobre a própria humanidade de pessoas racializadas em contraponto à universalidade do “branco”. A “raça”, enquanto construção simbólica e força argumentativa para hierarquização, deve ser entendida em sua articulação crucial com noções de gênero e sexualidade perpetuados em relações de poder históricas. Em pesquisa anterior com homens migrantes trabalhadores sexuais, a percepção do Brasil enquanto o berço da miscigenação, entre o contexto latinoamericano, criador de uma masculinidade lasciva, movimentava aspectos cruciais das relações estabelecidas com clientes portugueses/europeus (Alaman, Passamani, 2021). Nesta chave de leituras, em que os marcadores sociais da diferença se articulam e condicionam experiências específicas (Brah, 2006) a produção de diferenças, por vezes, gera desigualdades; neste processo, a agência toma espaço e as negociações entram na dinâmica destas relações.

O conceito de articulação sugere relações de conexão e eficácia através das quais, como diz Hall “as coisas são relacionadas tanto por suas diferenças como por suas semelhanças”. (...) Melhor construí-las como relações historicamente contingentes e específicas a determinado contexto. Daí que podemos focalizar um dado contexto e diferenciar entre a demarcação de uma categoria como objeto de discurso social, como categoria analítica e como tema de mobilização política, sem fazer suposições sobre sua permanência ou estabilidade ao longo do tempo e do espaço (p. 352).

Neste sentido, esta produção de diferenças, e os consequentes processos que ela engendra, provoca uma desestabilização que possibilita extrapolar as categorias sociais

⁶⁰No original: “No relationship among men in the contemporary Western world carries more symbolic freight than the one between straight and gay. This is a collective, not just a personal, relationship. It affects gender on a society-wide scale” (Connell, *op. cit.*).

pré-definidas contextualmente. Os processos de diferenciação colocados em ação pelos interlocutores da pesquisa ensejam novas subjetividades, que vão surgindo e sendo forjadas em contexto. Tais categorias são complexas e multilocalizadas, visto que se posicionam entretecidas em redes de poder, marcadas por processos interseccionais de gênero, raça, sexualidade entre outros, traçando um caminho particular que somente consegue ser destacado quando apontamos contextualmente as configurações de sua produção.

Como exemplo, o corpo jovem, magro, sem pelos, e em sua maioria das vezes branco, dita uma categoria que em parte é englobada pela noção “*novinho*” e carregada pelo “sublime erótico” (Pinho, p. 181, 2012) que a cor branca evoca. Essa racialização do desejo pende para um lado curioso dos mercados. A racialização muitas vezes é pensada a partir da trajetória de sujeitos negros ou pardos (Vigoya, 2018; Alaman e Passamani, 2021), e nos mercados do sexo apresentam essa qualidade dúbia entre desejo e abjeção (Santos e Pereira, 2016).

Pesquisador: Você acha que sua cor tem algum impacto no seu trabalho?
 Paulo: Nesse trabalho acho que não. Tipo, claro, se fosse pra atender tem muito preconceito, se fosse pra contratar gente branca e gente preta. Tem o privilégio de a sociedade ainda impor que cor é alguma coisa, mas tipo tem muito gosto pelo mundo, sabe. Tem gente que gosta de branquinho, mas já perdi muito cliente pro meu amigo porque ele é bronzeado, então é gosto, sabe. (Entrevista realizada por *GoogleMeet*, 07 de novembro de 2022)

Com Hugo (24, pardo) vemos como as nuances de cor também são relacionadas aos sujeitos negros e pardos nesse mercado, correlacionando também a uma expectativa mais viril com relação a esses sujeitos.

Hugo: É, cara... eu acho que é basicamente isso, a gente tenta ser o masculino o máximo possível. Então, acho que é o diferencial. É tipo assim, eles gostam do famoso *mavambo*, né. Não sei se já ouviu falar.
 Pesquisador: Esse nunca ouvi falar.
 Hugo: *Mavambo* é... é uma linguagem que as pessoas dizem... sabe aqueles meninos meio largados, meio assaltante? Botam umas roupas meio jogadas, tipo um estilo bem carioca assim?
 Pesquisador: É tipo um *cafuçu*?
 Hugo: Isso! *Cafuçu*! Isso daí, eles são mais... entendeu? (Entrevista realizada por *Google Meet*, 04 de novembro de 2022)

Parece-me ser evidente o acionamento dessas categorias a partir desses sujeitos em circunstâncias em que a necessidade de exposição de si, em seu nicho de mercado, também encontra suas bases na produção erótico-pornográfica. Tal produção, por sua vez, se vale da mesma intersecção de marcadores sociais, que são também qualificadas e localizadas em posições específicas da economia erótica homossexual.

Pesquisador: Se você pudesse destacar você de outros acompanhantes no site. Como que você faria? Qual seria o seu apelo? Aí eu fico pensando, acho que essa pergunta vai de encontro ao que está dizendo, sobre a categoria do twink... Quais categorias existem assim...

Leo: Tem muitas, muitas, muitas, muitas... desde o padrão estético até o padrão de fetiche. Então assim tem uma categoria que é a *deep-throat* que é o cara que aguenta o pinto até aqui [aponta para a garganta]. Então o cara já anuncia que ele faz *deep-throat*. O cara que faz *fisting*⁶¹, ele é da categoria *fisting*, entendeu? É tipo é igual a categoria de pornô. Se tu jogar twink no XVídeos vai aparecer só adolescentezinho, tipo menininho se pegando. Se jogar Bear vai aparecer só urso. Jogar Barbie só os musculosos... (Entrevista realizada por *GoogleMeet*, 07 de novembro de 2022)

No caso de Leo e Paulo, além da cor de suas peles brancas, a idade que eles aparentam ter e apresentam nos anúncios, possibilitam esse tensionamento muito caro nos mercados do sexo. Paulo diz que dispõe de efeitos em suas fotos, Leo contou que se anuncia tendo vinte anos, quando tem vinte e dois. A idade aqui, englobada na mobilização do “*novinho*”, busca impactar quem os procuram. Essa excitação pelo jovial carrega diversas questões; a idade pode ser acionada em diversos sentidos e não necessariamente carrega uma busca pelo púbere inocente que os ata em relações parentais com clientes mais velhos (Alessandro Oliveira, 2009). Por mais que existam acompanhantes nestes mercados que ultrapassem a idade considerada ideal para essa atividade, geralmente até os 25 anos (Perlongher, 1985, p. 99), um dos tensores primordiais para esse negócio é a exacerbação da juventude.

Entre os indivíduos incluídos nos mercados do sexo, os modelos de masculinidade parecem ressoar, enquanto ao mesmo tempo constituem, noções generalizadas sobre o que faz, e como se é, um homem. Como percebo, parece existir uma barganha entre referenciais sobre masculinidades entre os mercados do sexo e as hierarquizações que tomam forma em outros contextos de sociabilidade homossexuais. Não é de se estranhar, portanto, que interlocutores mobilizem com frequência noções muito compartilhadas entre o imaginário homossexual, e pornográfico, sobre masculinidades e as lógicas do desejo de homens que desenvolvem interações afetivo-sexuais entre si.

Essa negociação entre modelos de masculinidades gera uma experiência dicotômica que complexifica a experiência desses homens no trabalho sexual. As percepções sobre o próprio corpo, e o nicho em que ocupam, cria uma organização do desejo em que o sucesso em que se pode alcançar em tal mercado está localizado em uma miríade de outros corpos e desejos correspondentes. É importante destacar que a negociação parece ser a palavra-chave. Nela entendemos as nuances das experiências compartilhadas pelos interlocutores desta

⁶¹ Ato sexual que consiste na penetração anal com o punho (*fist*, em inglês).

pesquisa. Concordo com Connell (2005) quando afirma que os engajamentos com modelos de masculinidades, sejam hegemônicos ou subalternos, são variáveis e se espriam durante a vida daqueles que com eles decidem se relacionar.

O quanto se é homem na prostituição masculina me parece ser dinamizado a partir do momento em que os capitais acionados usualmente neste mercado, como os referentes à classe ou ao corpo, são tensionados a partir das experiências e interpretações que os indivíduos fazem de si e do trabalho sexual. O sexo, o afeto, o dinheiro e as expectativas do contato de ambas as partes revelam que gênero, sexualidade, cor/"raça", classe, escolaridade, entre outros marcadores, multiplicam referenciais, de masculinidade e desejos. Voltarei a aprofundar essa discussão mais adiante quando pretendo discutir as interações destes sujeitos com seus clientes.

No próximo tópico procuro analisar como estes interlocutores se colocam com relação a outros acompanhantes, dentre o "cardápio" da prostituição, e quais as estratégias de diferenciação que investem, ou não, para alavancar seus números de clientes.

4.1.2. Estratégias (outras) de diferenciação no cardápio sexual

Os processos de articulação de marcadores sociais são cruciais para entendermos os termos das relações desenvolvidas a partir do contato dos acompanhantes e dos respectivos clientes. Os estudos sobre marcadores sociais da diferença (Hirano, 2019) posicionam a arbitrariedade que o campo coloca quanto a esses referidos processos de articulação em que tais marcadores emergem e produzem diferenças entre sujeitos. A partir destes pressupostos, os estudos interseccionais, que partem de uma perspectiva construcionista (*Ibid*), procuram lançar luz sobre os manejos existentes de indivíduos antes considerados não capazes de "negociarem com a adversidade" (Laura Moutinho, 2006) e de ascenderem socialmente usando como disparador suas características marcadas como diferença⁶². Como destaca Adriana Piscitelli (2008): "E os marcadores de identidade, como gênero, classe ou etnicidade não aparecem apenas como formas de categorização exclusivamente limitantes. Eles oferecem, simultaneamente, recursos que possibilitam a ação" (p. 268).

Isto é, a construção das alteridades complexas (Bonetti, 2009, 2012), entre os acompanhantes e entre estes com os clientes, se localizam em processos com diferentes referenciais de gênero e sexualidade, em que a idade deve ser levada em consideração com

⁶²Outras perspectivas dos estudos interseccionais podem ser encontradas em Carla Akotirene (2019) e Kimberlé Crenshaw (2002).

outros marcadores da diferença. Tomo emprestado a noção de alteridades complexas a partir das considerações feitas por Alinne Bonetti (2012). Esta noção constitui-se, para a autora, como uma das diversas contribuições da Antropologia Feminista para o campo epistemológico da antropologia, que definiria seu objeto, então, enquanto as

[...] alteridades complexas, oriundas da articulação, de distintos feixes de marcadores sociais, sendo o gênero uma importante referência, empenhados na produção de sistemas/estruturas sociais de desigualdades. Tais marcadores não são conhecidos de antemão; antes, emergentes dos dados etnográficos em análise. A etnografia assume um papel crucial, a partir da ênfase nos processos sociais e na produção de significados em ação a partir da combinação entre situação, contexto e sentido. (Bonetti, 2012, p. 55)

Contextualizar as relações em que gênero e outros marcadores sociais se imbricam, serve para entendermos quais estão sendo as experiências de sujeitos localizados em fenômenos altamente caracterizados pela produção de diferenças. A aproximação com as experiências compartilhadas pelos interlocutores nesse capítulo servem, então, para percebermos as nuances que permeiam as suas inserções nesses mercados, entendendo que seus marcadores informam o espaço que o trabalho sexual ocupa em suas vidas, como também o espaço em que eles ocupam nas estruturas de diferenciação da prostituição.

Estou procurando dar conta das particularidades destas experiências nestes mercados. A própria mobilização do “*novinho*”, por mais que sendo acionada de forma parecida entre Leo e Paulo, é diversa e movimenta as economias do desejo na prostituição, tendo como contraponto as experiências de Hugo. O sexo e afeto veiculados a partir das interações entre interlocutores e os clientes, em sua maioria, “*velhos*”, são exemplares de um rol de configurações em que gênero, sexualidade, classe, entre outros, se articulam, condicionando essas experiências e dando o tom das interações entre estes sujeitos.

Neste universo, então, o corpo magro, sem pelos, dos “*novinhos*” faz parte de uma configuração em que a sua veiculação, enquanto produto, é taxada pela busca de um corpo lido como jovem. Os limites começam a ser desenhados a partir do momento em que o corpo começa a envelhecer, mas as estratégias também podem mudar, a depender do quanto o sujeito está disposto a se dedicar ao trabalho. E aqui chegamos a um dos pontos centrais da experiência destes interlocutores dentro do serviço de acompanhante. A “*corpolatria*” que Renato Santos (2019) denota é fruto de uma incessante busca e manutenção de um corpo aparte dos demais dentre os acompanhantes de luxo

Assim, a prática de exercícios físicos e o uso de proteínas e anabolizantes, igualmente a todas as transformações corporais subjacentes, como tatuagens, piercings, cirurgias plásticas, tratamentos estéticos e até mesmo as roupas utilizadas, são técnicas pelas quais o investimento fica demarcado no corpo e convertido no valor cobrado no programa (*Ibid*, p. 103).

Como observado na pesquisa de Santos, existe uma veiculação de fotos e anúncios que podem ser lidos como intensificadores do desejo dentro o mercado da prostituição. Já aqui é interessante notarmos que, assim como no trabalho de Santos, é presente uma glorificação de um corpo masculino viril, que por vezes rejeita uma feminilidade que está fortemente atrelada à passividade sexual e à possibilidade dos beijos.

O foco na construção do corpo é central. Se a produção de diferença encontra o seu campo mais profícuo dentro dos mercados do sexo, sua proliferação também respeita a uma incitação do desejo, em que os corpos e seus marcadores, estruturam uma economia onde sujeitos e seus corpos conseguem alcançar uma autossuficiência. Essa distintividade positiva é entendida a partir da miríade de lócus de desejo e excitação que são possibilitados nos mercados do sexo. Concordo com Kevin Walby quando afirma que:

Em uma atividade como *boxing*, o corpo magro e eficiente é o corpo ideal que todos os *boxers* almejam, enquanto no serviço de acompanhante existem múltiplos corpos ideais. Alguns clientes referem-se a si mesmos como “*size queens*”, em que preferem e procuram homens com pênis maiores que a média. O corpo de cada acompanhante pode ser valorizado dependendo do que o cliente está procurando. Não existe um corpo único e ideal no serviço de acompanhante mediado pela Internet, então não há nenhum corpo estilizado que o trabalho corporal pode almejar. O objetivo é alcançar o capital corporal durante uma performance para maximizar o ganho de capital simbólico, que daí então se converte em capital econômico. Com o serviço de acompanhante mediado pela Internet, entretanto, o produtivo mosaico sexual mostra que não há corpo ideal que é venerado pela indústria. Ao invés, temos múltiplos corpos valorizados para cada mercado diferente. (2012, p. 151, tradução própria)⁶³

Se levarmos em consideração a noção de “produto” mobilizada por estes sujeitos, como o foi por João, existe essa relação de oferta e procura onde, em maior ou menor grau, existirá um fluxo em que transitarão desejos, fantasias dentro de um espaço possível para contrapartidas monetárias. Como mostrado na citação acima, a prostituição através de sites

⁶³No original: “In an activity like boxing, the efficient and lean body is the ideal body that all boxers aim for, whereas in escorting there are multiple ideal bodies. Some clients refer to themselves and are referred to as “size queens” preferring and seeking out men with “larger than average” penises. Each escort body can be valorized depending on what the client is looking for. There is no singular ideal body in Internet escorting, so there is no one stylized body that body work could aim toward. The goal is to peak with body capital during a performance to maximize attainment of symbolic capital, which then converts body capital into economic capital. With Internet escorting, however, the proliferating sexual mosaic means that there is no one ideal body that is honored across the industry. Instead, there are multiple valorized bodies for each different market” (Walby, 2012, p. 151).

online de acompanhantes é campo fértil para uma proliferação de tipos onde a promoção de corpo, enquanto produto, dita a relação entre o erotismo suscitado pelo anúncio e o sucesso de um indivíduo neste mercado.

Pesquisador: Você acha que existe algum tipo de competitividade entre você e outros acompanhantes?

Leo: Pra mim existe porque eu tenho insegurança comigo mesmo, então eu acho que se eu fosse uma pessoa que não se importasse... se eu tivesse 100% ok com o meu corpo e 100% ok com a minha imagem e me achasse demais... tivesse autoestima lá em cima, eu não teria concorrência. “Eu sou mais bonita e foda-se”. Só que tem caras que são mais gostosos, tem caras que são mais bonitos. Em contrapartida, eu sei que eu estou numa categoria, entendeu? Por exemplo, eu vejo que aqui na minha categoria talvez não haja uma concorrência, mas por exemplo na categoria Barbie, porra... Tipo, a rivalidade da categoria Twink com a categoria Barbie é enorme porque todo cliente quer ter uma Barbie. Então não é questão de ser uma rivalidade ou alguma coisa assim, mas é uma concorrência direta. (Entrevista realizada por *GoogleMeet*, 07 de novembro de 2022)

Por mais que Leo e Paulo façam usos dos sites de maneiras distintas, BoyToy e Garoto com Local respectivamente, ambos mantêm uma lógica parecida no que se refere às estratégias para diferenciação neste mercado. Em paralelo ao caráter secundário em que a realização dos programas pode vir a configurar na vida destes sujeitos, como é o caso de Leo, se localizar nesta categoria também infere uma desconsideração sobre os investimentos que se pode fazer com seu corpo. Ou seja, a categoria não exige uma interferência direta sobre sua corporalidade, com investimentos em academias e qualquer outro tipo de intensificador de ganho muscular como é comum na literatura e entre as “*Barbies*”.

Como podemos ver na experiência de Leo, os desejos por categorias também encontram uma ressonância em outros contextos que não os explicitamente marcados pela troca comercial que os sites veiculam, como foi o caso do aplicativo de relacionamento Grindr. É curioso notar que, por estes interlocutores se afirmarem homossexuais, com sociabilidades na cidade de Florianópolis marcadamente para estes sujeitos como baladas *gays* ou festas em que ocorrem shows de sexo interativo⁶⁴, assim como também pela inserção nos mercados afetivo-sexuais homossexuais, suas noções sobre beleza, corpo e autoestima são intensamente impactadas por hierarquias que dizem respeito a certos marcadores da diferença, que no caso de Leo e Paulo, marcadas pela cor de suas peles brancas, e pelos seus corpos.

⁶⁴A festa *Sodoma* é reconhecida na cidade, tendo Leo a frequentado. No período da minha estadia em Florianópolis, amigos residentes da cidade sempre comentaram comigo sobre a proeminência desta festa no meio homossexual.

Paulo: [...] na verdade eu gostaria de ter um corpo... tô buscando um corpo padrão, mas eu não... pro meu trabalho não conta tanto, não pesa tanto. “Ah vou ter um corpo porque meu trabalho exige”, não. Até porque as pessoas que correm atrás de, pelo menos pra mim né, na minha cabeça isso faz sentido: “Ah vou procurar um garoto acompanhante pra sair numa tarde”. Ele não vai atrás de corpo, então acho que a minha educação, a minha atenção e o meu conteúdo vale mais que meu corpo. (Entrevista realizada por *GoogleMeet*, 07 de novembro de 2022)

Apesar de Paulo retirar a obrigação de ter um corpo “*padrão*” ou malhado traçando um paralelo com os termos da relação que ele estabelece com os clientes, como “*acompanhante*” como visto nas páginas anteriores, acredito que justamente por acionarem esse lugar onde a idade e a aparência jovial tem forte expressão, ambos conseguem se beneficiar, ao taxarem seus encontros, de um lócus possível para o desejo onde conseguem manter certa proeminência.

A relação que estabelecem com seus corpos, nesse mercado em que a visibilidade de si mesmo enquanto “*produto*” que deve suscitar algo, é oscilante. Se existe a afirmação de que homens mais velhos ainda conseguem encontrar um espaço nas economias do desejo na prostituição (Walby, 2012), a validade dos corpos jovens e a inclinação a continuar trabalhando neste mercado mesmo após anos, entram na equação e as preocupações com a estabilidade nos mercados do sexo começam a aparecer nos discursos dos interlocutores.

Entretanto, na esteira dessa discussão, conseguimos visualizar o espaço produtivo que os marcadores, principalmente o corpo, viabiliza dentro deste mercado. A partir daí volto a associar pontos nodais de discussão no campo da prostituição masculina. As interações possibilitadas pelo encontro de “*categorias*” e clientes me ajudam a pensar diversas questões. Principalmente àquelas referentes a noções de gênero e sexualidade produzidas e compartilhadas pelos interlocutores neste universo. Percepções dos acompanhantes de si, dos seus marcadores, das suas sexualidades e dos seus desejos, serão trabalhadas ao nível de entendermos mais a fundo suas experiências com o trabalho sexual e como elas se aproximam, ou se afastam, de outras neste campo de estudos.

4.1.3. “Já tomou, agora é minha vez de tomar”: dos prazeres, desejos e negociações

Ainda assim, com os clientes que conseguem estabelecer algum tipo de relação, conseguimos traçar alguns paralelos com temas comuns à literatura da prostituição masculina. O lugar do desejo, da satisfação sexual, neste negócio, está muito ligado a

questões que visam problematizar a pergunta sobre a orientação sexual dos envolvidos nestes acordos. A pergunta “o michê é gay ou não?” desenrola discussões interessantes neste campo. Hamann et al. (2020) aporta essa questões criticamente, afirmando que

As vivências que no dia a dia se expressam em múltiplas formas, cores e sons por vezes são tomadas em leituras genéricas e categóricas no campo teórico. Ao estudar prostituição, a tensão entre a produção de singularidades e o risco possível de reiterar planificações identitárias é um aspecto de importante análise. A visão da prostituição como fazer per se precário, as noções reducionistas de saúde, tanto quanto as leituras higienistas de formas de viver os sexos e as sexualidades compõem parte considerável desse quadro e nos desafiam à discussão da construção de singularidades em sua positividade, para além da conformação de subjetividades sob a égide de identidades estagnadas (*Ibid.*, p. 70)

Nesta esteira, Barreto (2017), em seu campo em uma sauna carioca, afirma que à questão não se dá muita importância pelos seus interlocutores. Concordo com estas posições. A busca pela identidade homossexual, em partes, pode mesmo recair em um reducionismo que ata práticas homoafetivas em identidades estabelecidas simbolicamente e politicamente, além de cegar o pesquisador às nuances que são típicas desse campo de estudos. Entretanto, entre práticas homoafetivas, entre o “dar” e o “comer”, se enveredam questões importantes para o entendimento atual das relações que são possibilitadas por este mercado e são cruciais para o exercício mesmo do trabalho sexual.

Suponho que a homossexualidade afirmada enquanto identidade, pelos três interlocutores com quem dialogo nesse capítulo, também carrega um peso para as interações aí engatadas. Partir de outro lugar, que não o do escamoteamento do trabalho e do desejo das relações, me parece ser necessário.

Neste universo rico do “cardápio” é frequente a afirmação em anúncios de sites de acompanhantes um *continuum* marcado pela extensão das práticas produzidas pelos garotos, sendo o estilo “namoradinho” uma possibilidade. Geralmente, esta prática está em contraponto à outra interação que é marcada pela agressividade e virilidade proposta pelo acompanhante. Usualmente são colocadas em dicotomias como “Do estilo safado a namoradinho” ou “Posso ser seu Príncipe ou ser selvagem na cama (ou os dois)⁶⁵”. Essa relação, que é entendida pela marca afetuosa do contato entre cliente e acompanhante, encontra eco em noções de gênero e sexualidade em que a feminilidade e masculinidade, roteirizadas a partir da dicotomia entre “dar” e “comer”, vai ser sustentada pela dinamização

⁶⁵ Excertos retirados de anúncios veiculados na cidade de Florianópolis, no site Garoto com Local.

possível entre essas duas atividades sexuais que tem seu cerne no ato da penetração. A partir daí se espriam possibilidades e distanciamentos que são caras neste mercado.

A interdição do “halo da sordidez” (Perlongher, 1987, p. 219) parece ser dinamizado, atualmente, por diferentes simbolismos eróticos homossexuais. No caso do campo de Néstor Perlongher, na década de 1980, já existia uma transformação em andamento nas relações sexuais-comerciais entre clientes e garotos. Por mais que a análise do autor foque na “virilidade”, também estava presente uma emergência, que o autor atribuía aos movimentos gays da época:

O que se percebe é também uma crescente legitimação da “michetagem” entre setores mais largos da juventude, que tem a ver com a expansão geral da tolerância relativa da homossexualidade. Na medida em que esse tabu tende a atenuar seu rigor, o interesse pela prática homossexual- relaxadas as antigas barreiras de segregação generalizada- se estende entre os rapazes. Nesse caso a existência de um mercado de prostituição que privilegia os mais jovens se conecta com necessidades materiais concretas dos rapazes, geralmente desprovidos de meios de subsistência autônomos. A prostituição revela-se assim como uma espécie de rito de passagem ou de iniciação sexual dos adolescentes, que atende não somente a suas carências sexuais, mas também econômicas. Desejo e interesse parecem marchar juntos. (*Ibid.*, p. 106)

Se a escamoteação do trabalho e das relações sexuais efetuadas com clientes homens aparenta ser necessária, no campo de Perlongher e também em campos recentes (Barreto, 2017; Leticia Barreto, Cibele Silveira e Miriam Grossi, 2012), aqui parece que a ordem das relações tomam uma guinada, não somente na entrada de jovens homossexuais nos mercados do sexo, mas também nas maneiras com que essas relações tomam forma.

Entre os possíveis clientes interessados a essa parcela de indivíduos que se anunciam denotando sua idade, “*novinhos*”, existe também uma reconfiguração, ao menos em termos enunciativos, das dinâmicas afetivo-sexuais que parecem tomar forma nestes mercados. As reflexões de Peter Fry (1982) evidenciam uma emergência de uma identidade homossexual que estaria desvinculada das posições sexuais em uma relação homossexual. Enquanto a crescente assunção positiva da identidade do homossexual ganhava força em camadas de classes médias urbanas, as relações entre homossexuais então estariam passando por um processo de ressignificação simbólica em que a generificação das posições sexuais, ativo-masculino e passivo-feminino, é solapada pela acomodação da identidade homossexual no modelo gay-gay. A passividade então não se suporia tão negativa nesse modelo e a feminilização do sujeito passivo é riscada pela assunção da identidade gay.

Nos mercados sexuais masculinos, essa política da interdição ainda apresenta a passividade tendo seu caráter dúbio. Nos modelos de masculinidade que encontram vazão nos

mercados do sexo online, pode ser difícil prescindir uma predominância de um ou outro modelo. Como apontado, realizar “*os dois*” tipos de interação inscreve uma abrangência da versatilidade nos programas. Enquanto a negação da passividade ao nível do discurso, no campo de Perlongher, era escrutinada entre os michês de rua, aqui me parece que existe um relaxamento dessas expectativas. Não quero dizer que a expressão viril, e somente ativa, não tenha seu lugar nesses mercados e não seja enunciada. Ainda tem e se faz presente, como denotou um interlocutor de pesquisas anteriores. Entretanto, e como venho tentando argumentar, a multiplicidade de lugares simbólicos onde o erotismo e o desejo encontram fluxo possibilita uma diversificação do que se oferece, e acredito que os interlocutores desta pesquisa dão novos contornos às interações entre acompanhantes e clientes. A acusação da passividade ainda pode ser vista, como mostra o comentário abaixo retirado do site Garoto com Local, mas o foco excessivo na “virilidade” esconde que existem outros arranjos que são possibilitados pela inserção cada vez maior de diferentes sujeitos na prostituição.

Comentário

Estive com ele hoje. Comprovo e atesto que José⁶⁶ é macho de verdade. Cem por cento ativo. A quem disse que José faz passivo: são mentirosos e querem manchar sua imagem de ativo”.

O desejo pelo heterossexual fortemente atrelado ao fenômeno sobre prostituição masculina são dinamizados se pensamos que agora a homossexualidade enquanto identidade está bem amparada e disseminada pelo senso comum, mídia e mercado (Connell, 2005). Em comparação a uma masculinidade hegemônica, aqui entendida em seus termos performativos exemplificados em exacerbações como “*macho de verdade*”, alguns dos interlocutores dessa pesquisa não apresentam uma vontade, ou necessidade exigida pelo trabalho, em dinamizar uma relação onde a busca do cliente pelo viril dita os trâmites do contrato.

Pesquisador: É, você disse bem assim... você me trouxe uma cena que eu fiquei me perguntando se isso aconteceu com você. “Ah, se um coroa tá no carro com um Twink as pessoas acham que o twink tá dando para o coroa, mas é ao contrário”. Me explica mais sobre esse comentário.

Leo: [...] o cara mais forte é o cara que trabalha e o cara mais magrinho mais fofinho é o cara que é a mulherzinha da relação. É aquela questão de tipo, quem é o homem e a mulher da relação, entendeu? Porque quase sempre quando saio com o cara mais velho, o cara que é mais forte ou alguma coisa assim, mais encorpado, é certo que todo mundo vai pensar que eu tô dando para ele, entendeu? Por causa da minha categoria. É isso. Talvez se eu fosse Barbie, se fosse Bear, não conseguiria nem os mesmos clientes... (Entrevista realizada por *GoogleMeet*, 07 de novembro de 2022)

⁶⁶ Nome fictício.

Sempre consciente de sua “*categoria*”, é possível vermos como Leo também se localiza paralelo a outros tipos possíveis, “*se fosse barbie, se fosse bear, não conseguiria nem os mesmos clientes*”. Paralelo à experiência de Leo, Hugo também evoca suas experiências localizadas nestas dicotomias ativo/passivo que tomam forma nesse campo. A posição versátil parece, então, localizar esses interlocutores nesses meandros de negociação de desejos e prazeres que ora passeiam pela busca do cliente pelo “*macho*”, ora pela imposição do prazer do acompanhante como um fim desejado do encontro. Na experiência abaixo compartilhada por Hugo enxergamos outras negociações.

Pesquisador: Mas vendo aqui o seu anúncio agora, você botou um textinho né. O que você pensou quando botou esse textinho aqui?⁶⁷

Hugo: Olha, na hora... Nem sei explicar. Eu pretendo mudar esse texto aí. Não que esteja me atrapalhando, porque não está. Porque, vamos dizer, elas gostam disso, né? Os clientes gostam disso. Falar que você é um putão, que quer comer, que vai fazer acontecer, elas gostam disso.

Pesquisador: Entendi... e sobre isso. Você acha que você precisou se adaptar a algum tipo de expectativa por parte dos clientes?

Hugo: Então, eu nunca tive, nunca fui, assim, de botar roupa... Eu sempre tive voz muito fina, eu sempre fui muito afeminado. Não quero dizer pra você que fiquei “ó um machão”, mas a gente tenta ficar o mais duro possível.

Pesquisador: Nunca deu um deslize, assim...

Hugo: Não, já teve, já teve... com certeza, já teve. Já tive cliente que chega na hora da gente ser ativo e eu mudar a versão toda. “Ow calma aí, é a minha vez, já tomou, agora é minha vez de tomar”, entendeu, é assim [risos].

Pesquisador: Entendi [risos]. E com o cliente isso não gera algum tipo de confusão...

Hugo: Não, não... tem cliente que é de boa, mas tem cliente também que é só passivo, tem cliente que só gosta de passivo, e a gente é só ativo. Tem cliente que é versátil, que gosta dos dois. Não é necessariamente: eu vou só pra ser ativo, só pra ser passivo. (Entrevista realizada por *GoogleMeet*, 04 de novembro de 2022)

Enquanto a escamoteação da rotulação do prostituto enquanto homossexual é imperante em algumas discussões nesse campo, aqui também a homossexualidade entra em questão, mas a partir de outros termos. O comedimento de Hugo, tentando “*ficar o mais duro possível*”, devido ao fato de ser “*muito afeminado*”, exemplificam uma via de mão dupla onde o ato sexual, visualizado a partir de certas noções sobre gênero e sexualidade, se localiza em uma dinâmica que mobiliza expectativas que recorrem a noções hegemônicas de uma masculinidade sexualmente ativa. Não esquecendo que Hugo também evoca outros lugares sociais, pois é “*pardo*” e carioca.

⁶⁷ Em partes, o texto elaborado por Hugo em seu anúncio dizia o seguinte: “*Carioca, novinho, moreno, tatuado. Atendo passivos e ativos, não tenho preferência de idade, desde que me paguem. Com muita sede de fuder um cuzinho. Sou um homem tranquilo, sem frescura. Consigo trocar uma ideia, dividir uma cerveja. Estou doído pra te encher de leite. Vem fuder*”

Já no caso de Leo, parece existir uma expectativa com relação ao nicho que este interlocutor ocupa na economia do desejo da prostituição masculina. Seus paralelos, acompanhados de categorias referenciais da pornografia gay, como os “*bears*”, são sintomáticos de como as articulações de marcadores sociais da diferença dinamizam e orientam os encontros afetivo-sexuais possibilitados pelo trabalho sexual. Quem procura quem? A partir de qual referencial? Onde se localiza o desejo do acompanhante nesta miríade de corpos, afetos e categorizações?

Acredito que essas experiências dos interlocutores nos fazem chegar a pontos interessantes neste campo de estudos. A desobstrução da escolha da prostituição, assim como outras atividades dos mercados do sexo, como uma vocação ou habilidade devido aos prazeres obtidos, e não negados, do trabalho sexual se entremeia com o alargamento das possibilidades de acesso a esses trabalhos. Tais trabalhos são intensificados a partir da expansão de contextos online, bem como contempladas como escolhas individuais que seguem um argumento que preza pelo dinheiro, bem como pela “*desenvoltura*” que Tales denotou, como visto no capítulo anterior.

Quando perguntado se se considera um profissional, Paulo me disse que “*apenas como passivo, sim*”, e se já precisou se adaptar a algum tipo de expectativa do cliente, com referência às possibilidades das relações sexuais, me disse que nunca atendeu alguém que já o confrontou por “*ser muito afeminado*” ou que o interpelou dizendo “*pelos fotos te achei mais macho*”. Como afirmou, já deixa de antemão estabelecido com os clientes as posições sexuais que são realizadas por ele nos encontros. Se o cliente for muito velho, seu “*pau não sobe*”.

Aqui, as fronteiras que Paulo constrói não dizem respeito a uma recusa da inserção no ato sexual para com o cliente porque marcada por uma tensão entre o desejo e sua recusa pois denunciaria uma identidade homossexual. Para ser ativo, acredita que dependeria muito da excitação que sente para com o tipo de cliente que está atendendo.

Pesquisador: Entendi. Tem algum tipo de envolvimento afetivo, carinho com o cliente?

Paulo: Só se for os bonitão, se for velho, não. Eles são carentes. E nossa, eles ficam grudados nas uma hora que eles pagam. Tem que ficar lá se fazendo: “*ai saudades também. Que bom que você veio... Adoro seu dinheiro haha*”.

Pesquisador: Entendi. E o desejo, tesão...

Paulo: Ah, em gente bonita. Se for gente bonita, malhada e com dinheiro... Aí sim. Tem gente que é linda, maravilhosa e vem aqui “*Ai eu sou bonito, então faz...*” querido, não é por que você é bonito que eu vou baixar o valor. Você vai realmente me ajudar a te atender porque você é lindo, maravilhoso, mas eu não vou baixar meu preço porque você é bonitão. Eu também sou. (Entrevista realizada por *GoogleMeet*, 07 de novembro de 2022)

Se o desejo pode ser questionado entre os michês na literatura sobre prostituição masculina, aqui ele também o é, mas me parece que a partir de outras regras. Nessas relações, aparenta existir uma balança que pende entre as lógicas desejantes entre as partes envolvidas na interação. Neste caso, a experiência de Paulo neste mercado é influenciada pelo seu desejo homossexual por homens que corresponde às suas próprias atrações, a quem acha bonito, e isso também influencia na precificação do serviço: *“Depende. Eu olho muito pro perfil. Se a pessoa é velha... eu não gosto muito de atender os velhos... Depende, se tiver muito dinheiro, eu gosto, mas se é uma pessoa... não “normal”, mas se é nova, é 300, 350, 400 reais”*.

No caso de Paulo, ao ser apenas passivo, os preços também variam de acordo com as características dos clientes. A conta gira em torno do quanto consegue satisfazer mais clientes sendo passivo, e a partir daí é gerada toda uma lógica de preparo e também de descanso posterior.

Aí tem gente que chega aqui, tá limpinho, cheirosinho, aí quando vê é um pau enorme, capaz... depois de te atender eu vou ficar um tempo sem atender, sentado. Aí por isso eu cobro mais. Se for muito grande eu não vou atender o valor de um pau pequeno sendo que eu não vou conseguir dar pra outra pessoa. (Entrevista realizada por *GoogleMeet*, 07 de novembro de 2022.)

A relação dos interlocutores dessa pesquisa com os clientes pode ser vista como matizada por posições em que o desejo e o dinheiro criam uma lógica interessante de ser esmiuçada se levarmos em consideração que os marcadores sociais da diferença, de ambas as partes, entram em um jogo de prazer e a excitação. Como abaixo são dispostas por Leo, suas escolhas são realocadas a uma outra instância, guiada por estratégias pessoais, que ditam uma busca orientada por certas regras.

Pesquisador: Entendi, você falou que no aplicativo quando você tava selecionando você dizia "Ah quem eu quero". Como é essa seleção?

Leo: Então, é... pelo fetiche e pelo momento. Fim de mês é sempre complicado, então eu vou mais certo no que eu preciso, entendeu? E aí tipo quando eu tô mais de boa financeiramente eu vou ali nos meus prazeres. E é isso. E aí também é fetiche, então, por exemplo, eu tenho fetiche em coroa e eu tenho fetiche em Chubby. Então ao mesmo tempo que isso atrai isso também afasta. Só que o público que atraio é um público carente, necessitado, então... Desculpa dizer isso, mas é quase sempre uma galera mais desesperada. E aí como eu falei eu aproveito da brecha para conseguir o que eu quero. (Entrevista realizada por *GoogleMeet*, 07 de novembro de 2022)

O caso de Leo é interessante para pensarmos como a inserção nos mercados do sexo pode ser guiada, paralela a uma busca por uma complementação financeira, por uma bússola do desejo em que a consciência que o sujeito tem de si mesmo e de seus apelos orienta não

somente suas estratégias, mas também toda uma economia libidinal onde a atração e o fetiche organizam os termos das relações que são estabelecidas entre estes interlocutores e os clientes.

Leo: [...] mas eu sei que eu sou um padrão de fetiche para um certo nicho assim, digamos. Então existe um monte de pessoas que têm fetiche na categoria twink. E tem fetiche em loiro de olho azul de não ter pêlos pretos. Então eu tô no Grindr, muita gente me chama. Se você entrar no Grindr, agora no meu perfil são várias pessoas ali que olharam meu perfil, Muitos e muitos *taps*⁶⁸ e muitos, muitos ‘ois’. E aí eu vou categorizando. Hoje em dia eu já sei o que eu quero. Então já sei quem selecionar e eu já sei como chegar, já sei como propor desde do que eu preciso até o que a pessoa precisa. Por exemplo, tipo tinha um cara que queria muito sair comigo muito, muito mesmo. Aí eu tava enrolando ele, aí eu peguei e falei: ‘Olha, hoje eu não posso, mas tudo é negociável’ Aí tipo ele falou “Aí como assim?” Eu peguei falei: “O que que você acha de R\$ 300?” Aí ele quis, aí tipo assim tem a proposta, mas não é todo mundo que eu posso fazer isso. Porque por exemplo, gente muito nova não tem dinheiro pra me dar 300 reais, porque é... Ta, as vezes eu não sou tudo isso também, eu não posso me achar o gostosão porque eu sei que eu não sou tudo isso. Eu tenho os meus complexos, com meu corpo e comigo mesmo e então tipo eu vou em alvo certos assim, sabe. Aquilo que eu falei, pelos fetiches. (Entrevista realizada por *GoogleMeet*, 07 de novembro de 2022)

Se compararmos às experiências de Paulo, Leo se coloca em uma posição ambígua onde a consciência do dinamismo nas economias libidinais da prostituição é marcada por questões pessoais de autoestima, mas também em uma certeza de que existe uma vazão neste mercado pois articulando sua corporalidade, cor e idade, tensiona desejos situados em contraposição a outros sujeitos também nestes meandros. Ao se anunciar como “Twink” no site BoyToy, Leo se destaca de outros acompanhantes pois justamente ao utilizar de uma categoria fortemente veiculada em produções pornográficas reconhece que atinge um desejo específico, um “*nicho*”.

Pesquisador: Entendi. E quem foram seus clientes lá em Curitiba?

Paulo: Tipo, no que eles trabalham?

Pesquisador: Tipo o perfil deles

Paulo: Ai, casado. O que mais tem é casado. Os fiéis, de família de bem. Nossa, eu fiquei muito bravo com eles.

Pesquisador: Os *patriotas*? Você já pegou um *bolsonarista*?

Paulo: Bolsonarista? Se eu não contar com todos, acho que todos. Todos são casados, todos são família de bem, que tem filho, que tem mulher... “Ah vou ali no mercado e...” Nossa, tem um cliente fixo que ele vem aqui e fala pra mulher dele: “Amor, vou ali malhar”. Aí ele vem aqui, aí depois ele vai pra academia. Aí o que eu acho ridículo é eles ficarem postando no *Facebook* ou no *Instagram* “ai é pela família”. O que eu acho ridículo é isso. Aí eles ficam lá fechando as estradas... (Entrevista realizada por *GoogleMeet*, 07 de novembro de 2022).

⁶⁸Interação possibilitada pelo aplicativo onde, ao visualizar o perfil do usuário disponível, é possível “dar um tap”, fazendo com que tal perfil seja notificado do interesse de quem realizou a ação.

As relações que Paulo enseja com seus clientes são dinamizadas a partir de posições em que cada sujeito da interação ocupa. Quando Paulo afirma, por exemplo, que seus clientes variam entre os “*velhos da lancha*” e os “*bonitões casados*”, está localizando lugares de poder e privilégio característicos de homens que precisam estabelecer relações de prazer e afeto nas fronteiras de suas relações pessoais/familiares.

Um dos aspectos cruciais da prostituição veiculada online, a partir de sites de acompanhantes, aplicativos de relacionamento e salas de bate papo é a possibilidade do negócio ser realizado de maneira individual e discreta (Miskolci, 2014). A “discrição” atualiza uma modalidade de relação que me parece ser a imperativa na experiência dos interlocutores desta pesquisa. Claramente o sexo pago ainda sofre estigmatização (Gayle Rubin, 2019), independente de quais sujeitos que possam, nessa relação, estar envolvidos, causando uma recorrente necessidade de realizá-lo escondido. E paralelo a isso, a partir do “*nicho*” que estes jovens se anunciam, é desenrolada toda uma matemática onde o desejo, ou a repulsa, correm em uma via de mão dupla.

O interessante é perceber que Paulo, se apresentando com uma “*jovialidade*” segundo ele dificilmente encontrada em outros acompanhantes, muitas vezes mobiliza desejos e fantasias dos clientes que ensinam, para além da busca de uma relação que não esteja presa aos seus matrimônios heterossexuais, interações marcadas por afetos.

Entretanto, pelo menos nas concepções deste interlocutor, tais interações são localizadas puramente em uma relação comercial. Ou seja, são marcadas por um tipo de “romance” que, ao localizarmos as duas posições da relação, subscrevem uma dinamicidade em que a idade de Paulo, assim como a de maioria de seus clientes, tem um papel crucial para o tipo de contato que se constitui nesses encontros.

Pesquisador: Tem algum limite entre as relações que você estabelece com clientes pra namorados, algum cliente que já virou namorado...

Paulo: Eu separo muito bem. É trabalho. Pelo menos na minha cabeça é trabalho. Você vem aqui, se você quiser que eu finja que sou esposo por 1 hora eu finjo. Depois, acabou, meu amor. Vai embora. “Ah quero mais”, então paga. Quer que eu te chame de amor, que eu te amo? Eu falo: “Você é o amor da minha vida. Meu namoradinho”. Acabou uma hora, beijo. (Entrevista realizada por *GoogleMeet*, 07 de novembro de 2022.)

Essas relações, de “*namoradinho*”, acredito, são possibilitadas pois Paulo atribui a si mesmo, ou ao menos quando realiza seu trabalho, esse caráter afetuoso, de aparente cuidado para com os clientes. Neste meio, as relações de afeto entram em uma dinâmica que expande a discussão e abrange as variadas formas de contato e interações afetivo-sexuais

possibilitadas pela inserção nos mercados do sexo. O afeto, o amor, as relações de carinho e cuidado, são produtos cruciais das relações estabelecidas com clientes nestes mercados.

Por mais que no caso dos interlocutores, aqui inseridos em relações marcadas pelas inserções em sites de acompanhante e tingidas pelo caráter “profissional” da relação, marcadas pela separação entre vida pessoal e profissional, é imprescindível entendermos que, nestas aproximações entre corpos, negociadas a partir da veiculação do toque, atenção e sexo, as fronteiras que se estabelecem entre as relações com clientes são porosas.

Adriana Piscitelli (2011) esclarece bem estas fronteiras de relações que se diluem quando se leva em consideração as distintas modalidades de prostituição produzidas com o avançar do tempo e com a expansão das áreas de atuação, e com a diversificação dos perfis das/dos profissionais do sexo atualmente. Apesar da autora tratar de relações entre mulheres de camadas populares e clientes “velhos ricos” oriundos de países do norte global, que geralmente são marcadas por noções que envolvem a urgência financeira e a falta de escolha frente ao marco do turismo sexual e transnacionalização dos mercados do sexo, podemos enxergar que a miríade de relações que são atravessadas pelo imperativo do dinheiro não seguem um fluxo direto entre sexo e dinheiro marcada pelas interações sexuais imediatas, ou as relações “*fast fuck*”⁶⁹, como Leo colocou em nossa entrevista.

Noções como “*ajuda*” são intensificadas em um campo maior de interações em que as relações afetivo-sexuais são espriadas a outros domínios da vida dos indivíduos envolvidos nestes contatos. A separação que comumente se faz de intercâmbios sexuais e monetários entre ajuda e prostituição (Passamani, 2017) diz respeito à diluição de fronteiras que vem a estabelecer modalidades de trocas comerciais entre sujeitos que estão envolvidos em relações, geralmente, com sujeitos mais velhos.

No caso dos três interlocutores aqui destacados, todos afirmaram manter pelo menos algum contato de um cliente que, não raramente, enviam quantias de dinheiro. Como afirma Hugo:

Pesquisador: Entendi. Tem envolvimento afetivo, carinho com os clientes?

Hugo: Eu já tive, eu já tive... eu conheci um cara que a gente até hoje... ele tem cinquenta e cinco anos. Eu o conheci quando ele tinha quarenta e sete. A gente fica até hoje, a gente se fala, a gente sai. Esse é o meu cliente mais longo mesmo. Esse daí foi o que me ajudou muito na minha vida. Me ajuda até hoje com tudo. Se eu falar pra ele “ó, tô precisando de tanto pra ontem”, ele não pensa nem duas vezes. Ele “só espera que eu vou te mandar” e manda. (Entrevista realizada por Google Meet, 04 de novembro de 2022)

⁶⁹ Em tradução livre, “foda rápida”.

Outro ponto interessante a destacar é como, nas palavras de Paulo, a “*carência*” dos “*velhos*” inscrevem essas relações em uma interação que deve ser marcada por um romantismo e afetuosidade que, para ele, é tingida como uma encenação, como é visível também no campo de Gregory Mitchell (2011, p. 50). Essas relações são inscritas na miríade que também faz parte dos roteiros apresentados pelos indivíduos inseridos na prostituição.

Hugo: Ah, as pessoas que contratam um garoto de programa, a maioria delas, são muito carentes. Eles gostam muito de atenção, de carinho, e além de sexo têm pessoas que gostam de conversar, de sair. Foi o que te falei, têm algumas pessoas que levam a gente pra aniversário de família, encontro com a mãe, almoço, jantar com a mãe, com a família. Aí às vezes a gente tem que fazer um papel que a gente não quer fazer. Então acho que além de sexo, cara... é sobre a gente trazer felicidade pra vida das pessoas. Assim, para não se sentirem sozinhos, uma conversa, entendeu.

Pesquisador: Qual é o perfil dos seus clientes? Idade, cor, classe, escolaridade...

Hugo: A gente atende muito pra Zona Norte aqui do Rio, que é um pessoal com poder aquisitivo menor, então é assim, são umas pessoas com idade mais de quarenta e poucos anos, cinquenta, as pessoas nessa idade assim, quarenta e cinco, trinta e poucos anos. Na Zona Sul do Rio você até consegue atender pessoas mais novas de vinte e poucos anos... já em São Paulo é mais... Sabe aquele cara, estilo meio pai? Quarenta e dois anos, trinta e nove... Em São Paulo eles são todos assim. Todos, todos! E são um melhor que o outro, tá?

Pesquisador: Em qual sentido?

Hugo: Em tudo. Tem homem que trata a gente parecendo que a gente é mulher dele. Tô falando sério. Tratam a gente com maior carinho, maior amor. (Entrevista realizada por Google Meet, 04 de novembro de 2022)

O espaço que as relações afetivas ocupam, paralelo às considerações realizadas anteriormente sobre as experiências produzidas e localizadas sob a marca do “acompanhamento”, parece ser mobilizado a partir de certas atribuições dadas não somente aos acompanhantes, mas também aos clientes. O “*estilo meio pai*” destacado por Hugo quanto às relações estabelecidas com clientes de São Paulo também compete com outros atributos mobilizados por Paulo e Leo.

Neste sentido, me parece que as relações possibilitadas pelo serviço de acompanhante são matizadas a partir de diferentes fatores de diferenciação. A idade, o corpo, a cor, as expressões de gênero e sexuais, masculinizadas ou feminizadas (Fry, 1982), interferem na concepção que os acompanhantes têm de si e dos clientes. Nesta miríade de categorias, produzidas a esmo desde o campo de Perlongher como visto, as possibilidades de interação são múltiplas e carregam distintos significados.

Refletindo a partir dos interlocutores selecionados a partir dos sites de acompanhantes, o trabalho sexual mediado online mobiliza, à sua maneira, marcadores

sociais que condicionam a experiência que estes sujeitos têm dentro dos mercados do sexo. Se pensarmos que as relações afetivo-sexuais entre acompanhantes e clientes são afetadas pelo, como foi denominado por Leo assim também como pela bibliografia (Walby, 2012), de “*nicho*”, então é nessa produção mesma de diferença, e na sua conseqüente monetarização, que parte dos esforços de análise devem se concentrar. Mobilizando discussões, é claro, que façam o esforço de se atentar aos processos de desigualdade deste fenômeno, bem como às distintas brechas para agência destes sujeitos (Ortner, 2007).

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao longo desse texto dissertativo procurei desenvolver uma análise que desse conta das transformações que impactaram o exercício do trabalho sexual exercido por homens. Partindo do diálogo com a literatura e das experiências dos interlocutores, percorri pontos específicos de discussão que se mostraram salientes a partir das observações online, em sites de acompanhantes e redes sociais, e das entrevistas.

O que destacou-se, a partir da intersecção possível entre o trabalho sexual e o agenciamento de mediadores online, foram as estratégias utilizadas para o manuseio de distintas ferramentas online para a inserção nos mercados do sexo. Tratando-se especificamente de sujeitos que foram contatados a partir de sites de acompanhantes, estas inserções apresentam certas características em comum que podem ser localizadas nas aproximações inicialmente esparsas à possibilidade de cobrança de certos serviços sexuais, com a posterior organização pessoal ao redor de uma dedicação exclusiva ao trabalho sexual. E entre estas possibilidades, as ferramentas digitais apresentam, cada vez mais, seus apelos para o agenciamento de certas atividades.

O que categorizo como experimentações diz respeito a esse caráter transitório em que se pode experienciar o trabalho sexual, em especial o serviço de acompanhante. Desde usos iniciais de aplicativos de relacionamentos, anúncios de sites de acompanhantes e a possibilidade de exposição online a partir da produção de conteúdo erótico online, o uso de certos mediadores online explicitam um espraiamento das possibilidades de inserção. Claramente outros fatores interferem nestas escolhas. O espaço que o trabalho sexual pode vir a ocupar na vida dos indivíduos aqui retratados é condicionado por inclinações subjetivas que mobilizam características pessoais, como marcadores sociais da diferença. Isto é, o desejo (homo)sexual e a classe, por exemplo, foram condições salientadas pelos interlocutores.

Neste íterim, um dos comportamentos que pude etnografar dentre as experiências nos mercados do sexo, atados às inclinações subjetivas que acima destaquei, foram as necessidades de diferenciações que mobilizam subjetividades e reivindicações, como a que abre essa dissertação. São as fronteiras porosas entre atividades dos mercados do sexo e o manuseio de moralidades que parecem dar o tom de aproximações contemporâneas aos mercados do sexo, e a popularidade de algumas atividades, como a prática de *webcamming*, em detrimento de outras como a prostituição, produzem o que classifico como diferenciações.

Diferenciações que estimulam todo um aparato de distanciamento/aproximação entre atividades dos mercados, bem como entre os mesmos indivíduos inseridos em cada uma

destas. Dos limites entre atividades e entre os acompanhantes, encontramos uma convergência do discurso de alguns que destacam a possibilidade de “*escolher*” seus clientes, bem como de seus posicionamentos em certas categorias, como o “*luxo*”. Como vimos, também, estes mesmos parâmetros no serviço de acompanhante se apresentam como ideais a serem alcançados, ou mobilizados para si em discursos, que interferem nos processos de inserção e de (im)permanências que respeitam a estes atributos distintivos.

Como um estruturador dúbio de experiências, o signo distintivo do “*luxo*”, dos “*acompanhantes premium*” como colocou Paulo, espelha também uma transformação que desloca um olhar vitimizante às pessoas inseridas nos mercados do sexo, para além de referenciais de posições hierárquicas entre quem está inserido nestes mercados, destacando-se a presença de sujeitos de classe média que se inclinam ao trabalho sexual como possibilidade em suas vidas. E, olhando as particularidades dos objetos desta pesquisa, a escamoteação clássica do trabalho, comumente atrelado ao estigma do trabalho sexual bem como da denúncia de uma identidade homossexual, reatualizam, ao meu ver, os contornos que costumeiramente são dados às experiências de homens nestes mercados, principalmente a prostituição.

Acredito que também na esteira destas transformações contemporâneas do trabalho sexual, a produção de conteúdo erótico online, dado o seu caráter recente, pode ser considerada como um exemplo das reconfigurações nas quais as atividades dos mercados do sexo sofreram. Agrupados no que Tom definiu como “*geração covid*”, percebo que, a partir de minhas inserções etnográficas em certos ambientes digitais, como a rede social Instagram, são salientes comportamentos de jovens que, atraídos pelos ganhos monetários propiciados por plataformas de produção erótica, como Onlyfans, atrelado ao gosto pelo “*exibicionismo*” online, levantam novas questões quanto às mobilizações recentes do trabalho sexual. Lembrando, também, que a essa altura, novas fronteiras são criadas e outros distanciamentos são produzidos.

Busquei aprofundar questões que, vinculadas também aos desejos eróticos nas interações afetivo-sexuais de acompanhantes com clientes, organizam um âmbito a parte de discussões que, ligadas ao conceito de tensores libidinais de Perlongher (1987) e de categorias propiciadas pelo online (Walby, 2012), procuram afastar pré-concepções reproduzidas por parte da literatura que trata da prostituição masculina. Os marcadores sociais entram, então, como referenciais para entendermos quais as noções de gênero e sexualidade são produzidas pelos acompanhantes e clientes.

O jogo entre masculinidades, em relação a marcadores como corporalidades e “raças”, cria um campo erótico onde a “*concorrência direta*”, como Leo definiu, entre acompanhantes gere lugares subjetivos e eróticos, resumindo-se na máxima do “*cardápio*”. Esse “*cardápio*” se mostra variado e o foco em categorias salientes, como o “*novinho*”, desenrolam certos critérios que interferem na busca, seleção e efetivação do negócio com os clientes. O estabelecimento dos “*nichos*”, então, é sintomático das experiências de meus interlocutores, sendo as alteridades complexas organizadoras de referenciais de masculinidades e de articulação de marcadores sociais, embaralhando, enfim, o campo do desejo no comércio sexual entre homens.

Espero que esta dissertação se localize entre tantos outros trabalhos que estabeleceram questões cruciais para o entendimento do fenômeno dos mercados do sexo. Minha tentativa, além de ser guiada por indagações próprias sobre debates que percorrem a bibliografia sobre esses temas, foi a de explorar as possibilidades que a inserção nos mercados do sexo propiciam aos sujeitos que dela decidem fazer parte. Suas movimentações declaram o aspecto positivo em que o trabalho sexual vem a proporcionar. Etnografar suas experiências e estratégias pode vir a servir como contraponto, sem necessariamente anulá-los, a trabalhos anteriores, assim como minhas próprias suposições também se apresentam expostas para discussão. Ao fim, vejo meus esforços como tentativas de articulação de discussões que foram produzidas com a ajuda do método etnográfico e que podem enriquecer o debate acadêmico e político sobre este fenômeno que mobiliza diversas esferas da vida social.

REFERÊNCIAS

AGUSTÍN, Laura. La industria del sexo, los migrantes y la familia europea”. **Cadernos Pagu**, n.25, 2005, p. 107-128.

AKOTIRENE, Carla. **Interseccionalidade**. São Paulo: Polém, 2019.

ALAMAN, Jônatas. **Marcas da “brasilidade”**: negociações em torno de gênero, sexualidade e cor na Europa. Campo Grande, 2020. Monografia (Bacharelado em Ciências Sociais) - IFCH, Universidade Federal de Mato Grosso do Sul. Disponível em: <https://nenp.ufms.br/pagina-inicial/tcc/>. Acesso em: 21 ago. 2023.

ALAMAN, Jônatas; PASSAMANI, Guilherme. Marcas da ‘brasilidade’: negociações em torno de gênero, sexualidade e cor em Portugal. **Sexualidad, Salud y Sociedad**, 2021.

ALAMAN, Jônatas; PASSAMANI, Guilherme; ROSA, Marcelo Victor, Escorts brasileiros em um site português de acompanhantes: estratégias, tensionamentos e relações de poder. **Etnográfica**, v.26, n.3, 2022.

ATTWOOD, Feona. Sexed up: theorizing the sexualization of culture. **Sexualities**, v.9, n.1, 2006.

BARRETO, Victor. A “putaria” nas orgias: diferença e singularidade no corpo orgiástico. IN: **Anais do 38º Encontro Anual da ANPOCS**, Caxambu, 2014.

BARRETO, Victor. **Vamos fazer uma sacanagem gostosa?** Uma etnografia da prostituição masculina carioca. Eduff, 2017.

BARRETO, Victor. Os novos territórios da prostituição masculina. IN: OLIVEIRA, Thiago. **Homens nos mercados do sexo**: reflexões sobre agentes, espaços e políticas. 1.d. Salvador: Editora Devires, 2019, p.77-102.

BARRETO, Victor. DÍAZ-BENÍTEZ, Maria Elvira. Por uma antropologia do desejo e do prazer: notas para uma cartografia libidinal do social. **Cadernos Pagu**, v. 66, 2022.

BENTES, Anna. **Quase um tique**: economia da atenção, vigilância e espetáculo em uma rede social. Rio de Janeiro, Ed. UFRJ, 2021.

BERNSTEIN, Elizabeth. Sex Work for the middle classes. **Sexualities**, v.10, n.4, 2007, p.473-488.

BERNSTEIN, Elizabeth. O significado da compra: desejo, demanda e o comércio do sexo. **Cadernos Pagu**, n.31, 2008.

BONETTI, Alinne. Intrusas bem-vindas: um olhar sobre os cruzamentos entre gênero, relações de poder e sensibilidades na pesquisa etnográfica. IN: GROSSI, Miriam; SCHWADE, Elisete. **Política e cotidiano**: estudos antropológicos sobre o gênero, família e sexualidade. Blumenau: Nova Letra, 2006, p.17-46.

BONETTI, Alinne. Etnografia, gênero e poder: Antropologia Feminista em ação. **Mediações**, Londrina, v.14, n.2, 2009.

BONETTI, Alinne. Antropologia Feminista no Brasil? Reflexões e desafios de um campo ainda em construção. **Cuadernos de Antropología Social**, n.36, 2012, p.51-67.

BONOMI, Carolina. “**Mulher da Vida, É Preciso Falar**”: um estudo do movimento organizado de trabalhadoras sexuais. Campinas, 2019. 192f.. Dissertação (Mestrado em Ciência Política) - Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Unicamp.

BRAH, Avtar. Diferença, diversidade, diferenciação. **Cadernos Pagu**, v.26, 2006.

BRAZ, Camilo. Corpo a corpo - reflexões sobre uma etnografia imprópria. **Revista Ártemis**, v.7, 2007, p.128-144.

BRAZ, Camilo. “Mas agora confessa..” Notas sobre clubes de sexo masculinos. **Sexualidad, Salud y Sociedad**. m.4, 2010, p.127-156.

BUTLER, Judith. **Problemas de gênero**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2021.

CAMINHAS, Lorena. A midiaticização dos mercados do sexo e a configuração da experiência erótica mediada. **Galaxia**, n.37, 2018, p.162-174.

CAMINHAS, Lorena. *Camgirls* em face dos mercados do sexo. IN: CAMINHAS, Lorena. **Webcamming erótico comercial no contexto brasileiro**: organização, estruturação e dinâmicas internas. Campinas, 2020a. [s.n.]. Tese (Doutorado em Ciências Sociais) - Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Unicamp.

CAMINHAS, Lorena. Plataformas digitais e a reestruturação dos mercados erótico-sexuais brasileiros. IN: 44º Encontro Anual da ANPOCS, 2020b. **Trabalho apresentado no GT 40 – Sociedade e Vida Econômica**.

COLLING, Leandro. ARRUDA, Murilo; NONATO, Murillo. Perfechatividades de gênero: a contribuição das fechativas e afeminadas à teoria da performatividade de gênero. **Cadernos Pagu**, n.57, 2019.

CONNEL, Robert [Raewyn]. MESSERSCHMIDT, James. Masculinidade hegemônica: repensando o conceito. **Estudos Feministas**, v.21, n.1, 2013.

CRENSHAW, Kimberlé. Documento para o encontro de especialistas em aspectos da discriminação racial relativos ao gênero. **Estudos Feministas**, 2002, p.171-188.

DÍAZ-BENITEZ, Maria. **Nas redes do sexo**: bastidores e cenários do pornô brasileiro. Rio de Janeiro, 2009. Tese. (Doutorado em Antropologia Social) - Museu Nacional.

FERRARI, Wendell. As entrevistas: quinze narrativas de jovens gays do Rio de Janeiro. IN: FERRARI, Wendell. **Nas tramas da sexualidade**: um estudo sobre trajetórias afetivo-sexuais de homens jovens gays. Rio de Janeiro, 2021. Tese (Doutorado em Saúde Coletiva) - Instituto Nacional de Saúde da Mulher, da Criança e do Adolescente. Fundação Oswaldo Cruz. p.139-152.

FONSECA, Claudia. O anonimato e o texto antropológico: dilemas éticos e políticos da etnografia “em casa”. In: Schuch, Patrice Et all (orgs.). **Experiências, dilemas e desafios do fazer etnográfico contemporâneo**. Porto Alegre: Ed da UFRGS, 2010. p.39-53.

FRANÇA, Isadora. **Consumindo lugares, consumindo nos lugares**: homossexualidade, consumo e subjetividades na cidade de São Paulo. Campinas. 2010. [s. n.] Tese (Doutorado em Ciências Sociais) - Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Unicamp.

FRANÇA, Isadora. “Frango com frango é coisa de paulista”: erotismo, deslocamentos e homossexualidade entre Recife e São Paulo. **Sexualidad, Salud y Sociedad**, v.1, p. 13-39, 2013.

GEERTZ, Clifford. Descrição Densa. IN: GEERTZ, Clifford. **Interpretação das Culturas**. Rio de Janeiro: Zahar, 1978. p. 13-44.

GUIMARÃES, Eros Sester; Renan. O privilégio da miséria ou a miséria do privilégio. IN: OLIVEIRA, Thiago. **Homens nos mercados do sexo**: reflexões sobre agentes, espaços e políticas. 1.d. Salvador: Editora Devires, 2019, p.209-222.

HAMANN, Cristiano. Arenas de poder na prostituição masculina: notas sobre pesquisa. IN: OLIVEIRA, Thiago. **Homens nos mercados do sexo**: reflexões sobre agentes, espaços e políticas. 1.d. Salvador: Editora Devires, 2019, p.133-152.

HAMANN, Cristiano, et. al.; Marcadores de diferença e produção de si na prostituição entre homens. **Sexualidad, Salud y Sociedad**. n.34, 2020, p.68-89.

HARAWAY, Donna. Saberes localizados: a questão da ciência para o feminismo e o privilégio da perspectiva parcial. **Cadernos Pagu**, n.5, 1995.

HENNING, Carlos. **As diferenças na diferença**: hierarquia e interseções de geração, gênero, classe, raça e corporalidades em bares e boates GLS de Florianópolis, SC. Florianópolis, 2008. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social) - Centro de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal de Santa Catarina.

HINE, Christine. A internet 3E: uma internet incorporada, corporificada e cotidiana. **Cadernos de Campo**, São Paulo, v.29, n.2, 2020, p.1-42.

HIRANO, Luis Felipe Kojima. Marcadores sociais da diferença: rastreando a construção de um conceito em relação à abordagem interseccional e a associação de categorias. IN: Hirano, Luís Felipe Kojima, ACUÑA, Maurício, MACHADO, Bernardo Fonseca (Orgs), **Marcadores Sociais das diferenças**: fluxos, trânsitos e interseções. Goiânia, Editora Imprensa Universitária, 2019.

JESUS, José Wellington de. **Entre ruas e redes**: transformações e significados da prostituição masculina em Aracaju - SE. 2021, Dissertação (Mestrado em Antropologia Social) - Universidade Federal de Sergipe.

KEMPADOO, Kamala. Gender, race and sex: exoticism in the Caribbean. **Paper presented to the International Symposium** “O desafio da diferença: articulando gênero, raça e classe”. Salvador, 2000.

KIMMEL, Michael. A produção simultânea de masculinidades hegemônicas e subalternas. **Horizontes Antropológicos**, n.9, 1998.

KURASHIGE, Keith Diego. **Marcas do desejo**: um estudo sobre os critérios de “raça” na seleção de parceiros em relações homoeróticas masculinas criadas online na cidade de São Carlos. São Carlos, 2014. Dissertação (Mestrado em Sociologia) - Universidade Federal de São Carlos.

LAMBEVSKI, Sasho. Suck My Nation - masculinity, ethnicity and the politics of Homosex. **Sexualities**, v.2, n. 4, 1999.

LEITÃO, Débora K. e GOMES, Laura G. Etnografia em ambientes digitais: perambulações, acompanhamentos e imersões. **Antropolítica** - Revista Contemporânea de Antropologia, Niterói, v.42, n.1, 2017, p.41-65.

LINS, Beatriz; PARREIRA, Carolina; FREITAS, Eliane; Estratégias para pensar o digital. **Cadernos de Campo**, São Paulo, v.29, n.2, 2020, p.1-10.

LOPES, Tatiana Bezerra, PASSAMANI, Guilherme Rodrigues, ROSA, Marcelo Victor da. Cropes, desejos e prazeres interditados: anúncios de prostituição masculina em um jornal impresso de Mato Grosso do Sul. **Ñanduty**, v.9, n.14, 2021.

MACHADO, Igor. Sobre os processos de exotização na imigração internacional brasileira. **Revista de Antropologia**, v.51, n.2, 2008, p.699-733.

MOORE, Henrietta. **Feminism and Anthropology**. Minneapolis: University of Minnesota Press, 1990.

MOUTINHO, Laura. Negociando com a adversidade: reflexões sobre “raça”, (homos)sexualidade e desigualdade social no Rio de Janeiro. **Estudos Feministas**, v.14, n.1, 2006.

MISKOLCI, Richard. O armário ampliado - notas sobre sociabilidade homoerótica na era da internet. **Gênero**, v.9, n.2, 2009.

MISKOLCI, Richard. Machos e *Brothers*: uma etnografia sobre o armário em relações homoeróticas masculinas criadas *on-line*. **Estudos Feministas**, n.21, v.1, 2013.

MISKOLCI, Richard. Negociando visibilidades: segredos e desejo em relações homoeróticas masculinas criadas por mídias digitais. **Bagoas**, n.14, 2014.

MITCHELL, Gregory. Padrinhos *gringos*: turismo sexual, parentesco queer e as famílias do futuro. IN: PISCITELLI, Adriana; ASSIS, Gláucia; OLIVAR, José Miguel. (Orgs) **Gênero, sexo, amor e dinheiro**: mobilidades transnacionais envolvendo o Brasil. Campinas: Coleção Encontros, 2011, p.31-56

OLIVAR, José M. N. **Devir puta**: políticas da prostituição nas experiências de quatro mulheres militantes. Rio de Janeiro: Eduerj, 2013.

OLIVEIRA, Alessandro. Do “pedófilo” à “boylover”: ilusão ou uma nova categoria sexual que se anuncia?. IN: DÍAZ-BENÍTEZ, Maria; FÍGARI, Carlos. (Orgs) **Prazeres Dissidentes**. Rio de Janeiro: Garamond, 2009, p.455-480.

OLIVEIRA, Thiago. **Engenharia Erótica, Arquitetura dos Prazeres**: cartografias da pegação em João Pessoa, Paraíba. João Pessoa, 2016. Dissertação (Mestrado em Antropologia) - Universidade Federal da Paraíba

ORTNER, Sherry. Poder e projetos: reflexões sobre a agência. In: GROSSI, Miriam; ECKERT, Cornélia; FRY, Peter. (Orgs). **Conferências e diálogos**: saberes e práticas antropológicas. Blumenau, Editora Nova Letra, 2007, p.45-80.

PARREIRAS, Carolina. **Sexualidades no ponto.com**: espaços e homossexualidades a partir de uma comunidade online. Campinas, 2008. Dissertação. (Mestrado em Antropologia Social), Unicamp.

PASSAMANI, Guilherme. “É ajuda, não é prostituição”: sexualidade, envelhecimento e afeto entre pessoas com condutas homossexuais no Pantanal de Mato Grosso do Sul. **Cadernos Pagu**, n.51, 2017.

PELÚCIO, Larissa. Desejos, brasilidades e segredos: o negócio do sexo na relação entre clientela espanhola e travestis brasileiras. **Bagoas**, v.10, n.6, 2011, p.243-266.

PELÚCIO, Larissa. Introdução: agitada pelas sensações, início. IN: PELÚCIO, Larissa. **Amor em tempos de aplicativo**: masculinidades heterossexuais e a negociação de afetos na nova economia do desejo. Bauru: Unesp, 2017, p.9-25

PERLONGHER, Néstor. **O negócio do michê**: a prostituição viril. Editora Brasiliense, 1987.

PERLONGHER, Néstor. O contrato da prostituição viril. **Arq. Bras. Psic.**, n.37, v.2, 1985, p.94-105.

PINHO, Osmundo. A guerra dos mundos homossexuais - resistência e contra-hegemonias de raça e gênero. IN: RIOS, Luis Felipe, et. al.; (Orgs) **Homossexualidade**: produção cultural, cidadania e saúde. Rio de Janeiro, 2004, p.127-135.

PINHO, Osmundo. Introdução. IN: PINHO, Osmundo; SANSONE, Livio. (Orgs) **Raça**: novas perspectivas antropológicas. 2.ed, Salvador: EDUFBA, 2008, p.9-24.

PINHO, Osmundo. Race fucker: representações raciais na pornografia gay. **Cadernos Pagu**, v.38, 2012, p.159-195.

PISCITELLI, Adriana. “Interseccionalidades, categorias de articulação e experiências de migrantes brasileiras”. **Sociedade e Cultura**, v.11, n.2, 2008, p.263-274.

PISCITELLI, Adriana. Amor, apego e interesse: trocas sexuais, econômicas e afetivas em cenários transnacionais. IN: PISCITELLI, Adriana; ASSIS, Gláucia; OLIVAR, José Miguel.

(Orgs) **Gênero, sexo, amor e dinheiro**: mobilidades transnacionais envolvendo o Brasil. Campinas: Coleção Encontros, 2011, p.537-582

PISCITELLI, Adriana. 2013. **Trânsitos**: Brasileiras nos mercados transnacionais do sexo. Rio de Janeiro: Eduerj.

PISCITELLI, Adriana. Economias sexuais, amor e tráfico de pessoas – novas questões conceituais. **Cadernos Pagu**, v.47, 2016.

RUBIN, Gayle. **Políticas do sexo**. UBU, 2019.

SALDANHA, Rafael. **Classificados e o sexo**: anúncios de prostituição masculina em SC (1986-2005). Florianópolis, 2010. 200f.. Dissertação (Mestrado em História), Universidade Federal de Santa Catarina.

SANDERS, Teela, et. al. The digital sexual commerce landscape. IN: SANDERS, Teela et. al. **Internet Sex Work**: Beyond the Gaze. Palgrave Macmillan, 2018, p.23-54.

SANTOS, Élcio. Masculinidades. IN: SANTOS, Élcio. **Amores, vapores e dinheiro**-masculinidades, homossexualidades nas saunas de michês em São Paulo. São Paulo, 2012, Tese (Doutorado em Ciências Sociais), Universidade de São Paulo.

SANTOS, Élcio Nogueira. PEREIRA, Pedro Paulo Gomes. Amores e vapores: sauna, raça e prostituição viril em São Paulo. **Estudos Feministas**, v.24, n.1, 2016.

SANTOS, Daniel Kerry dos. Trabalho sexual exercido por homens: problematizações teórico-metodológicas e estratégias de pesquisa. IN: OLIVEIRA, Thiago. (Org) **Homens nos mercados do sexo**: reflexões sobre agentes, espaços e políticas. 1.d. Salvador: Editora Devires, 2019, p.51-76

SANTOS, Renato Caio Silva. **Segredo dos corpos nus**: masculinidades, corpolatria e significados da prostituição entre garotos de programa de luxo. São Paulo, 2019. Tese (Doutorado em Saúde Pública) - Universidade de São Paulo.

SANTOS, Sheila. Imersões, fluxos e desafios em uma etnografia no Tinder. **Cadernos de Campo**, São Paulo, v.29, n.2, 2020, p.1-20.

SIMÕES, Júlio. Gerações e identidades homossexuais entre homens: narrativa, tempo e diferença. IN: ASSIS, Gláucia; MINELLA, Luzinete; FUNCK, Susana. (Orgs) **Entrelugares e mobilidades: desafios feministas**. Tubarão, 2014. v.3, p. 365-382.

VELHO, Gilberto. Observando o familiar. In: VELHO, Gilberto. **Individualismo e Cultura**. Rio de Janeiro: Zahar, 1978, p. 123-132.

VELHO, Gilberto. O desafio da proximidade. In: VELHO, Gilberto; KUSCHNIR, Karina. **Pesquisas urbanas**: desafios do trabalho antropológico. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2003, p.11-19.

VIANA, Normando. **É tudo psicológico! Dinheiro... pruuu! Fica logo duro!:** desejo, prazer e excitação entre boys de programa com práticas homossexuais em Recife. Recife, 2010. Dissertação (Mestrado em Psicologia) - Universidade Federal de Pernambuco.

VIGOYA, Mara. La sexualización de la raza y la racialización de la sexualidade em el contexto latino-americano actual. In: CAREAGA, G. **Memorias del 1er encuentro latino-americano y del caribe:** la sexualidade frente a la sociedade. México, 2008.

VIGOYA, Mara. **As cores da masculinidade:** experiências interseccionais e práticas de poder na Nossa América. Rio de Janeiro: Papéis Selvagens, 2018.

WALBY, Kevin. **Touching Encounters:** sex, work and male-for-male internet escorting. The University of Chicago Press, 2012.

WEITZER, Ronald. Sex Work: types and paradigms. IN: WEITZER, Ronald. **Sex for Sale:** prostitution, pornography, and erotic dancing. New York, Routledge, 2023.

ZAGO, Luis. Mercado da Carne: os caçadores de corpos. IN: ZAGO, Luis. **Os meninos:** corpo, gênero e sexualidade em e através de um *site* de relacionamentos. Porto Alegre, 2013. 331f.. Tese (Doutorado em Educação) - Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, p.121-162.